UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

TATIANA SOLIMEO

Migrantes Bolivianas e a Gravidez: Saúde Pública na Zona Leste, Trajetórias e Especificidades

São Paulo
2017

TATIANA SOLIMEO

Migrantes Bolivianas e a Gravidez: Saúde Pública na Zona Leste, Trajetórias e Especificidades

Versão original

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:
Cultura, Política e Identidades

Orientador:
Prof^a. Dr^a. Valéria Barbosa Magalhães

São Paulo
2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Solimeo, Tatiana

Migrantes bolivianas e a gravidez : saúde pública na zona leste, trajetórias e especificidades / Tatiana Solimeo ; orientadora, Valéria Barbosa Magalhães. – 2017.

140 p.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Versão original

1. Migração - Brasil - Bolívia. 2. Mulheres. 3. Bolivianos.
4. Migrantes - Condições sociais - São Paulo (SP). 5. Gravidez.
6. Saúde pública - São Paulo (SP). 6. Região leste
- São Paulo (SP). I. Magalhães, Valéria Barbosa, orient. II. Título
CDD 22.ed.- 304.881084

Nome: SOLIMEO, Tatiana

Título: Migrantes Bolivianas e a Gravidez: Saúde Pública na Zona Leste, Trajetórias e Especificidades

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:
Cultura, Política e Identidades.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Às mulheres que migram.

Agradecimentos

Agradeço meu orientador José Renato Campos Araújo, por me despertar esse grande interesse na área de migrações, por toda confiança depositada em mim e a atenção dedicada a essa pesquisa.

Um agradecimento sincero, para as gestoras das Unidades Básicas de Saúde, pela atenção dispensada e a solicitude. Também devo agradecer especialmente a Ana Paula Campos Araújo Moreira do Centro de Epidemiologia e Informação por toda colaboração com os dados, e a disposição de sanar minhas dúvidas.

Um agradecimento especial a todas as gestantes entrevistadas que dispensaram de seu tempo entre as consultas de pré-natal para compartilharem um pouco de suas histórias e trajetórias nos bairros Penha e Cangaíba. Com certeza essa pesquisa não teria acontecido se não fosse por toda a entrega e disposição das gestantes bolivianas em participar das entrevistas com a pesquisadora dentro das Unidades Básica de Saúde.

Agradeço principalmente minha família pela paciência e por estarem sempre comigo nessa caminhada. Minha irmã que sempre esteve comigo, me dando força necessária para seguir em frente. Meu pai pelo brilhantismo. Meu irmão pelos pés no chão e minha mãe pela compreensão e carinho. Aos amigos que me ajudaram a realizar essa etapa, devo muita gratidão, a Uolli por toda ajuda na diagramação, ao Carlos por transformar meu prazer na fala no prazer pela escrita. A todos que estiveram por perto e depositaram energia e crença nesse trabalho.

“Romper o silêncio, sair da sombra, inserir-se na cultura, conquistar o lócus, inscrever-se na História- esta tem sido a tarefa da mulher desde que se decidiu a fazer o uso da voz e da escrita, na tentativa de forjar-se enquanto sujeito” (REIS, 1999 p116).

RESUMO

SOLIMEO, Tatiana. **Migrantes bolivianas e a gravidez:** saúde pública na zona leste, trajetórias e especificidades. 2017. 148p. Dissertação (Mestrado em ciências) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Versão original.

“Migrantes Bolivianas e a Gravidez: Saúde Pública na Zona Leste, Trajetórias e Especificidades” é uma pesquisa dos estudos culturais, que tem como eixo norteador entrevistas realizadas com gestante migrantes bolivianas nos bairros Penha e Cangaíba. O foco da pesquisa são mulheres bolivianas gestantes, e seu relacionamento com as políticas públicas de maternidade dentro das Unidades Básicas de Saúde -UBS. O objetivo é conhecer as experiências vividas pelas mulheres bolivianas desde de sua trajetória, o momento que se reconhece como migrante e como a sua condição de gênero interfere nesse processo, bem como compreender os padrões da inserção territorial desse grupo específico, sendo fundamental para entender os processos de exclusão e segregação da cidade. Pretende-se compreender as especificidades da experiência de migrar sendo mulher e como as diferenças culturais e identitárias afetam esse processo. Para isto, realizou-se uma análise qualitativa de 15 entrevistas, tendo resultados que sinalizam sobre a inserção das bolivianas na penha e o quanto as diferenças de gênero redefinem o processo da imigração.

Palavras-chave: Mulheres bolivianas. Maternidade. Migração internacional. Zona Leste.

ABSTRACT

SOLIMEO, Tatiana. **Bolivian migrants and pregnancy:** public health at east zone, trajectory and specificities. 2017. 146p. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2017. Type version.

“Bolivian Migrants and Pregnancy: Public Health at East Zone, Trajectory and Specificities” is a research in Cultural Studies which is guided by interviews with Bolivian pregnant migrants at Penha and Cangaíba neighborhood. The focus of the research is Bolivian pregnant migrant and their relationship with health public policies inside the health Basic Health Units, so called UBS. The objective is to get to know the experience lived by those Bolivian women since their trajectories, the moment they recognize themselves as migrants and how the gender condition interfere in this process, as well as to comprehend the stands insertion conditions at this specific territory, fundamental to understand the segregation and exclusion processes of the city. The research intent to understand the specificities of the experience of migration being a woman and how cultural and identity differences affects this process. For that, 15 qualitative interviews were made and obtained results that indicate about Bolivian women insertion and how gender differences redefine the immigration process.

Keywords: Bolivian women. Maternity. International migration. East Zone.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Concentração de Migrantes Bolivianos, Censo 2000-2010.....	65
Figura 2 - Delimitações do Distrito Penha.....	70
Figura 3 - Delimitações do Distrito Penha.....	71
Figura 4 - Panfleto sobre cuidados da festação em espanhol – frente.....	79
Figura 5 - Panfleto sobre cuidados da festação em espanhol – costas.....	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de migrantes bolivianos pelo mundo – 2009.....	44
Tabela 2 - Cobertura do Setor Público de Saúde, Bolívia – 2001/2009.....	53
Tabela 3 - Idade Média ao morrer comparação distrital 2010.....	73
Tabela 4 - Per capita por distrito.....	73
Tabela 5 - Sumário das entrevistas realizadas.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMA	Assistência Médica Ambulatorial
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CDHIC	Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante
CECCO	Centro de Convivência Coopertativa
CPMIG	Coordenação de Políticas para Migrantes
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CSEBF	Centro de Saúde Escola Barra Funda
DA	Distrito Administrativo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMINA	<i>Investigación de la Migración Internacional en Latino América</i>
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
INE	<i>Instituto Nacional de Estadística</i>
MJ	Ministério da Justiça
MMI	Mulher Migrante Internacional
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONSP	Observatório Nossa São Paulo
PMSP	Prefeitura Municipal de São Paulo
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PSF	Programa de Saúde da Família
SECONSI	Serviço Social da Construção Civil do Estado de São Paulo
SINASC	Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos
SISNEP	Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos
SUDS	Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
SUVIS	Supervisões de Vigilância em Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	14
1.1.	OBJETIVO.....	17
1.2.	METODOLOGIA.....	18
2.	IDENTIDADE E ESTUDOS MIGRATÓRIOS.....	23
2.1.	TEORIAS CLÁSSICAS E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MIGRANTE....	23
2.2.	IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE.....	27
2.3.	CONTRIBUIÇÕES GÊNERO.....	34
2.4.	MIGRAÇÕES E GÊNERO.....	39
3.	MULHERES BOLIVIANAS EM SÃO PAULO.....	43
3.1.	HISTÓRICO DAS MIGRAÇÕES BOLIVIANAS.....	43
3.2.	ATUALIDADE E VULNERABILIDADE DAS MULHERES BOLIVIANA..	47
3.3.	MULHERES BOLIVIANAS E A SAÚDE PÚBLICA NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	52
3.4.	MATERNIDADE E MULHERES MIGRANTES BOLIVIANAS.....	60
4.	MATERNIDADE E MIGRAÇÃO: TERRITÓRIO E TRAJETÓRIAS.....	63
4.1.	PENHA E CANGAÍBA: MIGRAÇÃO E TERRITÓRIO.....	63
4.2.	UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE (UBS): CARLOS GENTIL DE MELO, ENGENHEIRO TRINDADE E DR. JOSÉ PIRES.....	74
4.2.1.	UBS ENGENHEIRO TRINDADE.....	77
4.2.2.	UBS ENGENHEIRO GOULART.....	80
4.2.3.	UBS CARLOS GENTILE DE MELO.....	82
4.3.	MÃES BOLIVIANAS: TRAJETÓRIAS E MATERNIDADE NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	84
4.4.	TERRITORIALIDADES.....	87
4.5.	CONDICIONANTE DE GÊNERO.....	91
4.6.	RELATOS DAS COLABORADORAS.....	103
4.6.1.	CATARINA.....	104
4.6.2.	JUANA.....	104
4.6.3.	MERCEDES.....	105
4.6.4.	AURORA.....	105
4.6.5.	VICTORIE.....	105

4.6.6. YHOBANA.....	106
4.6.7. LUCRECIA.....	106
4.6.8. ROSA.....	107
4.6.9. EDIT.....	108
4.6.10. DOMITILA.....	108
4.6.11. MARLENE.....	108
4.6.12. MAGDALENA.....	109
4.6.13. JIMENA.....	109
4.6.14. ROSMERY.....	110
4.6.15. TRANSCRIÇÃO ROXANA.....	110
5. CONCLUSÃO.....	120
6. REFERÊNCIAS.....	127
7. APÊNDICÊS.....	137
7.1 APÊNDICE A – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO 1.....	137
7.1 APÊNDICE B – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO 2.....	139
7.2 APÊNDICE C – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO 3.....	141
7.3 APÊNDICE D – ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO 4.....	142
7.4 APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO	144
8. ANEXO.....	148
8.1 ANEXO 1 – POESIA CALLE13.....	148

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca ampliar o debate acerca da migração feminina de mulheres bolivianas em São Paulo, em especial no bairro da Penha, destacando seu protagonismo no processo e reverberando suas vozes e experiências. O interesse por este estudo começou em 2013, quando a pesquisadora finalizou sua graduação em Gestão de Políticas Públicas, concluindo sua monografia com o estudo da relação do estado, em especial os serviços de saúde, com as mulheres bolivianas. Durante a realização da arguição da banca, houve um questionamento sobre como as migrantes¹ bolivianas enxergavam o estado brasileiro e, para além disso, como elas viam essa relação. Essas questões foram fundamentais para a produção do projeto de pesquisa deste mestrado, que visava justamente compreender e se aproximar das trajetórias das mulheres migrantes. Além disso, outra fonte de interesse na pesquisa é a proximidade da pesquisadora com o território estudado, os bairros da Penha e Cangaíba. O interesse em estudar o fenômeno do aumento de fluxo da migração boliviana para esses bairros surgiu inicialmente de forma empírica, pois a pesquisadora reside no bairro da Penha, sendo assim possível analisar a chegada da migração e sua inserção de forma ativa, observando os impactos e mudanças trazidos por ela.

Os bairros estudados, inclusive, são vizinhos do bairro de Ermelino Matarazzo, no qual a Escola de Artes Ciências e Humanidades - EACH/USP está localizada. Esse fato intensificou o interesse pela pesquisa, pois um dos pilares desta universidade é a aproximação de seu campus com o entorno, por isso acredita-se que ampliar pesquisas que expandam o conhecimento pelas especificidades da região da Zona Leste contribui de maneira significativa na valorização da mesma. Por fim, cabe destacar que a pesquisa não se propõe a total neutralidade da pesquisadora no que diz respeito à escolha do recorte temático, existe um viés político na decisão de uma reflexão intensa sobre migração feminina em um bairro periférico na Zona Leste de São Paulo. Tanto os temas ligados à questão de gênero dentro de estudos migratórios quanto discussões sobre território fora do centro de São Paulo recebem menor atenção. A pesquisa aqui desenvolvida se propõe a capilarizar essa discussão para mais territórios dentro da

¹ Neste momento faz-se necessário explicar a utilização do termo “*migrante*”. De acordo com os estudos de Sayad (1998), todo “*imigrante*” (chega à um novo país) é também um “*emigrante*” (que sai do seu país). Sendo assim sua identidade é composta ao mesmo tempo desses dois conceitos. Para a pesquisa apresentada empregaremos o termo “*migrante*” para abarcar a complexidade dessa identidade e a utilizaremos em todo o trabalho.

cidade de São Paulo, especificamente na Zona Leste, como também ambiciona dar destaque às especificidades da questão de gênero nesse processo, a partir da fala das gestantes pesquisadas.

O trabalho apresentado se propõe discutir migração com o foco na gestante boliviana em São Paulo e as suas narrativas quando em contato com Unidades Básicas de Saúde – UBS das regiões da Penha e Cangaíba. Apesar da compreensão de que a migração internacional é um fenômeno social completo, ou seja, ela atinge todas as esferas da sociedade, seja na política, na economia, na cultura, no ambiente, no mental e em outros campos sociais (SAYAD, 1998), a presente pesquisa pretendeu se debruçar no campo teórico do reconhecimento do sujeito migrante e o caminho percorrido até seu reconhecimento e a sua representação social como mulher migrante internacional.

De fato, historicamente, na literatura sobre migrações internacionais, a presença da mulher foi negligenciada durante muito tempo, aparecendo em poucos casos de forma caricaturada como “dependentes passivas”. Sua relação no contexto migratório foi amplamente introduzida com os termos genéricos de “imigrantes” ou “família do imigrante”, sendo invisível sua condição de gênero. Neste sentido, Weimberg (1992) reforça esse argumento, descrevendo que por muito tempo as pesquisas históricas eram orientadas pelos valores da época, apresentando uma linha tradicional e patriarcal. A migração não fica de fora desse bojo, sendo abordada quase sempre, como uma questão masculina, neutralizando assim a mulher nesse processo.

Sendo assim, o fenômeno migratório é apresentado largamente como um aspecto masculino, não pela ausência da mulher e sim por ela não ser objeto de análise. Esse fato da história da mulher ser ocultada na migração internacional não é um fato isolado, ele está presente em muitos outros aspectos da vida. Portanto, compreender a mulher como sujeito migrante requer uma pesquisa inicial de levantamento nas fontes teóricas e nas concepções que foram sendo adotadas sobre o sujeito dentro do seu contexto histórico, até chegar nos seguintes conceitos: o que é o sujeito migrante internacional na contemporaneidade; e a questão de gênero na formação da identidade dos sujeitos.

Neste sentido o trabalho estruturou-se de maneira a criar uma referência teórica sobre o tema da relação migração, identidade e gênero. Buscando ainda contemplar as seguintes discussões: concepções da identidade e migração no período moderno e pós-moderno; migrações contemporâneas, sua relação com o sistema econômico vigente e a organização dos Estados Nacionais. Também optou-se discutir a situação da mulher dentro do contexto migratório, seu histórico e o atual cenário das mulheres bolivianas

no Bairro em São Paulo. Por fim, procurou-se conhecer as trajetórias das migrantes bolivianas na gravidez, entendendo seus caminhos e sua relação da migrante com o território e com sistema de saúde em São Paulo através de entrevistas livres.

O objeto de estudo da pesquisa são as mulheres bolivianas na região da Penha e Cangaíba, tendo como norte apontar a peculiaridade das questões de gênero no que tange as dinâmicas migratórias. A hipótese da pesquisa é que as construções culturais da diferença de gênero afetam as motivações referentes à mobilidade espacial de homens e mulheres, ou seja, as condições sociais determinam a identidade, subjetividade e necessidades de homens e mulheres influenciando diretamente na construção e manutenção das relações de gênero, que nas sociedades latinas tendem a estabelecer a figura do homem no centro das relações públicas, econômicas e políticas, configurando-se como sociedades patriarcais (GOMES, 2008). Sendo assim, esses condicionantes do gênero orientam a pesquisa para a análise das especificidades da vivência feminina e seus possíveis desdobramentos no âmbito cultural, se alocando aí a escolha pelo estudo da questão da maternidade.

Sendo o foco da pesquisa mulheres bolivianas gestantes dentro do serviço público de saúde no território da Penha e Cangaíba, será detalhado as motivações para esse recorte:

- a. A escolha da política de maternidade, para reconhecer na migração a vivência da gestação, sendo única por sua condição de mulher,
- b. A possibilidade de se conhecer a vivência e trajetórias das mulheres bolivianas para compreender assim seu deslocamento pela cidade de São Paulo, a sua relação com território e com isso as interações sociais com a sociedade de chegada e com a sua própria rede migratória.
- c. Busca-se na pesquisa criar caminhos para escuta das mulheres bolivianas com o objetivo de contribuir para potencializar sua voz, pois se acredita que seja essa uma forma de contribuir com a visibilidade das histórias dessas mulheres, permitindo espaço na pesquisa para a autorepresentação das gestantes bolivianas criando as condições para potencializarmos suas vozes.;
- d. Alguns estudos indicam um acesso crescente das migrantes bolivianas às UBSs (WALDMAN, 2011), sendo as principais questões apontadas: o desenvolvimento dos acompanhamentos pré-natais, a existência de um número relevante de casos de sífilis e a forma de realização de parto (normal ou cesárea). Ainda assim, as pesquisas demonstraram uma necessidade de aprofundamento com relação à qualidade do acesso

das bolivianas no quesito da dificuldade de comunicação, existência de preconceito e desrespeito cultural.

e. Motivações dentro do processo de gestação. Sabe-se que na legislação brasileira o processo de regularização além de demorado e custoso apresenta poucas alternativas à necessidade de visto, sendo elas: que o cônjuge seja brasileiro ou que a pessoa seja genitora de prole brasileira (art.75, II da Lei nº 6815\80); na condição de professor, técnico ou pesquisador de alto nível (RN nº 01/97); através de anistia (Lei nº 11961/2009) ou saindo do país e solicitando o visto para o seu retorno. Portanto a maternidade de uma migrante internacional passa por outros significados para o país de chegada, podendo apresentar outro olhar sobre este processo.

1.1.2. Objetivo Central

A pesquisa a ser realizada busca ampliar estudos sobre migração boliviana, destacando a migrante neste processo e suas trajetórias e especificidades na região da Penha e Cangaíba através da utilização das UBSs.

1.1.3. Objetivos Específicos

- a. Ampliar o olhar para as vivências das gestantes bolivianas na região Penha e Cangaíba;
- b. Compreender a relação das migrantes bolivianas com o sistema público de saúde, em especial na UBS;
- c. Compreender a inserção territorial das migrantes bolivianas pela Penha e Cangaíba;
- d. Potencializar a voz das gestantes bolivianas a respeito da utilização do serviço de maternidade da UBS.

1.2. Metodologia

Para atingir os objetivos propostos pelo projeto de pesquisa adotou-se a metodologia detalhada nos itens descritos abaixo:

- a. Inicialmente realizou-se um aprofundamento teórico com coleta de dados e pesquisa bibliográfica em bases nacionais e internacionais, se utilizando de livros, revistas especializadas, mestrados, doutorados e artigos científicos sobre os temas: I - migrações internacionais; II - gênero identidade e migrações; III - migração boliviana; IV - maternidade e migração.
- b. Em um segundo momento foi realizado um levantamento e análise normativa referente à legislação brasileira no que tange a gestão migratória do país, a nível federal, estadual e no município de São Paulo. A pesquisa se fundamentou em elementos que corroboraram na compreensão da presença e/ou ausência de iniciativas do Estado na questão dos estrangeiros na área da saúde.
- c. Com a escolha das regiões² foi realizado um levantamento de dados relativos à informações deste território que foram retirados do Censo 2000 e 2010, além de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Observatório Nossa São Paulo - ONSP, *Instituto Nacional de Estadística* – INE da Bolívia, Ministério da Justiça- MJ, Polícia Federal - PF, *Investigación de la Migración Internacional en Latino América* - IMILA, Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante - CDHIC, Prefeitura Municipal de São Paulo – PMSP e Coordenação de Políticas para Migrantes do Município de São Paulo - CPMIG. Após a coleta de dados foram realizadas entrevistas dentro dos distritos acima definidos. As entrevistas foram realizadas com os (as) responsáveis da Coordenadoria de Saúde, Conselho de Saúde e Supervisões de Vigilância e Saúde - SUVIS com entrevistas do tipo roteiro semiestruturado³, acerca da

² Antes de aproximarmos o estudo a análise dos territórios escolhidos, será feita uma ressalva para melhor compreensão da pesquisa. A escolha das regiões Penha e Cangaíba foram balizadas a partir de uma prévia pesquisa sobre as localidades da Zona Leste que apresentam um número considerável de mães bolivianas que procuram ou já procuraram o Sistema Único de Saúde. Foram realizadas buscas através de dados da Coordenadoria Regional de Saúde da Região Sudeste, no Departamento de Epidemiologia e Informação (utilizando como caminho a rede intranet da coordenadoria para coletar dados do “BI do Programa Mãe Paulistana”) e também pelo programa Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos - SINASC, no período de 2015, possibilitando o estabelecimento de um recorte sobre os distritos da Zona Leste que apresentam um maior número de bolivianas, sendo eles: Cangaíba e Penha. Este cruzamento de dados de distritos e nascidos vivos é um ponto de partida para de entender tanto o deslocamento da mulher boliviana pelos distritos da zona Leste Assim como a sua procura por políticas de maternidade sendo realizada previamente para definir o escopo de atuação da pesquisa.

³ Todas as entrevistas desta pesquisa contarão com o uso de recursos de áudio. Nos apêndices encontram-se os quatro roteiros básicos definidos até o momento: 1) direcionado para integrantes de coordenadorias

presença da população boliviana nas regiões previamente estabelecidas (Penha e Cangaíba), constatando a existência (ou não) de políticas públicas para a população migrante internacional, em especial as voltadas para a mulher.

d. Definidas as UBSs partir das entrevistas acima citadas, foram realizadas entrevistas com as gestoras, também no formato de roteiro semiestruturado. Um dos objetivos da pesquisa foi entender como o serviço público de saúde se constitui e qual sua infraestrutura para o atendimento das migrantes internacionais. Neste passo da metodologia também se aproveitou os momentos de entrevista com as gestoras para se definir como seriam feitas as entrevistas dentro das UBSs, visto que cada uma delas tem sua própria dinâmica de planejamento de consulta e de infraestrutura interna.

e. O elemento central da metodologia e, conseqüentemente, da pesquisa aqui apresentada foram as entrevistas realizadas com as gestantes bolivianas dentro dos espaços das UBSs, sendo assim far-se-á no momento uma apresentação detalhada dos processos envolvidos na produção destes dados.

As entrevistas seguiram a metodologia de entrevista livre em profundidade, ou seja, se utilizaram apenas poucas perguntas norteadoras durante estes momentos, mas o cerne deste processo se consistiu na manutenção de espaços de interação livre com as entrevistadas que objetivavam conhecer suas histórias, trajetórias e, principalmente, proporcionar que se extraíssem as narrativas individuais de cada uma delas, sendo o importante a construção do discurso de si. Aqui, cabe uma ressalva, pois para o projeto passar pelo Ministério da Saúde, através do Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa - SISNEP envolvendo Seres Humanos era necessária apresentar o roteiro de entrevista semi-estruturado, porém a metodologia de entrevista usada foi a livre.

Toda esta etapa da metodologia teve como fundamento garantir que não se perdesse a subjetividade do processo e que fosse possível a maior aproximação da pesquisa com as vivências das gestantes bolivianas.

Como tão bem colocado por Romanelli (1998, p.128)

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo.

e de outros órgãos de gestão da saúde pública da Zona Leste; 2) gestores e/ou pessoas que exerçam cargo de chefia nas UBS; 3) ONG mulheres migrantes; 4) Entrevistadas das UBSs: gestantes de origem boliviana. Todas as entrevistas da pesquisa serão conduzidas pessoalmente pela própria pesquisadora.

No que diz respeito à seleção do grupo de amostra para as entrevistas, é importante demarcar que dado o caráter qualitativo desta metodologia a intenção na seleção das entrevistadas não foi guardar significância estatística, portanto o conjunto se definiu conforme o desenvolvimento da pesquisa de campo.

Alguns estudos apontam a dificuldade de entrevistas com migrantes bolivianos, pois como analisado por Lopes e outros autores a condição da migrante boliviana indocumentada, muitas vezes produz uma relação de receio e desconfiança com o pesquisador, pelo medo de ser entregue a Polícia Federal. Para Lopes (2011, p.55)

A dificuldade de encontrá-las e convencê-las a nos oferecer o tempo da entrevista não foi tão simples, bem como sua posterior análise, visto que em algumas havia um claro temor com o uso destes dados. Tal temor silencioso nos parecia estar, obviamente, ligado ao medo de que pudéssemos denunciá-las como ilegais no país.

Para tanto, apresenta-se a seguinte estrutura: No capítulo 1, uma pequena revisão a respeito dos processos migratórios ao longo da história, demarcados aqui pelo período moderno e pós-moderno. Esta escolha se faz primeiro por uma necessidade de limite de escopo, já que migrações é um tema estudado por muitas áreas do conhecimento como sociologia, antropologia, economia, história, geografia, demografia, relações internacionais, estudos culturais, entre outras. Segundo, pela própria singularidade da pesquisa-as trajetórias e especificidades das mulheres gestantes bolivianas em São Paulo na região da Penha e Cangaíba.

Foram encontrados vários estudos, pesquisas e teorias sobre a mobilidade das pessoas pelo mundo e nesse processo alguns desses aspectos se tornaram clássicas referências para se entender o caminho da mobilidade humana ao longo da história. Considera-se como fundamentais aqui as transformações históricas que envolvem a migração e a formação do conceito de mulher neste contexto, perpassando pela modernidade até a pós-modernidade.

É apresentada uma discussão a respeito do que é ser imigrante, discutindo o conceito de identidade no contexto histórico entre modernidade e pós-modernidade. Em seguida são discutidas as teorias clássicas sobre a conceitualização do que é formativo do sujeito imigrante, abrindo o campo, para apresentar a histórica tensão entre os argumentos da importância cultural e, em contraponto, a econômica como fatores fundantes para a mobilidade de pessoas. Seguindo esta linha, são introduzidos conceitos

e conteúdos fornecidos por autores dos estudos culturais, que dão luz no debate da migração contemporânea e suas urgências específicas.

Ao fim do capítulo são colocadas as contribuições do conceito de gênero e como ele foi importante para ampliar estudos sobre as mulheres e para além disso, rompendo com a visão reducionista sobre a discussão do que é o indivíduo e quais influências recaem sobre ele. Todo esse arcabouço teórico acerca de temas como identidade, gênero e migrações, serviram como base para compor a produção do subitem “migrações e gênero”, onde se apresentou toda a produção sobre mulheres que migram e suas condicionantes nesse processo. Este capítulo se fez necessário devido a amplitude e complexidade do processo de migrar, não cabendo apenas uma definição ou uma faceta do conceito, sendo de grande relevância dar clareza a cada um desses elementos para compreender a singularidade de cada uma das narrativas das gestantes bolivianas que virão a seguir.

O Capítulo 2 aborda o contexto das mulheres migrantes, e a sua amplitude na literatura migratória, para, a partir dessa perspectiva, apresentar a migrantes bolivianas e suas múltiplas situações de vulnerabilidade, sendo elas: a condição de migrante e sua difícil circunstância de lidar com as diversas perdas decorrentes da mudança do seu país, a condição muito comum de indocumentada e por isso desamparada de seus direitos e a condição de ser mulher e ter de enfrentar condições associadas às questões de gêneros. Ainda assim a análise caminha em direção da relação das bolivianas com os serviços de saúde ligados à maternidade na cidade de São Paulo, dentro das UBSs. Para esse estudo são utilizadas pesquisas sobre a relação das mulheres bolivianas com o Serviço de Saúde e entrevistas com profissionais da área, que permitiram uma maior aproximação com a realidade para possíveis análises a respeito de como as gestantes bolivianas se sentem.

O último capítulo diz respeito à pesquisa de campo de fato, momento onde foi produzido material, gerados dados e realizadas as entrevistas a fim de responder as hipóteses fundantes da tese. Inicialmente se expôs um resumo teórico sobre as regiões estudadas, Penha e Cangaíba, indicando suas presenças territoriais na história de São Paulo e a avaliação de dados sobre seu perfil socioeconômico, havendo uma reflexão sobre a relação entre o público-alvo da pesquisa e o território em questão, principalmente no seu processo de inserção nos locais citados, como também uma análise acerca de seus motivos de chegada e o seu processo permanência e fixação.

Em um momento posterior são apresentadas as UBSs componentes da pesquisa, sendo apresentada sua estrutura e o trato na relação com as migrantes gestantes, incluindo aí o processo de aproximação com as Unidades Básicas de Saúde e a realização das entrevistas. Após esse momento é realizada a análise das entrevistas e, a partir delas, foram levantados alguns temas discutido na pesquisa, observada sua evidência entre todas as entrevistas; as temáticas expressavam sentidos significativos da vida dessas mulheres como: I - maternidade dentro da cultura de origem; II - suas condições de trabalho e de vida; III - sua condição como migrante internacional; e IV - vivências como gestante migrante na Penha. Esta etapa da pesquisa está baseada em diferentes análises sobre esse grupo de migrante gestantes, as quais buscaram trazer uma riqueza de olhares sobre seu processo migratório com a intenção de contribuir para este campo pouco pesquisado de mulheres gestantes bolivianas da Zona Leste, Penha.

Pretendeu-se nesta etapa desenvolver um olhar mais amplo sobre a migração feminina, saindo de visões reducionistas e estereotipadas sobre mulheres migrantes como um bloco homogêneo de mulheres subjugadas nas sociedades de origem e partida, e não como mulheres de transformação de suas próprias vidas e das condições que as rodeiam.

Ainda assim, após a análise das entrevistas com as gestantes das UBSs, foi realizado levantamento das convergências e divergências de suas trajetórias e especificidades como migrantes bolivianas no processo das suas gestações. Nesta última seção foram apresentados brevemente os relatos das entrevistas em nossa pesquisa. Por último, um dos relatos foi exposto na íntegra, que funcionou como fio condutor para compreensão das experiências migrantes de todas as entrevistas, como destaque para as condicionantes de gênero. A opção de dar visibilidade dos relatos na pesquisa fez-se pela importância de conhecer cada narrativa das migrantes bolivianas, como também aproximar o leitor para as vivências das gestantes bolivianas.

2. IDENTIDADE E ESTUDOS MIGRATÓRIOS

2.1. Teorias Clássicas e a Construção do Sujeito Migrante

Por muito tempo os estudos migratórios estiveram inseridos dentro do prisma demográfico, econômico e sociológico (GOMES, 1996). Até os anos 1970, o fenômeno migratório era analisado sob uma perspectiva neoclássica apresentando uma expressão estritamente econômica, resultando em estudos demográficos baseados em uma situação de mercado universal onde o comportamento das migrações depende dos trabalhadores e dos capitalistas para equilibrar o mercado de trabalho. O espaço geográfico, dessa forma, poderia ser equilibrado ou desequilibrado pelos movimentos migratórios tendendo no fim para uma homogeneização populacional.

De acordo com Salim (1992, p.78)

Para este tronco teórico, os movimentos populacionais correspondem à mobilidade geográfica dos trabalhadores. Esta, por sua vez, surge de desequilíbrios espaciais dos 'fatores de produção': terra, capital e recursos naturais.

Essa corrente de pensamento tem suas bases no individualismo, onde cada sujeito seria responsável por suas escolhas e elas seriam tomadas de maneira totalmente racional, não levando em consideração o trabalho como fator determinante nos movimentos migratórios. Esta construção conceitual possui uma ideia determinista, que baseia sua análise na identificação e quantificação de fluxo, trabalhando como uma situação de causa e efeito e considerando a migração internacional como um fato isolado e pontual. Esse enfoque torna-se a-histórico e oportunamente apolítico (BECKER, 1997).

A partir da estruturação de novas correntes teóricas alicerçadas no materialismo histórico que se consolida a corrente analítica que será chamada de histórico estrutural. Essa linha analisará aspectos sociais e históricos (Idem) desenvolvendo sua teoria com base em estudos das classes sociais e a influência que as estruturas da sociedade têm sobre as migrações. Portanto, segundo esses pensadores, só é possível compreender um fenômeno social levando em consideração os demais processos sociais relacionados. Os indivíduos, nessa linha de pensamento, deixam de ser uma fonte primordial de informações.

Este enfoque utiliza-se de estudos regionais e características das áreas de origem do migrante para compreender esse movimento. Os processos de expulsão podem estar ligados aos aspectos econômicos ou, mais especificamente, ao modo de produção ou a sua transformação. Nesta abordagem, o ponto principal a ser analisado é a macro política e o desenvolvimento do sistema capitalista. O sujeito aqui perde seu papel protagonista de decidir para onde quer ir⁴ e se torna inexistente, se moldando conforme pressões econômicas.

No mesmo momento histórico, final dos anos 60 começo dos 70, em que essas teorias estavam sendo produzidas, Gaudemar, um teórico marxista, com seu livro *“A Mobilidade do Trabalho a Favor do Capital”*, de 1977, contestou exaustivamente as vertentes estruturalistas, trazendo o conceito de “mobilidade forçada”, com isso partir dele inicia-se um outro tronco teórico nos estudos migratórios, o Neomarxismo. De acordo com o Gaudemar, mobilidade por trabalho é um dos fatores fundantes da economia de acumulação de capital. Sua obra sobre mobilidade forçada é central para a discussão da mobilidade do trabalho, retomando a condição de homem como mercadoria e se diferenciando em seu valor de troca para o valor de uso.

Segundo o teórico, homem é uma mercadoria dotada da sua capacidade de força de trabalho, que transforma o dinheiro em capital e a forma de existência do trabalho sobre o capital se dá graças à mobilidade. O principal conceito para se pensar em mobilidade é a dupla condição da liberdade contida no uso da força de trabalho, onde se é livre para vender sua força de trabalho aonde quiser⁵, mas se é preso na necessidade de ter que vendê-la. Nessa relação de dupla liberdade, a mobilidade aparece como central do sistema capitalista, que submete o deslocamento dos trabalhadores ao modo de produção do sistema, distinguindo assim o trabalhador “livre” do trabalhador escravo.

Para Gaudemar (1977, p.198)

Se, se afirmou que o capitalismo começava com a exploração da força de trabalho, é necessário acrescentar que ele só poderia nascer uma vez que o trabalhador tivesse adquirido esta mobilidade.

Esta linha teórica ressalta que as migrações não podem ser concebidas fora da realidade e da lógica do trabalho social. O capitalismo, ao gerar um contingente de força

⁴ Como seria no Modelo Neoclássico.

⁵ Cabe uma ressalva a respeito desta teoria que atualmente não se sustenta teoricamente devido à dinâmica internacional, em que todos os países têm suas leis migratórias e trabalhistas, que não permitem essa livre mobilidade em busca do capital.

de trabalho maior do que a demanda, cria a necessidade dos deslocamentos à procura de trabalho. Gaudemar ainda trata como mobilidade de trabalho o poder que os capitalistas têm sobre os trabalhadores no que diz respeito às condições, qualidades e ritmos de produção, visando a geração da mais-valia como estratégia do desenvolvimento capitalista.

A partir da breve apresentação das principais linhas teóricas modernas sobre migração internacional é possível analisar dois fundamentos clássicos que elas anunciam sobre o sujeito. O primeiro fundamento vem do neoclássico, que faz do sujeito o protagonista de sua escolha tendo toda liberdade e possibilidade de decidir sua realidade. O segundo fundamento vem de outras linhas teóricas apresentadas, que faz o sujeito inexistente, pois está preso às estruturas do sistema capitalista.

Sem dúvida é interessante considerarmos o momento histórico em que esses conceitos foram pensados. Todas essas teorias emergiram em um momento que hoje se classifica como a modernidade que, em si, carrega algumas concepções clássicas sobre como era visto o sujeito. De acordo com Hall (1995), a modernidade passou por dois entendimentos sobre o sujeito. O primeiro chamado por ele de sujeito iluminista, enfatiza o sujeito individualizado, centrado e unificado. O sujeito nessa concepção possuía a capacidade da razão e da consciência sendo o centro dos pensamentos da época, possui um núcleo duro, uma essência, que carregaria até o fim da sua vida. A outra definição é o sujeito sociológico, que é um desdobramento do sujeito iluminista, apresentando ainda uma essência que perpetua, porém passa a reconhecer a interação como o meio, ou seja, este é formado e modificado pelas relações sociais. Neste caso, ***“a identidade sutura o sujeito à estrutura”*** (HALL, 1995, p. 98).

O sujeito era visto neste momento como um sujeito homem racional produzido pela estrutura social. A visão do sujeito aqui está muito próxima de como as teorias migratórias os viam, deixando claro uma visão que estava estabelecida nos discursos da época com suas contribuições e limitações ontológicas.

Outro universo teórico possível de se comparar, salvo as devidas diferenças, é o espaço central que a economia apresenta nestes troncos teóricos. De acordo com Vainer (2005), as três teorias apresentam sua centralidade na economia. A visão neoclássica coloca o sujeito no centro da escolha, mas ele sempre escolherá de acordo com a maximização dos seus ganhos. Nos outros modelos, tanto o viés histórico estrutural como o neomarxista, estão apoiados na estrutura macroeconômica como fator preponderante da migração.

Alguns autores como Salim (1992), Póvoa Neto (1997) e Vainer (2005), fazem críticas a esses modelos teóricos pela sua inconsistência em se compreender a realidade complexa da sociedade tão somente por uma visão de cunho fortemente econômico como pilar da análise.

Para Vainer (2005), vivemos uma crise das teorias migratórias que estão presas a visões liberais e estruturalistas da economia que não enxergam a migração como um espaço político de exercício de poder. Outro fato importante é a crise da modernidade e a sua concepção de liberdade fracassada. Segundo o autor, as metrópoles proclamaram o discurso da modernização trazendo a ideia de liberdade garantida para pessoas de países outrora colônia. No entanto, as mesmas pessoas que acreditaram nesse sonho estão hoje presas a negação dessa liberdade pela flexibilização acelerada do capital que continua perpetuando suas leis de acumulação, competição e produtividade.

Ainda assim, Póvoa Neto (1997) coloca que a migração internacional não é mero mecanismo de redistribuição espacial de populações que segue conforme as exigências do sistema político. Segundo ele (1997, p.298)

De fato, não se pode mais entender a migração simplesmente como o empreendimento aventureiro de um indivíduo, expulso de sua terra e atraído para outra pela esperança de ascensão social: todo o deslocamento migratório, mesmo o de sujeito aparentemente isolado, compõe uma imensa teia para qual circulam pessoas, informações, dinheiro, através de redes formais ou informais.

As teorias analisadas acima, ainda assim possuem limitações, principalmente quando somamos a questão de gênero. Segundo a teórica Hartman (1974), as vertentes clássicas trabalham com uma natureza assexuada⁶ das categorias de análise, em que, nem o sexo nem o gênero são vistos como elementos importantes ou até mesmo estruturantes. Para a autora, essa compreensão limitada e comprometida com a hegemonia masculina, além de não considerar as opressões históricas contra as mulheres, interfere na capacidade de compreendermos a realidade complexa do capitalismo, uma vez que esse sistema ***“preservou, utilizou e modificou profundamente as relações de poder e a ideologia patriarcal”*** (ARUZZA, 2011, p. 16).

Neste contexto, tratar do tema da migração da mulher boliviana para o Brasil a partir de teorias clássicas não se mostra efetiva para a compreensão das novas questões

⁶ Do inglês, *sex-blind*.

da sociedade, exigindo abordagens que trabalhem na constituição deste sujeito e a criação de sua identidade a ser abordado a seguir.

2.2. Identidade na Pós-modernidade

A partir das teorias clássicas sobre a construção do sujeito migrante internacional, vê-se elementos estruturais que ainda perpetuam, como o aspecto essencial do sistema econômico vigente – o modo de produção capitalista, que tornam a migração um processo intrínseco a acumulação do capital. No entanto, a partir da segunda metade do século XX surgem novos elementos para a análise da sociedade. Esses elementos são marcados principalmente pelas transformações das ideias centrais das teorias clássicas como identidade, sujeito, tempo e espaço (HARVEY, 1992).

Segundo este período, usualmente denominado de “Pós-modernidade”⁷, as incertezas permanecem no âmbito das ciências pela necessidade de romper com antigos referenciais e buscar resultados menos dicotômicos como expressos na época moderna com a adoção de elementos que antes não eram colocados como relevantes para análise. No caso dos estudos migratórios, linhas teóricas começaram a surgir com destaque aos elementos culturais, as relações do eu com o outro, os elementos psicológicos e as identidades.

A presença do aspecto cultural e da identidade no centro dos estudos do período pós-moderno contribuem de forma mais assertiva para a pesquisa em questão, pois compreendem as singularidades da migração dando ferramentas para tratar este fenômeno como completo e único, que acontece em uma realidade com seus aspectos próprios de sujeitos e relações. Não trazendo uma análise de fluxos a níveis macroeconômicos como as outras teorias clássicas apresentadas. Porém, isto não significa anular desse estudo as contribuições históricas das teorias imigratórias, mas sim deixá-las como pano de fundo, entendendo assim o contexto histórico, dando prioridade para enfoques multidisciplinares para a compreensão do tema da pesquisa.

⁷ Existem diversas definições para esse momento da segunda metade do século XX, como: pós-colonialismo, pós-estruturalismo, modernidade tardia e pós-modernidade que atualmente é o mais difundido, porém ainda muito refutado. Na presente dissertação trabalha-se apresentando pensamento desse conjunto de teorias que indicam essa mudança, englobado no termo pós-modernidade para facilitar a compreensão do texto.

Uma das principais contribuições dos estudos na Pós-modernidade foi o exercício de colocar determinadas teorias e pensamentos *“sob rasura”*. Essa ideia desenvolvida pelo filósofo Derrida (2001), é uma característica base da teoria Desconstrutivista, que influenciou importantes pensadores e linhas teóricas a partir da década de 1960. No texto *“A Identidade Cultural na Pós-modernidade”* (2006) o sociólogo Hall explica que essa “rasura” indica que alguns conceitos já não nos servem mais, são anacrônicos para a compreensão da realidade. Dentre tais conceitos, a identidade seria o principal. Esta seria **“uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas”**, como sujeito, diferença e significação.

Merce (1990, p.121) apresenta um conceito de crise da identidade

A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que supõe fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da certeza.

Ou seja, as identificações sociais do indivíduo e da sociedade não dão conta de absorver a realidade da pós-modernidade. Neste caso, é necessário romper com as antigas concepções indenitárias criadas no período Iluminista e do Renascimento Cultural, sendo o sujeito iluminista e o sujeito sociológico respectivamente, que trabalham colocando o sujeito há um o lugar fixo e determinado apresentando as características de sujeito estável, definido por uma classe social, antro familiar e trabalho.

Agora este reconhecimento se transforma para uma identidade que é formada por diferentes posições do sujeito como cultura de classe, raça, nacionalidade, sexo, gênero, etnia e suas ramificações e interconexões. Sua construção é provisória e pode mudar conforme o sujeito será interpelado. Não existe a coerência fixa do passado e sim uma fragmentação das representações sociais, onde se desloca o centro do sujeito, não para outro centro e sim para múltiplos centros.

Essa transformação acontece tanto internamente quando o indivíduo entra em crise perdendo o sentido de estabilidade e sofrendo um processo de deslocamento do seu reconhecimento no mundo cultural e social, como na sociedade que entra em declínio pelas transformações sociais e principalmente das concepções do tempo e do espaço reformuladas na Pós-modernidade (HALL, 2006).

De acordo com Hall, existem cinco processos que corroboraram para a fragmentação e deslocamento do sujeito neste período apresentado. São eles:

- Primeiro: as releituras das teorias de Marx na década de 60 que rejeitam a noção de uma essência universal e singular do homem.
- Segundo: a descoberta do inconsciente por Freud. Essa percepção acaba com a lógica racional do sujeito perfeitamente consciente de seus atos, como colocado por Descartes. Determinando que a identidade é algo formado ao longo do tempo por processos inconscientes.
- Terceiro: o avanço teórico através do linguista Ferdinand Saussure⁸ que criará o conceito de não sermos atores de nossos próprios argumentos e pensamentos, pois para isso utilizamos a língua que é desenvolvida a partir de um sistema social e não individual. Essa concepção acaba com a ideia de entendimento único e correto e aborda que os significados são inerentemente instáveis.
- Quarto: o trabalho de Michel Foucault que analisa um novo tipo de poder que se instaura a partir do século XIX, chamado “poder disciplinar” que com base na vigilância feita de diversos organismos da administração do Estado e no conhecimento especializado que tem como objetivo torna o sujeito um corpo dócil a regras.
- Quinto: o impacto do feminismo como crítica teórica e também como um movimento social. O movimento social representa a pressão política feita pelos grupos da época (à partir de 1960) para pautas de identidade social (seu reconhecimento) como movimento gay, negros, transexuais e etc. A crítica teórica trata das diferenças entre sexo e gênero, questiona o espaço privado e público em que os dois são potências políticas, enfatiza a necessidade de ressignificação do papel social da mulher na família (divisão doméstica, filhos e etc.) e politiza a homogeneização do termo homem como humanidade (mulher e homem) sem dar o devido espaço a voz feminina. Ressalto que este é um dos mais importantes descentralização para a pesquisa, pois tem contribuições diretas para o estudo do meu objeto.

A ênfase na constituição da identidade da Migrante Mulher Internacional - MMI⁹, seguindo a linha de Hall (2006), que considera a identidade formada por significados

⁸ Ferdinand de Saussure foi um grande linguista e filósofo cuja a teoria propiciou um grande desenvolvimento no campo da linguística, entendendo ele como um ramo da ciência que estudava sobre signos que chamou como semiologia. Suas obras consagradas são “*Curso de Linguística Geral*” de 1916 e “*Escritos de Linguística em Geral*” de 1941.

⁹ A fim de garantir uma leitura mais fluida, se escolhe utilizar o recurso de sigla, para melhor compreensão do texto. Portanto a partir de agora toda vez que utilizar o termo “Migrante Mulher Internacional” será aplicada a sigla MMI.

relacionados aos processos de identificações sociais. Foucault (1986) trabalhará o termo identidade a partir dos conceitos de formação discursiva e prática discursiva em seu livro *“A Arqueologia do Saber”*. Apresentando, neste caso, diversos significados para discurso que não podem ser compreendidos isoladamente e estarão sempre ligados às suas relações.

Mas, para o entendimento de identidade, será utilizado uma das definições de discurso colocadas na obra supracitada de Foucault (1986, p.89), como sendo ***“discurso um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva”***. Ainda sobre a obra (1986, p.91)

Um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia.

Neste sentido a formação discursiva são relações que se estabelecem entre os discursos de instituições, grupos sociais, organizações que se manifestam como práticas discursiva. Estas serão uma ação, um falar, segundo determinadas regras, expondo as relações que se dão dentro de um discurso.

A identidade na Pós-modernidade será o encontro do discurso e práticas discursivas que estão se manifestando. Ou seja, a identidade se mostrará a partir de dois vieses, um como discurso, em que localizará a identidade em um espaço, há um lugar e as particularidades do sujeito e pelo outro viés como prática discursiva em que representará o processo de subjetividades que nos formará como sujeitos. Assim as identidades sempre permanecem instáveis dependendo de um referencial.

Butler (2003) complementa esses pensamentos demonstrando o conflito entre o sujeito e as negociações de poder. Apesar da identidade ser uma construção social, ela é concebida por Butler como performatizada. Isso significa que as identidades prendem os sujeitos há um discurso, sendo este o que formará sua identidade, o agravante disso são os discursos que já estão socialmente universalizados que são introjetados como naturais, por exemplo, a noção do que é ser mulher e homem já está introjetada como postulado, pronto e acabado. Butler fará a problematização desses discursos performativos da identidade para indicar o que somos e não para relatar o que nos tornamos.

Neste contexto, discutir a identidade na Pós-modernidade se torna fundamental para se falar da mulher migrante. Para facilitar a análise, o texto se focará inicialmente na compreensão do que é ser mulher e depois trabalhará a condição de ser migrante.

Da mulher, pela necessidade de ressignificar, fragmentar e deslocar identidades que as definiram ao longo dos tempos de maneira impositiva e que reflete uma causalidade de menores oportunidades na sociedade, bem como reconhecer e afirmar seus processos sociais que por vezes são suprimidos pela história dos homens que abordarei em um subtítulo específico.

Da migrante internacional, pois ela é parte integrante deste processo, sendo significada e significante por ele, principalmente no período da pós-modernidade quando as imigrações de países periféricos para países desenvolvidos ganham espaço no cenário internacional. Um dos aspectos da experiência migratória para a construção dos sujeitos é a redefinição das identidades culturais nacionais, quando as migrantes internacionais vão deixando sua cultura de sua terra natal e tornando parte dessa nova cultura, assim como essa sociedade receptora começa a perder sua hegemonia unificadora dos valores culturais de sua sociedade, dando espaço para uma mescla de múltiplas culturas.

Para Bhabha em seu livro *“O Local da Cultura”* de 1998, a migração corrobora para os deslocamentos da identidade facilitando o processo de tradução cultural e da sua significação, ou seja, o reconhecimento de sua identidade. Pois a afirmação da sua identidade, não é feita por uma profecia “auto cumpridora” e sim no estabelecimento da relação com o outro. Deste modo, a migração potencializa o encontro com diferentes culturas forçando a tensão de encontrar a diferença e a partir dela o seu reconhecimento.

Neste aspecto Bhabha destaca que esse reconhecimento com o Outro não é realizado sem a relação de poder, no caso apresentado em seu livro supracitado, entre o colonizador e o colonizado, esta não se dá de forma igualitária sendo sempre apresentada pelo discurso do colonialismo em que o colonizado é caricaturado depreciativamente. Transpondo para o caso em questão, salvaguardando as devidas proporções, é possível analisar que essa relação com o Outro pode ser alvo de muito conflito da diferença.

Invertendo a lógica apresentada acima (da migração como parte significativa das novas identidades), serão apresentados agora alguns aspectos dos significados dos deslocamentos nas identidades para a construção da migrante internacional.

Para tanto e como ilustração, será utilizada uma imagem literária extraída de um pequeno trecho de *“Pequenas Memórias”* de Saramago (2006, p.99), exemplificando assim a identidade migrante

Foi daqui, quando ainda não tinha dois anos, que meus pais, migrantes empurrados pela necessidade, me levaram para Lisboa, para outros modos de sentir, pensar e viver, como se nascer eu onde nasci tivesse sido consequência de um equívoco do acaso, de uma casual distração do destino, que ainda estivesse nas suas mãos emendar (...) Só eu sabia, sem consciência de que o sabia, que nos legíveis fólios do destino e nos cegos meandros do acaso havia sido escrito que ainda teria de voltar à Azinhaga para acabar de nascer.

O texto de Saramago traz a questão do migrante tendo na sua formação sua identidade incompleta, não sendo suficientes as concepções culturais da sua terra natal, como também a do seu país receptor.

Para Sayad, em sua obra *“A Imigração e os Paradoxos de Alteridade”*, de 1998, a migrante existe com uma dupla identidade, pois, vive a duplicidade da sua condição como emigrante de uma sociedade com a qual provavelmente se estabeleceu vínculos e firmou sua identidade e de imigrante que estabelecerá relações com o país receptor. Este conceito de Sayad é central na sua obra, pois acredita que para se compreender o que é a migrante internacional é entendê-la como um fato social completo sendo sempre este sujeito que sai e carrega toda uma bagagem (emocional, cultural, econômica e mental) em sair de sua terra natal e ao mesmo tempo chegará a algum lugar e terá que estabelecer relação com esse lugar.

Nesta mesma linha, Hall (2006), corrobora com este pensamento interpretando que a migrante carrega a sua identidade e a sua diferença de si mesmo. Estando sempre em tensão ou permeando identidades diferentes e sua construção sendo contínua. Ainda assim, para o autor, as MMI pertencem ao menos a dois mundos ao mesmo tempo *“tem que aprender a habitar no mínimo duas identidades e a negociar internamente”* (Idem, p.90).

Retomando o texto de Saramago (2006), é possível observar a necessidade forçada de sair da sua terra em busca de melhores condições de vida. Esse aspecto apresentado no texto é parte comum dos processos de deslocamento em massa. Para Sayad, a migrante existe para cumprir sua função na sociedade receptora como trabalhadora na condição precária, revogável e temporária. Ela essencialmente surge para ser trabalhadora, se tornando migrante e permanecendo pela possibilidade do

emprego. *“Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante”* (SAYAD, 1998, p.45).

A partir desta leitura o reconhecimento e aceitação da MMI na nova sociedade está condicionada a produzir e ainda sim com um prazo de vencimento. O sentido da migração perpassa pela análise de “custos” e “benefícios” como uma balança que tem que pender para altos “benefícios” de cunho econômicos, assim como baixos “custos” de cunho cultural. A existência do fenômeno migratório aparenta ter uma função específica na esfera global, perpetuando a migração enquanto possibilidade de ganhos. Porém, foge-se a regra quando pensamos no “custo social” desta migrante¹⁰. Pois, por mais que exista o imaginário de provisoriedade da migrante, toda migração por trabalho carrega em si seu caráter de povoamento que prolongará a sua estadia (SAYAD, 1998).

O que faz a MMI sair da sua relação provisória e precária é a sua constituição familiar, isto significa que a migrante enquanto trabalhadora terá uma relação com a sociedade de destino, porém se estabelecer uma relação familiar muda-se a negociação, pois o estado terá que tratá-lo como migrante internacional, mas também como mãe/pai e assim assegurar-lhes direitos familiares para não cair em contradição com suas regras (Idem). Portanto, a migrante internacional é necessário para a lógica do capital, tendo um mercado de trabalho que se beneficia dela e em contrapartida o prolongamento de sua estadia da garantia para esta migrante de estabelecer redes, vínculos e ao longo da sua permanência vai ganhando espaço para deixar de ser considerada tão somente uma mão de obra precária.

Deste modo, as teorias acima subsidiaram compreensões da migrante¹¹ na pós-modernidade. Estas indicam que o conceito de migrante internacional estará em permanente construção, como também depende de cada situação para se formulá-lo a partir das relações colocadas. Acreditando assim, que a formulação da identidade dependerá das construções de diálogos que medeiam as produções de narrativas, pronunciando elementos e estes oferecerão significados para a constituição da identidade.

¹⁰ Sayad (1998) discorre em seu livro *“Paradoxos da Alteridade”* a contradição contida na migrante de estar sempre em provisoriedade. Ficando sempre em tensão a provisoriedade e permanente. Segundo o autor não se sabe se a migrante está em um estado provisório que gosta de prolongar, ou o contrário, se é um estado duradouro que se gosta de viver como provisório. Como se tudo que acontece na migração necessitasse para poder se perpetuar e se reproduzir, ignorar a si mesma.

¹¹ Neste momento utilizaremos o termo *“migrante”* com a proposição feminina para aproximar o(a) leitor(a) ao objetivo de estudo, mulheres bolivianas

Ainda assim, as contribuições das teorias sobre a identidade na pós-modernidade dão a necessária fluidez para se observar o objeto de estudo desta pesquisa com o olhar aberto às possíveis transformações, não sendo necessário um rígido enquadramento nos estudos já realizados sobre mulheres migrantes bolivianas, nem procurar um fio condutor indenitário entre as bolivianas¹².

Por fim, o processo de deslocamento das identidades na pós-modernidade, dão condição para reconhecer a importância de uma análise migratória diferenciada pela condição de gênero.

2.3. Contribuição de Gênero

A presente etapa pretende discutir questões de gênero e identidade, considerando as particularidades da mulher no contexto migratório internacional. Sendo o objeto da pesquisa a migração boliviana no Brasil, destaca-se o papel da mulher a partir do seu contexto e de sua trajetória. Pretende-se compreender as especificidades da experiência de migrar sendo mulher, como a relação das construções culturais da diferença de gênero afeta as motivações referentes à mobilidade espacial de homens e mulheres. O objetivo é reconhecer a importância das mulheres e sua contribuição para além dos conceitos econômicos e sociais nos processos de migração e adaptação, considerando como discursos e identidades de gênero se redefinem nesses processos.

Como colocado no capítulo acima, o sujeito passou por diversas transformações ao longo dos tempos, desde ao menos o início da Sociedade Moderna, com o advento do pensamento iluminista que criou um sujeito universal e homogêneo. Noutro extremo no discurso Marxista o sujeito não tem autonomia, sendo determinado por sua posição nas classes sociais que estruturam a sociedade. Antes de começar a inserir a mulher nesse estudo é importante compreendermos o quanto que as teorias clássicas da modernidade em sua natureza estabelecem uma rigidez para compreender a mulher e o conceito de gênero no processo.

A primeira crítica dos estudos sobre mulher e o próprio feminismo está sobre o sujeito clássico que reconhece o sujeito masculino como universal e absoluto, já

¹² Todos os estudos realizados sobre mulheres bolivianas serão considerados para compor a pesquisa. O que está colocado é a importância de se reconhecer a voz da mulher boliviana sem predefinir a uma identidade fixa do que é ser migrante mulher boliviana.

aparecendo diferenças sexuais hierarquizadas, outra crítica é a essencialização do sujeito, determinando-o a partir de definições de sexo e identidade. Nesta época, a partir do século XVII o indivíduo era fortemente explicado por um determinismo biológico de essencializar o corpo e a distinção do sexo (NICHOLSON, 2000).

É significativo compreender neste contexto que esta diferenciação entre o sexo feminino e masculino era construída a partir do juízo de valor do que era melhor e o que era pior. Não só renegando espaços para a mulher, tanto na participação da produção científica. Como também as inferiorizavam, produzindo estudos que comprovavam sua submissão e subalternidade.

Nicholson (Idem, p.25) corrobora para esta afirmação demonstrando em seu estudo “Interpretando Gênero”.

Enquanto um patriarcalista do final do século XVII como Sir Robert Filmer pode usar a Bíblia para justificar a subordinação das mulheres aos homens, o teórico das leis naturais John Locke mais tarde apontaria diferenças entre corpos masculinos e femininos em busca de um objetivo semelhante.

Beauvoir (1970) reforçará a crítica dessa noção de sujeito homogêneo e universal a partir de sua teoria do reconhecimento do *Outro*. Beauvoir demonstra em sua teoria sobre o conceito gênero em que a mulher não é definida a partir de si mesma, mas em relação ao homem, através de seu olhar. Esta visão sobre o feminino delimita um papel de submissão que comporta significações hierarquizadas dadas à mulher por meio deste olhar masculino. Este olhar que determina a mulher é a categoria do *Outro*, expressando que há sujeitos que são absolutos representando o significado do que é ser sujeito, sem a necessidade de marcar definições sobre o que são eles. Porém, existirá os *Outros*, que são definidos justamente pela sua diferença com relação ao hegemônico. O outro é o que destoa do sujeito universal, nesse caso, o homem sempre foi colocado como sujeito absoluto e a mulher ocupando a posição do *Outro*.

Como a autora coloca em seu texto “*O Segundo Sexo*” (1970, p.10)

A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.

Sendo assim, entende-se que o masculino está investido de significados e que representa a totalidade do sujeito, possuindo a qualidade do seu gênero frente ao outro. Esta denúncia do homem como significado de padrão de sujeito na sociedade, já é

repensar no conceito de sujeito e o deslocar do seu núcleo. As noções de sujeito e identidade na modernidade, com suas características essencialistas e universalistas, acabou por proporcionar um conceito de indivíduo sem espaço para especificidades (gênero, etnia, orientação sexual e raça), colocando o sujeito na massa homogênea de homem, branco e heterossexual (MARIANO, 2005).

Saliento, no entanto, que a questão colocada não é só da necessidade de incluir a mulher nos discursos, como se a quantidade de vezes que é reconhecida equilibrasse a balança desaparecendo sua condição de sujeito subjugado, mas sim problematizar o essencialismo em que está baseado na noção de mulher e sua sujeição.

Scott (1991), historiadora e referência na discussão sobre mecanismos de poder nas relações de gênero, alerta que para a compreensão da identidade de gênero da mulher na sociedade é necessário ser pensada a partir de teorias que deem suporte e permitam desconstruir categorias universais e dicotômicas naturalizadas. Nesse caso, os estudos pós-modernos contribuem para compreender o conceito de gênero, dando sustentação aos deslocamentos necessários dos sujeitos fixos.

A discussão em torno do conceito de gênero foi uma grande virada nos padrões na história, pois ao utilizar gênero as mulheres deixaram de pensar na lógica de produzir histórias sobre mulheres na literatura, jornais e outros meios de comunicação (preocupadas com a ausência de registro) e começavam a falar da mulher em torno da construção social e cultural do que é o feminino e o masculino, partindo da proposição que os sujeitos constituem e são constituídos por meio das relações de poder (Idem).

Trata-se de um desafio falar de um conceito tão complexo como gênero, o qual passa por constantes mudanças dentro de um debate entre diferentes linhas teóricas. Nesta pesquisa, não temos a pretensão de aprofundar este conceito, mas sim apresentar como ele tem sido utilizado na atualidade e em que corrobora com nosso objeto da pesquisa. Para tanto, será utilizado como referências teóricas autoras como Butler, Scott, Nicholson, entre outras que participam deste debate conceitual.

Segundo Nicholson (2000), o conceito de gênero surge dentro do movimento feminista na década de 1960, principalmente nos Estados Unidos, disputando espaço com estudos universitários sobre mulher. O conceito tem na sua essência a força de ser construído pela reivindicação de um movimento social, mas conforme sua incorporação na academia vai sofrendo desdobramentos e se reformulando.

Gênero se insere no debate inicialmente em contraposição ao sexo, em que o último se refere às diferenças biológicas do corpo masculino e feminino e o primeiro se

refere a construção social e histórica do que é ser homem e ser mulher, sendo até hoje a referência clássica ao termo. Ele incorpora no seu fundamento a junção de duas ideias, uma de origem material que é a identidade e a segunda de construção social das características humanas (Idem).

Entretanto atualmente é possível analisar mais de uma forma de interpretação de gênero, Scott (1991, p.23) apresenta a seguinte definição de gênero

Gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais. (...) Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos.

De acordo com essa definição utilizada pelas autoras sobre gênero, é possível compreender essa saída do campo binário da construção do indivíduo, pelo sexo e gênero, como categorias fundamentalmente separadas e produzir um discurso que um não desaparece no outro e os dois são produzidos discursivamente.

Nicholson (2000) contribui para a definição de Scott problematizando a existência de duas definições de gênero. Uma que está presa na distinção entre sexo e gênero, mantendo a linha do pensamento dualista, sendo esta a primeira interpretação utilizada pelo movimento feminista, e a outra é a utilização do termo gênero para qualquer construção social que apresente a distinção entre feminino e masculino, incluindo distinção como corpos/genitálias. E outra que parte do conceito de que personalidades não são construídas socialmente, mas como os corpos se apresentam na sociedade, sendo sexo também uma produção de discursiva.

Ao pensar gênero, autoras como Butler e Scott, à luz de Foucault, ressaltam que os dois elementos, sexo e gênero, são formas de entendimentos. A associação de sexo como termo biológico e gênero como construção social, eterniza a ideia de uma natureza fixa, uma essência, que está fora de qualquer construção social (SCOTT, 1991). A distinção de corpos com um significado dubio, advindo da natureza (sexo) e outro cultural (gênero) foi largamente utilizada nas formulações de estudos sobre mulheres. Porém, essa separação, e por consequência, a naturalização do termo sexo é uma maneira de afirmar que existem elementos antes das relações sociais/culturais, por isso, a-histórico, como bem colocado por Butler (1998). Neste sentido, Scott (1995) reitera que os dois termos são construções discursivas, e, portanto, sua distinção é

complexa a um nível no qual não podemos dizer se gênero é determinado pelo sexo, e consequentemente o sexo se torna um efeito de gênero.

Estas afirmações são necessárias neste trabalho para a compreensão de que alguns significados foram “produzidos” no âmbito da cultura e da linguagem, mas sua existência na sociedade só tem sentido e só é passível de ser compreendida, a partir de um discurso que é construído. Portanto, visões políticas que determinam o masculino e feminino orientam a constituição desses saberes. É, por isso, fundamental a compreensão de como gênero é um conceito político desde sua fundamentação, além de entender conexões com as relações de poder presentes em toda e qualquer sociedade.

Nas palavras de Scott (1991, p.124)

Ser do gênero feminino ou do gênero masculino leva a perceber o mundo diferentemente, a estar no mundo de modos diferentes e em tudo isso há diferenças quanto à distribuição do poder, o que vai significar que gênero está implicado na concepção e na construção do poder.

A partir do que Scott (1991) colocou podemos compreender que teoria de gênero está intrinsecamente ligada ao tensionamento das relações de poder, constituindo uma dimensão decisiva para manutenção das desigualdades e igualdades entre os indivíduos. Para além da compreensão do conceito político de gênero e sua potência reveladora das relações de poder na sociedade, há outro ponto a ser abordado e refere-se a como a identidade da mulher foi ao longo do tempo sendo referenciada pelo androcentrismo¹³ contestado pela luta do movimento feminista a partir da década 1960, buscando outra identidade.

Não se pretende explicar nesse estudo a história do movimento feminista, apesar da sua relevante importância. A intenção é trazer a análise do processo do movimento feminista na luta para romper com os padrões fixados na construção da mulher. A escolha de luta utilizada pelo movimento foi o deslocamento da identidade que foi imposta para a mulher para outra identidade que o movimento construiu, para que quebrasse com essa estrutura de poder. Porém, para essa ação política utilizou uma pauta única das mulheres, ou seja, homogeneizou as mulheres em torno de uma mesma luta. Não entrando no mérito da ação do movimento feminista, e sim trazendo para a discussão este entrave de entre homogeneizar a mulher e com isso voltar ao movimento de colocá-la a uma nova identidade fixa (MARIANO, 2005).

¹³ Termo utilizado para referenciar o patriarcado no centro da sociedade.

Para Butler (1998), a ideia de identidade de gênero terá sempre um caráter normalizador, pois sempre implicará a algum tipo de unidade, e toda unidade será em si excludente e normatizada à, retificando padrões sobre o que deva ser identidade de gênero.

Nas palavras da autora (1998, p.56)

Em primeiro lugar, tal noção totalizadora só poderia ser alcançada ao custo de produzir novas exclusões. O termo 'universalidade' teria que ficar permanentemente aberto, permanentemente contestado, permanentemente contingente, a fim de não impedir de antemão reivindicações futura de inclusão.

As tentativas do movimento feminista para construir um sujeito político mulher universal, buscando uma estrutura comum entre as mulheres, foi alvo de diversas críticas das feministas negras e latino-americanas, das feministas dos países de Terceiro Mundo e das feministas lésbicas, pois não se sentiam representadas na identidade que estava sendo apresentada. As críticas vieram denunciar o feminismo que estava sendo posto na época, sendo chamando de feminismo branco ou dominante, que colocava em questão a definição do que é ser mulher e denunciava que essa unidade entre as mulheres também é excludente, opressora e dominante (MARIANO, 2005).

Portanto, o que se pretende levantar neste estudo é a necessidade de analisar a MMI a partir de suas histórias sem colocar no bojo homogêneo do termo mulher ou fazer uma análise de mulheres migrantes estrangeiras utilizando padrões que não se encaixam em nosso objeto de estudo. Apesar de fazermos uma breve análise histórica da mulher migrante no mundo, a pretensão da pesquisa é estudar a mãe boliviana a partir de suas trajetórias e especificidades dentro de uma pesquisa de campo realizada na Zona Leste da cidade de São Paulo, sem cair em homogeneizações e perfis que fixem a uma identidade totalizante.

2.4. Migrações e Gênero

Nessa perspectiva, pesquisar mulheres migrantes através das lentes do estudo de gênero é possibilitar conhecer as particularidades das migrantes internacionais e seus diferentes enfrentamentos em sua trajetória, assim como destacar a histórias das mulheres nos processos migratórios. Este enfoque nos permite compreender a migração

em um contexto econômico, social e cultural, atrelado a construção social do feminino e masculino. A construção social e a condição das mulheres em seus contextos repercutem nas migrações.

No estudo sobre a migração internacional sempre predominou a experiência migrante masculino. Zlotnik (2003) afirma que até o final dos anos 1970, boa parte dos estudos em migração internacional era focado em homens. Porém, a presença da participação das mulheres nos fluxos migratórios internacionais têm colocado questões significativas para as teorias sobre migrações (ASSIS, 2007).

O relatório sobre a divisão de população do Fundo de Populações das Nações Unidas - UNFPA, de 2010, evidencia que atualmente há 214 milhões de migrantes no mundo, sendo que 49,6% deste total são mulheres. Trabalhando com os dados especificamente na América Latina e Caribe este número é de 50,01%. No Brasil, os dados do último Censo Demográfico (IBGE, 2010) indicam que, oficialmente temos 21.681 migrantes bolivianos, sendo 46% composto por mulheres, portanto, 9.974 mulheres bolivianas vivem em nosso país. Estes números salientam que por volta da metade da população migratória no mundo são mulheres, tendência acompanhada pelas bolivianas fixadas em São Paulo.

Apesar dessa reconhecida presença das mulheres nas migrações, Assis e Kosminsky em seu artigo *“Gênero e Migrações Contemporâneas”* (2007), revelam que a participação das mulheres nas migrações internacionais durante muito tempo foi negligenciada, aparecendo em poucos casos de forma caricaturada como “dependentes passivas”. Sua relação no contexto migratório foi amplamente introduzida com termos genéricos de “imigrantes” ou “família do imigrante” sendo invisível sua especificidade de gênero.

Assis e Kosminsky (2007, p.76) refletem a partir do aumento da migração feminina

Não se trata de reconhecer a importância proporcional das mulheres ou sua contribuição econômica e social nos processos de migração e adaptação, mas de considerar como os discursos e as identidades de gênero se redefinem nesses processos.

Ainda assim, Martes (1996), referência teórica sobre etnicidade e gênero, reafirma que a mulher acabou por muito tempo sendo retratada como uma parte do fluxo imigratório que aparecia depois, apenas como parte da família que viaja com o marido e

filhos para outro lugar, como bem retratado na expressão *“primeiro chegam os braços, depois chegam às famílias”* (Idem, p.19).

Essa expressão apresentada acima por Martes (1996) é muito significativa para se compreender o papel que a mulher e o homem são colocados dentro do contexto migratório. Sendo o homem como o que chega para trabalhar e garantir o sustento familiar para depois vir a sua família, e nesse caso a MMI esta dentro da família, completamente invisibilizada

Sarlo (2005), em seu texto **“Mulheres, História e Ideologia”**, salienta que mesmo sabendo que a mulher ainda não é vista fora totalmente da dominação masculina, houve mudanças nas últimas décadas que sinalizam um maior protagonismo. Ela ainda não representa a humanidade como o homem, contudo já não está mais tão excluída do campo cívico como antes.

Não se sabe ainda ao certo todos os fatores que levaram esse aumento da presença feminina nas migrações, mas existem alguns autores que auferirão algumas possibilidades. Engle (2004), em seu breve ensaio sobre migração e gênero, relaciona o avanço econômico em países desenvolvidos, citando o caso de Singapura, em que aumento da oportunidade de trabalho abriu a oportunidade de mulheres Filipinas migrarem para trabalhar como empregadas domésticas lá.

Outros fatores do aumento da migração feminina são: o aumento de oferta de trabalho, um dos fatores da invisibilidade da mulher no processo migratório diz respeito a sua tardia inserção no mercado de trabalho, principalmente no caso de latino-americano, continente no qual em 1990 27% das mulheres tinham alguma atividade econômica, comparado a 70% dos homens (ABRAMO 2001); e o as mudanças de papéis, trazendo maior participação das mulheres na esfera pública, não apenas devido a uma autonomia maior das mulheres, mas principalmente na necessidade de contribuir para o orçamento familiar.

Esse novo sujeito da migração internacional, a mulher trabalhadora migrante, não é um fato tão recente, afinal de 1930 a 1979 nos Estados Unidos 55% dos migrantes documentados eram compostos por mulheres (MARTES, 1996). Atualmente, de acordo com **“Relatório sobre a Divisão de População”** com dados referentes à 2009, existem 214 milhões de migrantes no mundo, isto é, 3,2% da população mundial, com alto impacto da migração ilegal, onde 94,5 milhões são mulheres, sendo a maioria desta migração realizada por motivos econômicos (UNFPA, 2011).

A incorporação da mão de obra feminina no contexto migratório para países industrializados, de acordo com Assis (2007), tem acontecido devido ao contexto de crise econômica, alta mobilidade por trabalho, uma progressiva desindustrialização e um espaço segregador no mercado trabalho. Tedesco (2010, p.214) apresenta a caracterização do tipo de trabalho da mulher migrante internacional em que:

A força de trabalho feminina é vista como subsidiária com respeito às carências e flexibilidades que as agências e estruturas sociais apresentam. A sua presença, importância, significação, condição e demanda é muito expressiva da crise do estado social no tocante à assistência familiar, aos anciãos, aos portadores de deficiências, no trabalho de enfermeira. (...) Apresentam-se como mulher e mãe num processo de reprodução de uma força de trabalho.

Ainda sobre as atividades de migrantes femininas em países industrializados, o ofício de serviços domésticos, empregada doméstica, se mostra o mais comum dentre as atividades exercidas, até pelo fator das redes sociais informais, que contribuem para o encaminhamento destas (ASSIS e col, 2007).

Pela ampla literatura que foi reunida por Alencar-Rodrigues, Strey e Espinosa, sob o título *“Marcas do Gênero nas Migrações Internacionais das Mulheres”* (2009), sobre essa questão, mostram que nas experiências migratórias laborais, as mulheres encontram-se mais expostas às violações dos Direitos Humanos, presa as duplas jornadas, exploração, trabalho análogo à escravidão, tráfico e abusos humanos.

Por fim, deve-se ressaltar que o aumento da entrada das mulheres nas migrações internacionais ocorre pela facilidade das inserções e as condições de permanência no território de destino. Quanto maiores os riscos na travessia para mulheres, por exemplo, estupro e exploração sexual, menor o número de migrantes femininas (NOVAES, 2014). Ou seja, as leis migratórias e os controles das fronteiras também influenciam no fluxo feminino.

3. MULHERES BOLIVIANAS EM SÃO PAULO

3.1. Histórico das Migrações

A migração boliviana que se instala em São Paulo, de acordo com Magalhães (2009) é oriunda aparentemente dos centros urbanos bolivianos como: La Paz, El Alto, Santa Cruz de La Sierra e Cochabamba. Porém ao se analisar mais profundamente as questões acerca das movimentações desses migrantes, percebe-se que os mesmos, em sua maioria, vieram de outros processos de migração interna; tendo saído de vilarejos pequenos, prioritariamente rurais.

Compreender a origem do deslocamento boliviano em seu país é um ponto de partida para se entender porque vieram para o Brasil, pois um imigrante é ao mesmo tempo um emigrante e essas duas identidades necessariamente são formadoras e reveladoras do que é ser migrante. Porém, abarcar o motivo que leva uma pessoa a deixar o lugar onde viveu boa parte da sua vida e sua história, e multiplicar essa ideia para diversas pessoas que realizaram a mesma ação, é de uma enorme complexidade e vai além de apontamentos econômicos, políticos e sociais como indica Silva¹⁴ (1997, p.17, *apud* VAINER, 2005)

Permanecem silêncios teóricos que não dão conta de explicar os deslocamentos compulsórios, ou seja, aqueles que são efetuados pela força e violência de um sistema capitalista mundializado que, por um lado, defende a liberdade de circulação de capitais e mercadorias e, por outro, impõe restrições às pessoas que sonham com uma vida melhor em outras terras.

Assim não pretendo subestimar a complexidade do tema, mas aceitando os limites da minha pesquisa, abordarei o contexto político-econômico para iluminar a questão.

A motivação boliviana para buscar solo Brasileiro acontece, na maior parte das vezes, devido à possibilidade de emprego e renda. Analisando o Censo da Bolívia de 2001 os anos de 1976, 1992 e 2001, vemos respectivamente que, 85,5%, 70,9% e 58,6% da população era considerada pobre (INE, 2015), vivendo em condições inapropriadas com escassos equipamentos públicos como saneamento Básico, educação e atenção a saúde (CAMPOS, 2009). Outro ponto importante demonstra que o fluxo de migração

¹⁴ VAINER, C. **Estado e imigração internacional: da imigração à emigração**. In: N. L. Patarra (Ed.). *Imigrações internacionais no Brasil: um pano de fundo histórico*. São Paulo: FNUAP, Vol. 2, 1995.

interna boliviana se assemelha muito ao caso do Brasil e ao de outros países latino-americanos, apresentando concentração de terra, precarização do trabalho, monocultura, mecanização e desigualdades de regiões (SILVA, 2005).

O fenômeno migratório Boliviano não se restringiu ao Brasil, com a tabela abaixo demonstra o número estimado de Bolivianos pelo mundo, em 2009.

Tabela 1 - Distribuição de Migrantes Bolivianos pelo Mundo – 2009

Países de Destino	Quantidade de Bolivianos
Argentina	1.000.000
Espanha	386.000
Estados Unidos	366.000
Brasil	296.000
Outros países da América	176.000
Outros países da Europa	146.000
Ásia	46.000

Fonte: Jornal La Razón, 2008, p.7.

Assim como os países apresentados na tabela 1, o Brasil encontrava-se economicamente como uma opção viável para a entrada de migrantes bolivianos.

O contexto da Bolívia nessa época passava por fortes ditaduras, em sua maioria militares, caracterizadas por períodos curtos e a presença de um governo com pouca instabilidade. Economicamente a Bolívia se mantém com mineração, e no início de 1980, é tomada por uma grande crise, devido à queda no preço dos minerais, aumentando ainda mais a situação de pobreza no país.

A presença de um grupo migrante boliviano em território brasileiro caracteriza-se por grandes concentrações populacionais em dispersas regiões, não se espalhando por todo território, mas se firmando em algumas regiões (SOUCHAUD, 2010). As principais cidades de entrada desse migrante são as cidades fronteiras como Corumbá-MS, Cáceres-MT, Foz do Iguaçu-PR, Guajará Mirim-RO, Manaus-AM (CAMPOS

2009). A escolha pela cidade de entrada tem a ver com o tratamento do governo Brasileiro, mais especificamente da Polícia Federal, em autorizar o acesso. Em momentos anteriores de nossa história era necessário um visto de turista, recentemente, através do acordo Bolívia-Brasil, a entrada é facilitada com a apresentação do documento de identificação nacional¹⁵.

As cidades de residência do migrante boliviano que tem destaque no Brasil são: São Paulo-SP, Corumbá-MS, Guajará-Mirim-RO e Rio de Janeiro-RJ. A primeira vista parece que as cidades dos Estados do Mato Grosso do Sul e de Rondônia servem como cidades transitórias, de curta permanência, para que se encaminham os migrantes internacionais até as metrópoles. Porém de acordo com o estudo feito por Souchaud (2010) essas cidades não demonstram nenhuma relação de dependência entre as grandes metrópoles brasileiras, o fluxo de migrantes que vão para lá (até maior do que aqueles vão para o Rio de Janeiro) se identificam com essas cidades, com certa tendência de permanência, criando assim dois fluxos independentes, um que vai para o centro-oeste e outro que vai para o e sudeste brasileiro.

A dimensão da população boliviana que reside no Brasil tem uma grande variação conforme a fonte. Os dados do censo 2010 contabilizaram 27.260 bolivianos vivendo no território Brasileiro há menos de 10 anos, sendo o número de residentes há menos de 5 anos correspondente à 15.651 indivíduos. O que significa que tal população quase dobrou no Brasil em 5 anos. Segundo o cônsul geral da Bolívia em São Paulo, Jaime Valdivia Almanza, a estimativa é de que, atualmente, existam mais de 350 mil bolivianos em todo o país. Deste total, 75% estão em São Paulo (aproximadamente 262.500)¹⁶. Apesar da grande variação de números sobre a presença real da população boliviana, há uma consonância em duas coisas, uma é que a grande concentração do migrante internacional está presente em São Paulo e que a dificuldade para se obter os dados é reflexo das políticas Brasileiras com seu caráter historicamente restritivo e/ou a sua ausência¹⁷.

¹⁵ Decreto nº 5.541, 19 de setembro de 2005, artigo 2, inciso 1 diz “Os nacionais das partes poderão ingressar, transitar e sair do território da outra parte mediante a apresentação de seu documento nacional de identificação vigente e o cartão migratório correspondente, se, necessidade de visto”.

¹⁶ Notícias R7 – Bolivianos são comunidade estrangeira que mais cresce em São Paulo. Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/bolivianos-sao-comunidade-estrangeira-que-mais-cresce-em-sao-paulo-20110819.html>. Acesso: 09/2017.

¹⁷ No Brasil, historicamente, não se consolidou uma política migratória, que realmente seja eficaz e atenda as demandas dessa minoria. Ademais, vale ressaltar que de um modo geral, a questão migratória extrapola o contexto brasileiro, e se apresenta como um gargalo em diversas regiões do mundo. Retomar-se-á as discussões sobre o papel do estado e as políticas públicas ou a ausências delas adiante.

Através de estudos mencionados em busca do detalhamento maior desse migrante será possível aproximar-se ainda mais desse micro-universo. Segundo a faixa etária, bolivianos residentes no Brasil tem em média 36 anos de idade, essa característica indica um perfil do migrante que vem para o Brasil em busca de emprego, não trazendo filhos, crianças ou se trazendo poucas. Neste processo quase não são incluídos jovens ou crianças nesses dados. Com relação à mulher boliviana que será retratada a seguir, ela representa 56% da população boliviana em São Paulo (SOUCHAUD, 2008).

Um fato consolidado ao falar sobre a migração boliviana no Brasil é a relação expressa que essa questão possui com o trabalho, e a um trabalho bem específico o ramo da confecção de tecidos. De acordo com Coutinho (2011, p.07)

Atividades econômicas ligadas às nacionalidades e etnias, assim como às localidades geográficas específicas são comuns à urbanização de diversas cidades em diferentes países. Populações estrangeiras e seus descendentes apontam para uma forte conexão entre a imigração e o desenvolvimento de setores industriais e comerciais em especial.

O ramo da confecção está presente no Brasil desde o século 20, sendo intensamente ligada a movimentos migratórios, inicialmente italianos e judeus, transferido posteriormente para grupos de migrantes coreanos. O ramo da tecelagem, tendo se estruturado basicamente através do trabalho de migrantes internacionais, se consolidou em São Paulo onde os mesmos acabaram se estabelecendo em regiões centrais (Idem). Bairros como: Bom Retiro, Brás, Pari e Sé, foram regiões onde migrantes ligados ao ramo de tecidos se instalaram, e por consequência, a produção e distribuição dos tecidos seguiram a mesma direção.

Portanto, os bolivianos que chegaram a São Paulo procurando emprego, encontraram a tecelagem como uma alternativa de ocupação e acabaram se fixando inicialmente nas regiões centrais. As oficinas de costura, em meados da década de 90, começaram a optar por cooptar mais incisivamente os migrantes bolivianos, em detrimento da migração interna de nordestinos por conta da legislação trabalhista. Coutinho (2011, p.96) ainda afirma:

A importação de trabalhadores estrangeiros para o setor é ponto central à redução dos gastos com o trabalho, uma vez que a estadia ilegalizada desta mão-de-obra os deixa a margem dos direitos sociais e trabalhistas.

Apesar da migração boliviana se concentrar inicialmente na região central de São Paulo, seguindo a mesma tendência de outras migrações, como européias e asiáticas,

essa migração apresenta particularidades em sua dispersão pelo espaço através do tempo. A caracterização do espaçamento dessa migração se dá de forma irregular com o passar do tempo, apresentando grupos bolivianos em todas as regiões urbanizadas de São Paulo (SOUCHAUD, 2010). A maior presença dessa nacionalidade, vista no censo de 2000, ainda se mantém na região central com 19,5% da população boliviana na região metropolitana de São Paulo, porém observa-se um movimento de dispersão no território, abrangendo o centro expandido e todas as zonas da cidade, de maneira periférica em de São Paulo e chegando a regiões metropolitanas como Guarulhos, Diadema e grande ABC (Idem).

A dispersão está justamente no deslocamento para as periferias de São Paulo, chegando a outros lugares que grupos migrantes não se fixaram; bairros como Cidade Tiradentes, que apresenta quase 100% de sua população com migrante de origem boliviana, demonstram a necessidade de um aprofundamento de pesquisa nessa direção, para se conhecer o reflexo e os motivos que migração boliviana pode dar na significação desses espaços (Idem). A pesquisa se focará no estudo das mulheres bolivianas e suas vivências na cidade, nos bairros da Penha e Cangaíba que será aprofundado a seguir.

3.2. Atualidade e Vulnerabilidade das Mulheres Bolivianas

Ao pesquisar mulheres bolivianas gestantes na Zona Leste de São Paulo, em especial nos distritos Penha e Cangaíba, pretende-se esmiuçar quais foram as mudanças de paradigmas do contexto de migrar e de que modo essas mulheres assumem determinados papéis na vida familiar e na sua própria trajetória.

O cuidado que se busca neste estudo é a possibilidade de conhecer melhor a especificidade da sua condição de migrante, gestante e trabalhadora e como se dá seu papel nas relações sociais construídas neste processo, procurando analisar a construção de autonomia e emancipação que nascem das experiências migratórias.

Por fim, pretende-se compreender a forma e os limites com os quais essas mulheres dialogam com as representações e o papel que lhes é atribuído em função da sua etnia, gênero e condição de classe, assim como contribuir para potencializar sua voz nos estudos migratórios

Como tão bem salientado por Bhabha (1998, p.123) sobre Spivak

Para Spivak o papel dos intelectuais não deve ser o de representar ou falar pelo sujeito subalterno, eles devem abrir espaços para que eles possam falar e mais do que isso, que possam ser ouvidos, pois não resolverá o problema se estes falarem e ninguém os ouvir. Nesse sentido a autora conclama principalmente as mulheres intelectuais, não para que essas representem as demais mulheres, mas para encontrar meios eficazes em que essas sejam ouvidas e se auto-representem.

Para tanto, se faz necessário contextualizar a produção teórica sobre as mulheres bolivianas em São Paulo e na Bolívia para compreensão da produção acadêmica sobre o assunto.

Para compreender esses caminhos, utilizarei as seguintes pesquisas de apoio: o livro *“Mujeres Latinoamericanas en Cifras”* de 2005, organizado por Ivonne Farah; a monografia da Lorraine Souza Lopes, de 2011, *“Gênero, Lazer e Trabalho na Produção do Cotidiano de Mulheres Imigrantes Ilegais: um estudo psicopolítico com mulheres sul-americanas em São Paulo”*; o mestrado de Vanessa Genereoso Paes, de 2011, *“Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar: deslocamentos populacionais entre Brasil e Bolívia”*; *“Sujeitas de Direitos: história de vida de mulheres bolivianas, peruanas e paraguaias na cidade de São Paulo”*, por Marina Martins Novaes, de 2014; por Rosário del Socorro Avellaneda Yajahuanca, de 2015, *“A Experiência de Gravidez, Parto e Pós-parto das Imigrantes e seus Desencontros na Cidade de São Paulo”*; entre outras que têm tratado dessas questões.

A escolha dessas pesquisas baseia-se na metodologia e nas fontes utilizadas por tais trabalhos, pois ao utilizar entrevistas com bolivianas como fonte de dados, tornam-se fonte para este trabalho também, uma vez que compartilharmos o nosso objeto de pesquisa. O trabalho de Paes (2011) apresenta 27 histórias de mulheres e homens que viveram o processo migratório Brasil-Bolívia. Destes, alguns residem no Brasil, outros na Bolívia e há também aqueles que vivem transnacionalmente, nos dois países. A monografia de Lopes (2011) apresenta 10 entrevistas de bolivianas que vivem em São Paulo.

Como apresentado acima, a questão de gênero traz especificidades para mulher na migração internacional. No caso das bolivianas em São Paulo, existe uma dificuldade de se trabalhar quantitativamente, pela ausência de dados. Porém, através dos relatos se buscará fazer algumas colocações sobre o tema.

Outro fator que dificulta a obtenção de dados nesse estudo é a perceptível invisibilidade da migração boliviana, devido a seu contexto de clandestinidade, tanto

pela sua condição indocumentada, como pela condição de seu trabalho ser clandestino, o que significa muitas vezes também péssimas condições de moradia (SILVA, 1997).

Neste momento será apresentado um breve contexto da mulher boliviana e a sua situação no seu território de origem. Os dados apresentados nas pesquisas acima citadas demonstram que o contexto das mulheres bolivianas no seu território, ainda é o mais degradante da América Latina pela sua condição de gênero, sendo oprimida por uma sociedade fortemente patriarcal, com esses ideais reforçados pelas tradições indígenas (FARAH, 2005). Esse contexto se refletirá nas oportunidades sociais, com taxas baixas de saúde e educação. As taxas de fecundidade ainda são as mais altas da América latina com 3,73 filhos por mulher.

Na Bolívia, assim como na América Latina como um todo, persiste uma cultura machista e tradicional, nos últimos anos o número de feminicídios aumentou de uma maneira alarmante nos países da América Latina. O informe anual de 2016 da ONU¹⁸ especifica que dos 25 países com maior taxa de feminicídio, 14 são da América Latina, incluindo nesta listagem a Bolívia. Esse panorama atribui para mulher papel de subordinação e dependência, além do tradicional e bem estabelecido papel de reprodutora e cuidadora da família. De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2003, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, sobre sexo biológico na Bolívia, a Bolívia é o melhor para os seus homens do que para suas esposas. O relatório continua demonstrando dados que reforçam os apontamentos apresentados acima sobre a condição desigual da mulher. O analfabetismo é muito maior entre as mulheres de ainda de acordo com o INE (2015), a taxa é de 19,35% para mulher, enquanto a taxa de analfabetização para homens é de 6,94%. A saúde ainda apresenta dados alarmantes, sendo que a taxa de mortalidade materna é uma das mais altas do mundo.

De acordo com Barral, 2011, na Bolívia, como no restante da América Latina, o número de mulheres que trabalham é crescente. Entre 1976 e 1992, a participação das mulheres na economia aumentou de 22,5% para 40%, segundo INE (2015). Atualmente, 44% das mulheres trabalham (Idem). A respeito de áreas urbanas, as mulheres se encontram em condições de trabalhos menos produtivos e de menor reembolso. Isto se dá devido à discriminação e pelos seus níveis de educação serem mais baixos do que o

¹⁸ Relatório “Diretrizes Nacionais para Investigar, Processar e Julgar com Perspectiva de Gênero as Mortes Violentas de Mulheres – Feminicídios”, 2016.

masculino. Outro fator de discriminação é a mulher camponesa que é duplamente discriminada por ser mulher e indígena (BARRAL, 2011).

Embora a participação das mulheres na economia esteja a nível crescente, as mulheres têm capacidade limitada para gerar receita. Desde o início da década passada para o presente, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2003, sobre Sexo na Bolívia (PNUD, 2003), o aumento da participação das mulheres na distribuição de riqueza aumentou apenas 3%.

A partir do apresentado referente à realidade da mulher boliviana na sua terra, buscar-se-á entender de seu ponto de vista a condição que a acarretou sua saída. No surgimento de dinâmicas migratórias entre países de diferentes graus de desenvolvimento econômico observa-se com frequência, em um momento inicial, a predominância da presença masculina (ASSIS e col, 2007). No caso boliviano não se deu de forma diferente, porém hoje temos a consolidação desse fluxo, que existe desde a década de 50 e já vem se transformando em outro tipo de dinâmica migratória, na qual as famílias vêm por intermédio de suas redes sociais informais: de seus amigos, parentes ou próximos, que estabelecem vínculos que passam a permear o processo.

Nesta condição, a família ou a rede, passa a ter um importante papel na construção dessa dinâmica, permitindo a chegada de mulheres em diferentes contextos ao nosso país: mulheres solteiras, mais novas, que tiveram sua migração articulada por meio da sua família que está na Bolívia ou em São Paulo e já conhecem a rede social informal, além daquelas mulheres que migram com sua família na condição de esposa e/ou mãe, ambas jovens na idade produtiva como conta PAES (2011).

No relato de Saldías¹⁹ sobre a trajetória das mulheres bolivianas (2012, p.16)

Percebemos que geralmente migram jovens em idade de trabalhar, mulheres e homens no auge da vida reprodutiva. Aqueles que permanecem, em primeira instância, são as crianças e os avós que ficam para reconfigurar a família, pois são os que ficam com a responsabilidade de cuidar dos netos e dos irmãos menores. Essa relação familiar, gera uma rede permanente, coletiva, um fluxo migratório embasado, principalmente na solidariedade e no apoio familiar de parentesco.

É expressivo o número de mulheres bolivianas migrantes que alocam sua força de trabalho em oficinas de costura, mas mesmo que ainda não tenhamos material suficiente

¹⁹ Através do texto *“Perspectiva sociológica sobre o deslocamento transnacional boliviano”* de Vanessa Generoso Paes, 2011, retiramos o relato de Elisa Saldías. Mora na Bolívia, é socióloga, tem mestrado na área de descentralização e gestão pública, está fazendo doutorado no Canadá sobre cidadania e direitos humanos, especialmente com populações migrantes.

para quantificar, as gerações mais recentes de migrantes da Bolívia já podem ser encontradas em outras oportunidades de trabalho²⁰. O desenvolvimento dessa dinâmica de trabalho dentro das oficinas também é condicionado pela questão do gênero, pois essa funcionária, por ser mulher, além de ter que cumprir sua função como costureira, de 15 a 18 horas diárias de trabalho em média, também exerce funções de cuidado do seu ambiente de trabalho, sendo responsável pela limpeza, comida, atenção aos doentes, idosos e crianças, mantendo ali a reprodução de uma relação de gênero onde a mulher deve ser trabalhadora, mãe, doméstica e cozinheira (CAMPOS, 2009).

A tripla vulnerabilidade da mulher migrante nesse contexto é agravada no momento que ela também se vê no processo de estar gestante, pois durante a gravidez ela deve que tomar cuidados pré-natais, sendo muitas vezes o primeiro contato dessa migrante internacional com o poder público através das UBSs (MELO E CAMPINAS, 2012). Nesse processo e após o nascimento dos filhos, sua jornada de trabalho sendo interferido por esse processo, acarretando muitas vezes na diminuição de atividade por conta natural dos processos de gestação, mas que causa a redução de seu salário, já que o sistema de trabalho das oficinas de costura se baseiam no pagamento por peça, que veremos a seguir. Tendo em conta que geralmente as MMI fixam moradia no mesmo ambiente das oficinas, mantém-se após o nascimento e durante o crescimento dessas crianças uma preocupação com a qualidade de vida das mesmas, vide a estrutura de riscos apresentadas nesses espaços com a saúde, falta de opções de lazer e cuidados. Assim como na questão subjetiva, da sua relação de pertencimento com aquele espaço e de do que espera de um lar e da sua estrutura familiar.

Um depoimento recolhido no trabalho de Campos (2009, p.129), deixa muito clara essa condição

Fiquei cinco anos, voltei porque meu filho nasceu e reduziu minha produção, não conseguia trabalhar, eu lavava roupa, fralda e cuidava da criança até às 2 da manhã. Só dormia 5 horas porque começa a trabalhar às 7hs. Várias vezes por dia eu tinha que parar de trabalhar para cuidar do meu filho.

De Melo e Campinas (2010, p.227), vale colocar mais um depoimento para expressar a questão de gênero discutida neste capítulo, junto à condição de mãe dessa mulher e o quanto isso reflete em questões ligadas à saúde da mesma

²⁰ Mesmo que também ligadas à manufatura, já encontramos bolivianas comercializando produtos e não mais em oficinas (Lopes, 2011).

Trabalham em um ritmo incessante de até 16 - 18 horas por dia. Enquanto as mães costuram, as crianças dormem ou brincam no meio dos retalhos, ficando mais vulneráveis aos problemas respiratórios. De fato, no decorrer da pesquisa, constatou-se que muitas mães levam as crianças à USF devido a esses problemas. As condições de trabalho nas oficinas de costura, como já amplamente divulgado pela mídia e por estudos, demandam sérios riscos à saúde.

Por meio desses relatos é possível ampliar a discussão sobre a migrante boliviana, entendendo suas tantas condições de vulnerabilidade onde o trabalho, família e saúde estão presentes dividindo “cômodos”, cabendo a ela responder as essas questões. Vale atentar para o fato que através das crianças, essa migrante encara a necessidade de dialogar com órgãos governamentais de saúde, educação e assistência social (MELO e CAMPINAS, 2010), sem necessariamente ter o conjunto de informações necessárias e o amparo desejado. Inclusive, na grande maioria das vezes, ela é indocumentada e se enxerga, e/ou a enxergam, em um contexto de clandestinidade.

3.3. Mulheres Bolivianas e a Saúde Pública na Cidade de São Paulo

Com o intuito de entender como se articula a atenção à saúde da população de migrantes bolivianas nas políticas de São Paulo, especificamente na Penha e Cangaíba, é importante destacar novamente que constitucionalmente os estrangeiros têm garantidos o mesmo acesso aos direitos sociais que os brasileiros, estando incluso o direito à saúde. Além disso, o sistema de saúde no Brasil, via SUS, tem o princípio de universalidade, ou seja, cobertura do atendimento a todos com uniformidade e equivalência de benefícios tanto para estrangeiros quanto brasileiros. O presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre o tema, trazendo elementos importantes para a discussão de como as regiões da Penha e Cangaíba e a questão das especificidades da mulher migrante se articulam nesse processo.

Para melhor compreensão da relação das bolivianas com os serviços de Saúde no Brasil, será apresentado inicialmente uma básica estrutura de saúde da Bolívia. De acordo com o texto de Carmen Ledo “*Sistema de Salud de Bolivia*”, de 2011, a Bolívia apresenta um dos piores indicadores de saúde da América Latina, apesar de alguns avanços como nos números de mortalidade infantil²¹. Com relação à saúde da mulher

²¹ De 1999 a 2003 era de 54 por 1000 nascidos vivo e em 2008 caiu para 46, muito acima da América Latina que é de 22 por 1000.

boliviana, a mortalidade materna apresentou aumento, sendo também a taxa mais alta da América Latina (290 mortes por 1000, em 2005). Outro dado relevante, ainda de Ledo (2011), é a relação dos partos realizados com profissionais especializados da saúde, sendo de 66% atendidas em 2006.

A partir da nova Carta Constitucional da Bolívia, de 2009, foi reconhecido o direito à saúde, ou seja, todas as pessoas passaram a ter direito à assistência pública de saúde gratuita. E para se garantir esse direito, criou-se o um sistema de saúde da Bolívia, que se baseou em nosso SUS, que ainda está em fase de implementação. Abaixo está a tabela 2, que representa o acesso dos bolivianos e bolivianas ao acesso à saúde.

Tabela 2: Cobertura do Setor Público de Saúde, Bolívia – 2001/2009

Setores	2001		2009	
População subsetor público (não assegurada)	3.309.730	40%	Sem dados	Sem dados
População subsetor seguridade social	2.234.068	27%	2.900.000	28,4%
Seguro universal materno infantil (SUMI)	Não aplica	Não aplica	961.364	9,4%
Seguro público de Adulto maior	Não aplica	Não aplica	490.909	4,8%
Sem cobertura	6.040.044	73%	5.948.264	57,3%
População total	8.274.112	100%	10.227.287	100%

Fonte: Ledo, 2011, p.115.

O sistema de saúde da Bolívia antes das mudanças advindas da nova Carta Constitucional, de acordo com relatório da OMS de 2004, apresentava uma estrutura que continha setores como o público, seguros sociais, privados e medicina tradicional. O seguro social é voltado para trabalhadores do setor formal da economia, e para o sub-setor público, que consiste em uma rede local de administradores conjuntamente com o

governo provincial e do governo municipal. Esta rede de atendimento está organizada em três níveis de atenção, sendo prioridade a atenção ambulatorial. Esse atendimento não é gratuito, se faz necessário o pagamento pelos custos de operação de equipamentos de saúde e o governo entra com o pagamento dos recursos humanos (MARTES e FALEIROS, 2013).

Essas informações demonstram o quanto a saúde na Bolívia apresenta uma estrutura fragmentada, precária e excludente. Este cenário é significativo quando estudamos as migrantes bolivianas e o acesso à saúde no Brasil. As mulheres que cruzam a fronteira estão inseridas nesta realidade e reconhecerão seu novo contexto a partir da base cultural que tiveram na saúde boliviana. Podemos usar como exemplo, a concepção do parto e sua relação com a necessidade de assistência médica. Os dados acima indicam que quase metade das mulheres bolivianas no ano de 2009 realizavam os seus partos fora do hospital, esta informação pode indicar outra visão sobre a necessidade de acompanhamento médico e se reflete para toda sua relação com o sistema saúde (Idem).

No que diz respeito à saúde no Brasil, essa sofreu um forte processo de descentralização, no período mais recente, começando com as Ações Integradas de Saúde, um projeto de atenção médica do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social – INAMPS, caminhando para Sistema Unificado e Descentralizado da Saúde – SUDS, que ainda apresentava vínculos diretos com o nível estadual. Até que, por fim, aconteceu a municipalização do processo e a sua institucionalização, em torno dos anos 90 com o SUS (UGÁ, 2003). Este processo obteve delimitações legais desde a Constituição de 1988 e a partir do respaldo da legislação subsequente nº 8.080 (19/7/90) e Lei nº 8.142 (28/12/90), além de normas e portarias regulamentadoras.

A partir da consolidação do SUS, o acesso à saúde passa a ter como ator estratégico o município, e a saúde será trabalhada no seu conceito ampliado, incluindo aspectos como moradia, saneamento básico, além de outros. Esses corroborarão para o entendimento da saúde como produto das condições da vida (GASPAR, 2010). Além disso, o SUS estabelece uma série de diretrizes²² que o asseguram dentro do seu plano político como a universalidade, equidade e participação, e apresentam também

²² Ministério da Saúde – Brasil. Caderno de Diretrizes. Disponível: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_diretrizes_objetivos_2013_2015.pdf. Acesso: 09/2017.

princípios organizativos como a descentralização, regionalização, hierarquização e controle social.

Cabe um destaque nesse momento a respeito do princípio da universalidade. Este princípio pressupõe a garantia do acesso de todos aos serviços e ações de saúde, a prevenção de doenças e a promoção de saúde. Com isso os estrangeiros estão assegurados nesse processo.

Sobre o SUS, a parte específica que diz respeito ao escopo do trabalho é a atenção básica, que de acordo com o Ministério da Saúde e seu caderno *de “Política Nacional de Atenção Básica”*, a Portaria nº 648/GM de 28 de março de 2006 estabelece como princípios gerais.

A Atenção Básica considera o sujeito em sua singularidade, na complexidade, na integralidade e na inserção sócio-cultural e busca a promoção de sua saúde, a prevenção e tratamento de doenças e a redução de danos ou de sofrimentos que possam comprometer suas possibilidades de viver de modo saudável.

Sobre a Atenção Básica de Saúde, uma de suas estruturas para o atendimento ao público são as UBSs, que são a porta de entrada para a inclusão e início de tratamento pelo SUS. Os distritos da Penha e Cangaíba estão localizados na Prefeitura Regional da Penha e contam com dez UBSs. Três UBSs foram analisadas neste trabalho, pois apresentaram uma grande concentração de migrantes bolivianos e bolivianas, por indicação da Supervisão Técnica de saúde da Prefeitura Regional da Penha em entrevista. As UBSs são: Engenheiro Trindade, Engenheiro Goulart e Carlos Gentile de Melo. Como já apresentado, pretende-se analisar a política pública de saúde, com foco na maternidade de mulheres bolivianas nos distritos focados. Esse recorte se faz necessário pelas seguintes razões: a política de saúde ter como princípio o acesso universal e a garantia de atendimento aos estrangeiros sem nenhuma distinção; a escolha da política de maternidade, para reconhecer no processo a vivência de ser mulher acessando o sistema de saúde na condição de mãe; e a migração boliviana para Zona Leste ainda não ter muitos estudos.

Vale salientar o fato de que a escolha do estudo é a preocupação de se ampliar a discussão a respeito de gênero e saúde, entendendo a vulnerabilidade única da mulher migrante, sendo indispensável pensar em estratégias de ação e de visibilidade para esse cenário pouco visto em pesquisas e muito menos em estratégias de ações.

Para além das entrevistas e dados coletados, apropriou-se de pesquisas que discorrem sobre o tema da maternidade de mulheres bolivianas. A primeira pesquisa é intitulada *“Desfechos Maternos e Perinatais em Gestantes Bolivianas no Município de São Paulo: um estudo transversal caso-controle”* por Nelson Sass e colaboradores, de 2010. A segunda é *“Estudo das Representações Sociais sobre Gestação em Mulheres Bolivianas no Contexto da Atenção Básica em Saúde na Área Central da Cidade de São Paulo”* por Madi, Cassanti e Silveira, de 2009. E por fim, *“A Experiência de Gravidez, Parto e Pós-parto das Imigrantes e seus Desencontros na Cidade de São Paulo”* por Rosário del Socorro Avellaneda Yajahuanca, de 2015.

A primeira pesquisa trabalhará com a compreensão das mulheres migrantes bolivianas que frequentam o Centro de Saúde Escola Barra Funda - CSEBF na região central de São Paulo e trata de gestação, em contextos familiares, de adaptação como migrantes e de espaço de construção da sua vida a partir de uma análise qualitativa. Já a segunda trabalha com grupo controle, sendo 312 bolivianas e 314 brasileiras, do Hospital Municipal Vereador José Storopolli da Vila Maria, no período de janeiro de 2003 a dezembro de 2007, onde se procurou avaliar características relacionadas ao atendimento e o encaminhamento até a realização do parto. O último estudo apresenta uma análise etnográfica do Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, realizando observação participante e entrevistas com de mulheres bolivianas.

Inicialmente a hipótese colocada foi de compreender se existe alguma diferenciação no acesso aos serviços de saúde ligados à maternidade por parte de bolivianas com as brasileiras. O motivo por se acreditar na hipótese de haver uma distinção se sustenta em: questões marcadas pela sua condição de migrante como a barreira da língua, dificultando comunicação e o acesso à informação; o fator econômico firmemente presente, que apresenta uma dinâmica exploratória com duplas jornadas, baixos salários, o mesmo local de trabalho ser o local de moradia e sua saída estar atrelada a uma menor remuneração, dificultando a sua ida à UBS; a situação de não documentada, que a expõe como uma clandestina, ilegal, criando uma barreira de preconceito que a distância da sua relação com a sociedade; e, por fim, um dos fatores mais importantes, a questão de ser migrante internacional e ter que lidar com seu desenraizamento do país anterior, a saudade, os costumes, religião e sua condição rural ou urbana anterior interfere no acesso à saúde.

Inicialmente, as pesquisas, assim como as entrevistas, indicaram que a relação estado e migrante boliviana ainda é invisível e incipiente, não apresentando nenhuma

ação direcionada para esse público. De acordo com Melo e Campinas²³ (2010, p.89), é preciso se pensar ***“no planejamento das ações de saúde, realizar o levantamento do maior número possível de informações acerca da comunidade”***. De acordo com Waldman²⁴ (2011, p.267)

Desta forma, mesmo não havendo qualquer política pública específica promovida pelo Estado brasileiro, no que diz respeito a esta população de imigrantes bolivianas residentes na cidade de São Paulo, o acesso delas ao sistema da saúde nacional parece crescente.

Todas essas pesquisas realizadas na área de saúde, com o recorte migrante boliviana e boliviano, demonstram a ausência de algum plano estratégico ou políticas públicas em saúde para esse grupo, porém todas assistiram a uma forte presença boliviana na busca do serviço de saúde. Relato da entrevista realizada com Sra. Rosangela Elaine Mineo Biagolini, responsável pela SUVIS da Penha, apresenta que em uma UBS no Pari se alcançou a estimativa de 85% de grávidas bolivianas para 15% brasileiras.

Sobre o acesso das bolivianas aos serviços de saúde, a maioria das pesquisas não indicou nenhum agravante ao acesso, a maioria das migrantes bolivianas conhece o serviço de saúde e sabe de sua gratuidade. A pesquisa de Waldman (2011) analisa 28 mulheres bolivianas e dentre elas, 25 utilizaram o serviço de saúde, inclusive das três bolivianas que não utilizaram o serviço não foi por falta de informação e sim por não precisarem - por uma delas ser médica e a última por preferir esperar a doença passar. A pesquisa de Martes e Faleiros²⁵ (2013) também apresentam dados indicando que 65% dos entrevistados conheciam o serviço de saúde e apenas 23% dos entrevistados nunca o haviam frequentado. Porém, como Melo e Campinas (2010, p.107) investigam

²³ O texto citado chama-se “Multiculturalidade e Morbidade Referida por Imigrantes Bolivianos na Estratégia Saúde da Família”. Apresenta um estudo sobre a identificação da morbididade referida mais frequente pelos próprios migrantes bolivianos que utilizam uma PSF do município de São Paulo, no Brás. Foram realizadas entrevistas de forma aleatória com uma amostra de 25 migrantes bolivianos, costureiros, usuários de uma USF da Prefeitura. Os resultados mostraram que entre esses migrantes, existe um alto índice de casos de tuberculose, além de problemas dermatológicos e respiratórios.

²⁴ Texto citado acima chama-se “Movimentos Migratórios sob a Perspectiva do Direitos à Saúde Imigrantes Bolivianas em São Paulo”. Esta pesquisa foi realizada com 28 migrantes bolivianas que frequentam o Centro de Apoio ao Migrante - CAMI para identificar a percepção do grupo estudado com relação ao sistema de saúde nacional e, ainda, compreender o comportamento do mesmo diante da legislação nacional.

²⁵ Texto mostra pesquisa foi realizada com 23 migrantes bolivianos em São Paulo sobre o acesso a saúde de 2013.

Não tendo possibilidade de acesso gratuito aos serviços de saúde na sua terra, os bolivianos que vivem no Brasil têm também dificuldade em se adaptar às “rotinas” de um serviço de saúde pública, não acompanhando muitas vezes as indicações para a continuidade do tratamento.

A partir do contexto apresentado acima, é possível auferir que existe uma procura e um acesso ao atendimento de saúde atualmente para a comunidade boliviana. Porém, como visto na literatura sobre o começo do fluxo migratório boliviano, esse acesso deveria ser garantido de acordo com Silva (1997, p.98), pois ***“as doenças constituem uma grande angústia para o trabalhador de costura, porque em primeiro lugar ele está desprovido de qualquer atendimento médico”***.

Esse aumento no acesso e utilização dos serviços de saúde esbarra em questões como a qualidade do oferecimento do mesmo, sendo necessário analisar o fato do SUS garantir equidade no oferecimento de serviços, ou seja, se o atendimento que está sendo realizado entende as diferenças e necessidades específicas e compreende que os indivíduos são distintos entre si, merecendo tratamento específico para cada diferença, com o intuito de reduzir as disparidades.

Nesse sentido, Martinez²⁶ (2010, p.278) problematiza essa questão colocando que ***“o não reconhecimento que os imigrantes bolivianos necessitam de atendimento diferenciado em decorrência de seu idioma, etnia e cultura fere os princípios de equidade em saúde”***. Vale lembrar que, dentre as diretrizes doutrinárias do SUS, a equidade desponta como um princípio central. O Ministério da Saúde em seu relatório ***“Caderno de Diretrizes, Objetivos, Metas e Indicadores: 2013 – 2015”*** que discorre sobre as diretrizes do SUS²⁷ (2013), afirma que o princípio de equidade do SUS é um dos pilares fundamentais devido à importância de trabalhar de forma específica com grupos que estão em condições de vulnerabilidade, sejam crianças, mulheres, migrantes e outros, a fim de se diminuir o quadro das disparidades no acesso à saúde. Extrapolando a questão da equidade, Melo e Campinas (2010) pontuam que para além de se considerar as diferenças no processo do acesso à saúde, é necessário respeitar as individualidades de cada um, como sua identidade, cultura e hábitos, utilizando o princípio da alteridade.

²⁶ A pesquisa descreve o comportamento da tuberculose na comunidade boliviana residente da região de Belém, Bom Retiro, Brás e Pari, no período de 1998 a 2008. Analisando seu impacto na tendência dessa doença e investigando possíveis disparidades em relação ao acesso aos serviços e na qualidade do atendimento entre bolivianos e nacionais.

²⁷ Segue o link do relatório ***“Caderno de Diretrizes, Objetivos, Metas e Indicadores : 2013 – 2015”***: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_diretrizes_objetivos_2013_2015.pdf

Ainda sim, Yajahuanca (2015, p.76), analisa o respeito das diferenças culturais das bolivianas e salienta

Os cuidados de atenção do parto estão centrados em intervenções de rotina (episiotomia, cesárea, utilização de fórceps, manobras Kristeller) diferentes dos procedimentos geralmente adotados no país de origem das mulheres entrevistadas. Os cuidados pós-parto (práticas alimentares, autocuidado no pós-parto) também contradizem os cuidados próprios de sua cultura. Referem que são ignoradas pela maioria dos profissionais durante o atendimento e que as informações sobre os procedimentos realizados e sobre a evolução do bebê não são claras.

Deixando claro as sensações das próprias bolivianas sobre a forma como é realizado o cuidado do parto, com procedimentos desconhecidos por elas e sem nenhum cuidado em respeitar e compreender sua cultura.

Outro ponto majoritariamente citado por diversos autores que trabalham com a questão migratória é o estranhamento do outro. Sobre a existência de alguma distinção entre bolivianos e nacionais a respeito do acesso à saúde, Martes e Faleiros (2013, p. 93) afirmam que um momento onde ocorre situações de discriminação se encontra no processo de confecção do cadastro para o acesso aos serviços médicos. De acordo com relato extraído dessa pesquisa: ***“os funcionários dizem que não há vagas só porque somos estrangeiros”***. Waldman (2011, p.190) introduziu essa pergunta em seu questionário e 72% das entrevistadas declararam que existe alguma diferenciação e a maior parte advém dos médicos, enfermeiros e funcionários. Relata-se também o preconceito na hora da confecção do cadastro ***“na hora de fazer o cadastro eles nem olham para você, nem me perguntaram e escreveram que eu era indígena”***. Na entrevista realizada com a Professora e Pesquisadora Rosângela Biagolini, da SUVIS Penha, também foi indicada a existência de preconceito por parte do corpo técnico de atendimento, tendo a mesma apontado que muitos acreditam ser “errado” despendar dinheiro público para o atendimento de uma população não-brasileira.

Neste ponto vale ressaltar, como colocado por Silva (1997), que a questão do preconceito com estrangeiros é antiga e vai além de uma época ou país, estando presa em questões mais fortes, como o modelo social vivido. Além das reflexões sobre a provisão de serviços públicos para esse público, inúmeros são os trabalhos que se debruçaram sobre a relação de estrangeiros (*outsiders, san papiers, alienígenas* e

clandestino) com os países receptores e sua população local²⁸. Tema sobre o qual o trabalho não se estenderá nesse momento.

Por fim, quando pesquisado sobre a saúde-doença e as condições de insalubridade das oficinas e a extenuante jornada de trabalho dos migrantes bolivianos, quase todas as pesquisas e entrevistas estudadas apontaram essa relação como um fator determinante²⁹. Melo e Campinas (2010) apontam as oficinas de costura como prejudiciais por suas condições insalubres e desgastantes para os migrantes. Porém, vale ressaltar que a pesquisa de Martes e Faleiros (2013) demonstra outros dados, indicando que alguns donos de oficinas foram imprescindíveis na facilitação do acesso à saúde.

Estes relatos das pesquisas demonstram o quanto o que trabalho ter um fator decisivo na vida do migrante, independente dele estar contribuindo ou prejudicando sua saúde, toda vida do migrante esta balizada pelo trabalho e com isso as oficinas de costuras.

3.4. Maternidade e Mulheres Migrantes Bolivianas

A respeito da gestante boliviana e o acesso à saúde, as pesquisas citadas acima apontam a importância de trazermos à luz a relação das mesmas com o sistema de saúde de seu país natal quando se realiza a análise de sua relação com o SUS no Brasil. E também, que essa questão pode interferir de maneira considerável nas conclusões a serem auferidas dos dados coletados, principalmente quando se estuda a política de maternidade.

Como visto acima e de acordo com Martes e Faleiros (2013), a saúde da Bolívia tem como grandes problemas a mortalidade infantil, maternal e vacinação, indicando a importância da atenção ao tema quando se trata deste grupo específico. Alguns autores apontam também a importância de destacar as questões tradicionais/culturais que permeiam a saúde nesse país. Otis e Bret (2008, p.45) relatam

²⁸ Sobre a etnografia do preconceito com o “outro” ver, ELIAS e SCOTSON, *“Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

²⁹ Waldman (2011); Melo e Campinas (2011); Martinez (2010); Sass e colaboradores (2010); e Madi, Cassanti e Oliveira (2009).

Em uma população rural em Santa Cruz, entre as cinco principais causas para a baixa taxa de partos institucionais, o medo ou vergonha de ser atendida em um centro público de saúde ocupou o primeiro lugar.

Conforme já colocado anteriormente os estudos apontam que existe um número relevante de atendimentos de bolivianas ligados à maternidade e Madi (2009, p.34) aponta que ***“a gravidez das mulheres bolivianas tem constituído um importante objeto de atenção dos serviços de saúde, pois nos últimos anos, tornou-se uma preocupação constante”***. As principais questões apontadas pelos estudos nos quais a presente pesquisa se baseia foram: o desenvolvimento dos acompanhamentos pré-natais; a existência de um número relevante de casos de sífilis; e a forma de realização de parto (normal ou cesárea).

No que diz respeito ao primeiro atendimento e ao acompanhamento pré-natal, as pesquisas indicaram que as mulheres bolivianas tendem a fazer um primeiro contato com o serviço nas UBSs em casos de urgência ou no início da gravidez, mas poucos realizam um acompanhamento de maneira satisfatória. Em pesquisa realizada por Sass (2010), o mesmo auferiu que apenas 50% da população por ele pesquisada tinham um número satisfatório de atendimentos de pré-natal e 16% não havia realizado nenhuma consulta, comparado com o número de 80,7% de mulheres brasileiras que compareceram em 5 ou mais consultas de acompanhamento pré-natal, no mesmo período da pesquisa.

A Professora Rosângela E.M. Biagolini, responsável pela SUVIS da Penha, relatou em entrevista concedida para este trabalho, o caso de uma boliviana localizada no bairro de Vila Matilde (região da Penha) que procurou a UBS enquanto estava grávida e foi diagnosticada com sífilis. Porém, após essa consulta nunca mais retornou para acompanhamento. Agentes comunitárias de saúde a procuraram posteriormente e descobriram que a mesma havia feito o parto em casa e guardado a placenta do filho na geladeira. Apesar deste ser um episódio específico, com esse tipo de caso, podemos atentar para a necessidade de adaptação da política a esses contextos específicos ligados à cultura dessas mulheres. Ainda sobre o acompanhamento pré-natal, Sass (2010) também associa a sua baixa adesão à minorias étnicas, em diferentes países.

Ainda sobre sua pesquisa, Sass aponta dados de incidência de taxas de sífilis até dez vezes superiores entre pacientes bolivianas na comparação com as brasileiras. A sífilis é uma doença cuja transmissão pode ocorrer no momento do parto e cuja prevenção, nesse caso, também se associa ao acompanhamento pré-natal e de parto. Já

tendo visto os dados sobre a baixa adesão das mulheres grávidas bolivianas ao acompanhamento na maternidade, fica clara a necessidade de intervenção do poder público nesse processo, também levando em conta a necessidade de prevenção e controle da sífilis, especificamente.

Por fim, depois de todo o processo de gestação e seu devido acompanhamento (ou a inexistência do mesmo) se refletirá sobre o tipo de parto. Existem diversas reflexões sobre a questão do parto no SUS, não cabe a esta pesquisa discutir acerca do tratamento merecido para o parto e seu processo de alteridade e humanização, mas entende-se sua importância no rol de temas ligados a área da saúde da mulher.

De acordo com as pesquisas realizadas bem como as entrevistas, se observa o fato de a maioria das mulheres tocadas por esses diferentes estudos preferem a realização do parto normal em detrimento à cesariana. Esse fato está ligado a diversos motivos associados à cultura e a questão do trabalho. Na Bolívia os custos do sistema de saúde são mais caros no procedimento da cesárea, o que cria uma propensão à preferência pelo parto normal mais barato como cultura. Existe também o receio dos riscos associados a esse procedimento, por fim, as bolivianas esperam que com a recuperação mais rápida propiciada pelo parto normal possam retornar mais rápido aos seus postos de trabalho. Em nenhum momento espera-se atrelar uma conotação negativa ao parto normal, espera-se apenas atentar para o fato de que uma preferência da mulher boliviana caminha em direção oposta do estabelecido no SUS.

A partir dessas reflexões construídas pode-se ter maior clareza quanto ao grau de vulnerabilidade ao qual essas mulheres estão expostas. Ao migrante já é colocada uma diferenciação que carrega discriminação e preconceito para sua condição. Às mulheres está colocada uma condição maior de submissão e dupla obrigação (família e trabalho) e quando passam por um momento tão importante quanto o da maternidade, o Sistema não tem capacidade de enxergar e ouvir suas necessidades específicas o que coloca sobre as iniciativas próprias das bolivianas a iniciativa da quebra da barreira sócio-cultural e a adaptação às regras do SUS.

4. MATERNIDADE E MIGRAÇÃO: TERRITÓRIO E TRAJETÓRIAS

Nesta seção será apresentado o trabalho empírico da pesquisa, ou seja, serão expostos os dados produzidos e investigados através das entrevistas com o corpo técnico das Unidades Básicas de Saúde e com as gestantes bolivianas que frequentam as UBSs. O objetivo é identificar as características das trajetórias migratórias pelas quais essas mulheres gestantes passaram, demonstrando que relações que elas têm no interior das redes migratórias com suas famílias, seu trabalho, assim como na sua interação com a sociedade receptora, principalmente no convívio com as UBSs. O mote das entrevistas foi conhecer as trajetórias de cada mulher, conhecendo suas vivências do processo migratório e tendo como enfoque a sua própria visão do processo. Além disso, será feita uma análise inicial do território da Penha e Cangaíba, conhecendo seu contexto histórico para corroborar na compreensão do processo de descentralização da migração boliviana para regiões não centrais da metrópole paulistana, com atenção especial para fixação nestes dois distritos.

4.1. Penha e Cangaíba: Migração e Território

Um dos incentivadores para a realização deste projeto de pesquisa reside numa das particularidades da migração boliviana em São Paulo, a desconcentração espacial de sua fixação na cidade de São Paulo. Pois como é demonstrado pela bibliografia o processo de fixação deste grupo migrante na cidade inicia-se a partir de 1980, na região central (Brás e Bom Retiro), após sua consolidação no território da metrópole assistiu-se um movimento de descentralização para regiões periféricas da cidade, estando presente majoritariamente na região noroeste de São Paulo, com presença significativa na cidade de Guarulhos e em alguns bairros da Zona Norte e Leste da cidade de São Paulo (SOUCHAUD, 2010) como dito anteriormente.

Este movimento de difusão da migração boliviana para outras regiões de São Paulo, já foi sinalizado por diversos autores³⁰, porém ainda temos poucos estudos específicos sobre essas regiões³¹.

³⁰ Silva (1997); Xavier (2012); Marcilio (2015); Biagolini (2015); e Lopes (2011).

³¹ Trabalho da Professora Rosângela.E.M. Biagolini, produzido em 2015, é o primeiro trabalho que retrata a Zona Leste, especificamente a região da Penha sob a perspectiva da inserção de migrantes bolivianos.

Outro ponto de destaque para o grupo boliviano fixado em São Paulo é o fato da grande maioria dos migrantes oriundos da Bolívia ser indocumentada, fato que dificulta a mensuração quantitativa da presença deles na cidade. Isto nos traz uma dificuldade na procura por dados quantitativos sobre migrantes internacionais que residam nos distritos de São Paulo. Com isso, para esta pesquisa foram utilizados dados encontrados na bibliografia, além de uma compilação de dados estatísticos de fontes como o INE, o IBGE, o ONSP, a PMSP e a própria vivência da pesquisadora na região estudada.

Ainda acerca dos dados sobre bolivianos destacamos que a prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, realizou em 2012 um informe estatístico a respeito dos migrantes internacionais presentes em São Paulo na última década, resultando em um mapa referente à migração boliviana a partir do censo de 2000 e 2010.

Figura 1 - Concentração de Migrantes Bolivianos. Censo 2000-2010³²

Fonte: Prefeitura de São Paulo, 2012.

No Figura 1 é possível visualizar as regiões com maiores concentrações de migrantes bolivianos estando destacado na parte vermelha os distritos da Penha e Cangaíba, que contam por volta de 500 migrantes internacionais para cada distrito³³.

Em relação à região da Penha e Cangaíba, não se possui nenhum estudo a respeito da migração de mulheres bolivianas de maneira específica para essa área da Zona Leste da cidade de São Paulo. Silva (1997) e Xavier (2012) indicam a presença de bolivianos

³² Destacada na linha vermelha no mapa, região estudada na ocasião dessa pesquisa.

³³ Vale ressaltar a sub-representação das migrações internacionais nos dados oficiais, em especial nos censos, afinal como já demonstramos parte significativa do grupo latino-americano em São Paulo é composto por pessoas sem documentos que regularizam sua presença no território brasileiro.

na região, mas não conseguem auferir qual é o número total de bolivianos, nem precisar a data de origem da chegada nesta região. Nesta bibliografia encontramos a indicação da existência de um movimento de deslocamento do centro para as periferias, os quais muitas vezes é associado aos custos de habitação, que em regiões não centrais a princípio são mais baixos, mas vale salientar que esses processos também levam outros fatores em conta que serão investigados no decorrer da pesquisa.

O estudo de Xavier (2012) mostra por meio de cruzamento de dados censitários de 2000 do IBGE e dados estatísticos do SUS, uma aproximação do número de migrantes bolivianos pelas principais zonas geográficas da cidade. Portanto, neste trabalho encontramos a informação que a localidade da Região Metropolitana Leste de São Paulo com a maior incidência de bolivianos é o distrito de Lajeado (fronteiriço com o município de Ferraz de Vasconcelos). Ressaltamos, contudo, que o distrito de Cangaíba também apresenta números significativos de bolivianos, ao realizarmos um recorte nos dados existentes na Coordenadoria Regional Sudeste de Saúde relativos ao Programa Mãe Paulistana do SUS, tais números indicam uma presença considerável de bolivianas no distrito de Cangaíba, assim como em Lajeado.

Ainda sobre dados quantitativos na região Leste destacamos o estudo de Rosângela E. M. Biagolini *“Trabalho e adoecimento por Tuberculose em Bolivianos Atendidos em Unidades Básicas e Saúde da Supervisão Técnica de Saúde Penha-São Paulo”* (2015), no qual se indica uma maior incidência de migrantes bolivianos na região da SUVIS Penha a partir do ano de 2006, com crescimento em 2011. Portanto, demonstra-se que o movimento dos migrantes bolivianos em direção à Zona Leste é um fenômeno relativamente recente, e, muito provavelmente, está ainda em desenvolvimento. Nesta pesquisa a autora analisou os dados do programa TBWeb no período de 2006 há 2013, sistema de notificação e acompanhamento de casos de tuberculose. Tal fonte banco de dados contava com 2.256 indivíduos que sofriam de tuberculose, sendo destes 225 bolivianos.

Apesar dessa ausência de dados oficiais precisos, pode se observar cotidianamente no bairro da Penha o estabelecimento de um número significativo de bolivianos por intermédio de inúmeras iniciativas. Entre elas destacamos: uma feira que acontece todos os domingos já há três anos, no Largo do Rosário, região central da Penha; o estabelecimento de uma padaria de proprietários bolivianos que oferece produtos

ligados à culinária deste país; a igreja “*Cristo de la Roca*”³⁴ na Rua Coronel Rodovalho Junior³⁵, conhecida como ladeira da Penha; o surgimento de vários times de futebol nos quais os bolivianos são majoritários, e que se utilizam o Parque Ecológico do Tietê; a presença de migrantes bolivianos em escolas da região e nas UBSs dos bairros. A partir dessas observações de caráter pessoal é possível afirmar que a presença desses migrantes nestes espaços geográficos indica uma permanência mais duradoura, que sem dúvida tornam os bolivianos personagens que já fazem parte do cotidiano dos bairros estudados por nossa pesquisa.

O foco da análise territorial está nos distritos da Penha-Cangaíba da Zona Leste da Capital, para tal investigação foi necessário localizar estes distritos na história de São Paulo até os dias de hoje. Utilizarei como referência o estudo de Langenbuch de 1971, em “*Estruturação da Grande São Paulo*”, que discorre sobre as mudanças geopolíticas da cidade; Jesus (2006), com sua dissertação de mestrado “*Penha: de bairro rural a bairro paulistano: um estudo de configuração do bairro penhense*”; Ponciano (2001) com sua obra “*Bairros Paulistanos de A à Z*” e outros autores que corroboraram com esse tema.

Em 1874, a região metropolitana de São Paulo era composta por duas cidades, três vilas e cinco freguesias, dentre elas a Penha que era uma das freguesias mais importante devido a sua forte referência religiosa à época (LANGENBUCH, 1971).

Neste momento a região da Penha e seu entorno (por consequência o Cangaíba, que ainda não havia assim sido denominado) era composta por chácaras e olarias. Em sua região central havia um processo de urbanização com hospedarias e comércios em que a atividade principal era de atendimento aos romeiros que vinham para o santuário da Penha³⁶. Esta região servia de ponto de parada para quem vinha de regiões como Rio de Janeiro e do Vale do Paraíba, e depois de descansarem os viajantes caminhavam até o centro da cidade de São Paulo (JESUS, 2006).

³⁴ A igreja “*Cristo de la Roca*” é uma igreja evangélica da Assembléia de Deus que existe a 5 anos. Esta igreja tem sua placa e todas suas informações escritas em espanhol e é frequentada majoritariamente pelo público boliviano, fato este, comprovado empiricamente em uma visita da pesquisadora ao local

³⁵ A Rua Coronel Rodovalho Junior é uma importante via do bairro da Penha, que faz a ligação da Avenida Celso Garcia, uma das principais ligações da Zona Leste com o centro da cidade de São Paulo, com o Largo do Rosário e seu intenso centro comercial. A Penha por ser uma das regiões mais antigas de São Paulo e de seu entorno é muito comum a presença de pessoas de outras regiões mais afastadas frequentarem seu centro comercial. Além disso, possui o shopping center que foi inaugurado em 1992, sendo o segundo shopping center da Zona Leste de São Paulo, o que contribuiu por muito tempo para ser uma região demarcada pela sua intensidade comercial. Por fim, a região encontra com as principais vias de acesso do centro há zona leste o que a torna de fácil acesso.

³⁶ Igreja datada do século XVII (1667/1668).

Entre 1915 e 1940, São Paulo começa a se expandir e por consequência a região da Penha também aumenta seus loteamentos em direção a São Miguel. Sua expansão ganha força a partir da inauguração da linha de trem “Variante Poá”³⁷, que era responsável pela primeira linha que ligou a Zona Leste ao Centro da cidade, mais especificamente a região do Brás. Neste momento o Bairro do Cangaíba e seu entorno começam a se constituir sendo considerada uma região de periferia com a presença massiva de migrantes nordestinos (MARCILIO, 2015).

Essa expansão da região da Penha deu origem a outras localidades como: Vila Esperança, Cangaíba, Jardim Piratininga e Vila Carrão, sendo intensificada pela circulação de onibus, já que a Penha liga a Zona Leste as principais vias do centro como: Radial Leste, Celso Garcia e Marginal Tiête.

Apesar de sua grande expansão o centro da Penha manteve suas características tradicionais, tendo presente durante a sua história grandes chácaras e casarões de famílias mais abastadas, um dos exemplos é o grande patrimônio da mansão dos Rodovalho, fazendo assim que o centro da Penha fosse uma região mais cara e nobre da região (JESUS, 2006).

Percebe-se então que o distrito da Penha tem relevância histórica na construção da cidade de São Paulo, como grande referência para o trajeto ao centro da cidade assim como seu papel potencializador de vilas e bairros ao seu redor. Esta região acompanhou o desenvolvimento da região metropolitana apresentando em 1940 uma população de 43.991 mil habitantes e atualmente se encontra com 127.716 mil habitantes (ONSP, 2011).

Devido a grande complexidade da cidade de São Paulo, os dados sociodemográficos são disponibilizados por Distritos Administrativos - DA ou pelas Prefeituras Regionais, no caso dos bairros apresentados, Cangaíba e Penha, sua Prefeitura Regional é a da Penha.

A Prefeitura Regional da Penha foi criada pela lei 13.339 de 2002 e compreende os seguintes DAs: Penha, Cangaíba, Vila Matilde e Arthur Alvim. Situa-se a região leste do município de São Paulo e possui uma área de aproximadamente 42,8km, com uma população de aproximadamente 476.489 habitantes (2008)³⁸.

³⁷Atualmente linha 12 da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM.

³⁸ Prefeitura Municipal de São Paulo – Dados Demográficos das Subprefeituras. Disponível: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758. Acesso: 09/2017.

Sobre seus equipamentos de saúde a Prefeitura Regional da Penha possui 40 deles, sendo 21 UBSs, 5 na região de Cangaíba e 4 na Penha. Ainda assim, possui 01 Centro de Referências de DST/AIDS, 1 Rede Hora Certa, 5 unidades de atendimento à Centro de Atenção Psicossocial - CAPS, 1 Centro de Convivência Coopertativa - CECCO, 1 Centro de Especialidades Odontológicas, 1 Unidade de Acolhimento para Adulto, 8 Assistências Médicas Ambulatorial - AMA , 1 Núcleo Integrado de Reabilitação e 1 Hospital Municipal³⁹.

O bairro de Cangaíba, atualmente DA, teve sua formação urbana decorrente do crescimento do distrito da Penha e por ser a via de acesso à bairros como Ermelino Matarazzo e São Miguel, regiões que desde a década de 1930 foram marcadas pela entrada de grandes indústrias⁴⁰. Nos anos 1980 a região começa a fazer parte do projeto de expansão metropolitana de São Paulo, sendo construídas novas malhas rodoviárias no entorno como: Av. São Miguel, a Rodovia dos Trabalhadores (atual Rodovia Ayrton Senna) e o Parque Ecológico Várzea Tietê, sendo inaugurado em 1982 com uma área de 14 mil km². Esta região também possui uma intensa circulação de ônibus, pois tem o início das principais vias que vão para regiões mais afastadas da Zona Leste e de cidades do interior de São Paulo com as vias: Assis Ribeiro, Dutra e Ayrton Senna.

A seguir estão mapas da região para melhor compreensão espacial do tema abordado.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Como Companhia Nitroquímica e Cisper.

Figura 2 – Delimitações do Bairro Cangaíba

Fonte: Google Maps.

São Paulo. Para nosso estudo priorizamos as bases mais recentes, em especial aquelas relativas ao ano de 2011.

Essas duas regiões apresentam taxas percentuais de favelas abaixo da média da cidade, destacando que a Penha atinge a cifra de 4,97% de habitações precárias e Cangaíba chega ao patamar de 10,53%, sendo a média da Cidade de São Paulo 10,88% relativa à cidade de São Paulo. Neste dado é importante notar a diferença entre os dois distritos, onde a Penha tem menos da metade de percentual de habitações precárias quando comparado com o distrito de Cangaíba, demonstrando um perfil bem diferente entre os bairros. Ainda sim, os dois estão abaixo da média da cidade de São Paulo, demonstrando que a região tem menos indícios de moradias informais que a média de São Paulo.

Apresentam ainda a média de 11 pessoas por km², o que nos indica uma densidade populacional média comparando com a realidade do município como um todo.

Vemos por estes dados iniciais que as realidades destes dois distritos são bastante diferentes, fato que se mantém quando o assunto é saúde pública. Novamente temos as taxas relativas à Penha melhores do que as do Cangaíba. Com isso, destacamos o indicador de Idade Média ao Morrer na tabela abaixo, na qual podemos constatar que Penha apresenta índice acima da média da cidade, enquanto em Cangaíba encontramos com uma expectativa de vida de 4 anos a menos, ficando assim abaixo da média do município.

A tabela abaixo expõe a disparidade entre os dados relativos à Idade Média ao Morrer desses dois distritos.

Tabela 2 – Idade Média ao Morrer

Distrito Penha	70,36
Distrito Cangaíba	66,12
Distrito com maior idade média ao morrer – Distrito Alto de Pinheiros	79,67
Média de todos os distritos da cidade	67,96
Distrito com menor idade média ao morrer – Distrito Cidade Tiradentes	53,85

Fonte: ONSP, 2011. Confecção própria.

Sobre a renda per capita na região da Penha e Cangaíba é possível notar uma diferença significativa entre os valores encontrados nas duas regiões conforme ilustrado na tabela abaixo.

Tabela 3 – Renda Per Capita por Distrito

Intervalos	Distrito Penha	Distrito Cangaíba
Menor renda per capita	R\$794,00 a R\$1200,00	R\$127,00 a R\$255,00
Maior renda per capita	R\$1200,00 a R\$5000,00	R\$510,00 a R\$ 794,00

Fonte: ONSP, 2011. Confecção própria.

Estas taxas demonstram que a Penha é um distrito de poder aquisitivo maior que o Cangaíba, porém quando comparando com o município de São Paulo, as duas regiões estão abaixo da média das regiões centrais e distritos da zona oeste e sul (MARCILIO, 2015). Estes dados indicam o perfil econômico das regiões analisadas que podem ser usadas para maior compreensão da escolha de inserção de mulheres bolivianas na região.

A partir desta breve explanação sobre os distritos administrativos o qual a pesquisa se debruça no decorrer da investigação, foi possível ver algumas sinalizações que podem indicar motivos sobre a inserção nesses territórios por parte de migrantes bolivianos.

Marcilio (2015) em sua dissertação “*Brincadeiras infantis no município de São Paulo: Penha e Cangaíba entre o passado e presente*” descreve a presença das oficinas

de costura e trabalho com indústria têxtil como profissões típicas no desenvolvimento desses Bairros. Segundo ele (2015, p.69)

Nos relatos das entrevistas com idosos sobre as brincadeiras de infância, os aspectos da vida social, cultural, econômica e paisagísticas, revelam o local com pouquíssima urbanização (...) Mencionaram também a ocupação profissional de seus pais, dentre as quais o ofício na indústria têxtil, o trabalho com costura ou mesmo exercício nas ferrovias.

A partir deste relato é possível investigar a história das oficinas de costura na Penha para entender se existe alguma ligação com a entrada da migração boliviana. Outro fato que importante a ser considerado é a proximidade e facilidade de acesso com o Brás, conhecido pela sua principal atividade econômica no ramo da costura e com a vantagem dos baixos custos dos terrenos (Idem).

Claro que esses indícios não são suficientes para estabelecermos uma relação causal do motivo da entrada considerável de migrantes bolivianos na região da Penha e Cangaíba, mas demonstram uma relação antiga da região com o ofício da costura e uma proximidade com a região do Brás pelo trem, facilitando a possibilidade da criação de uma rede ligada ao ramos da costura.

4.2. Unidades Básicas de Saúde - UBSs: Carlos Gentil de Melo, Engenheiro Trindade e Dr. José Pires

A pesquisa de campo deste trabalho inicia-se com o processo de autorização do Ministério da Saúde, através do SISNEP. Processo longo, moroso e pouco compreensível para um pesquisador das Ciências Humanas. Para dimensionar este processo, a submissão inicial do projeto ocorreu em março de 2015 e a autorização para a realização da pesquisa, com a conclusão do processo, somente quase um ano depois. Processo que envolveu autorização e aceitação dos seguintes comitês de éticas: Plataforma Brasil (nível federal), Prefeitura Municipal de São Paulo, Coordenadoria Regional de Saúde do Sudeste, Subprefeitura da Penha e Universidade de São Paulo⁴².

⁴² Destacamos que sem a finalização deste processo éramos impedidos de fazer contato com as UBS definidas como campo de pesquisa. Fomos bastante surpreendidos com a recusa de qualquer contato inicial com as UBS (gerentes e/ou corpo técnico) em nos atender, pois há uma orientação geral no sistema de saúde que toda e qualquer pesquisa (nos seus mais diferentes níveis) deve ser precedida por autorização de comitês de ética (que estão hoje em dia integrados no sistema da Plataforma Brasil).

Dentro dos distritos da Penha e do Cangaíba existem no total 9 UBSs e um ponto atendimento Hora Certa, equipamentos administrados pela Secretaria de Saúde do Município de São Paulo. Com isso, foram escolhidas três UBSs para a análise: UBS Engenheiro Goulart - José Pires, situada no Cangaíba; UBS Gabriela Mistral – Engenheiro Trindade situada na Penha; e UBS - Carlos Gentile de Melo, situada também no Cangaíba.

A escolha destas UBSs deu-se após a realização de entrevistas com uma funcionária da Supervisão Técnica de Saúde da Prefeitura Regional da Penha⁴³, Sra. Cristiane Lopes Cavalcante, que é integrante da comissão do migrante e do idoso; e com a Sra. Rosângela Elaine Mineo Biagolini, responsável pela SUVIS da Penha e que também é pesquisadora sobre a migração boliviana na Penha, tendo inclusive um trabalho de doutorado recente sobre tuberculose e migrantes bolivianos na Penha. As características usadas para os critérios de decisão de quantas e quais unidades seriam selecionadas, foi o número aproximado de migrantes mulheres, boa receptividade⁴⁴ da pesquisa, bem como sua localização. Após esta escolha foram realizadas reuniões⁴⁵ com as UBSs para uma primeira aproximação com suas dinâmicas de funcionamento e como ocorrem a relação com as mulheres migrantes.

A entrada da pesquisa dentro das UBSs torna-se necessária devido a três principais motivos: os dados sobre migrantes (mulheres bolivianas gestantes) não estão tabulados, sendo necessária a realização desse processo individualmente em cada UBS; a facilidade de encontrar o objeto de estudo e poder compreender o seu processo de inserção e acolhimento; e a institucionalidade da UBS que permite a criação de um vínculo de confiança para a realização das futuras entrevistas, bem como da observação participante já planejada em nosso projeto.

Sobre o uso das UBSs como local de entrevistas para aproximação da realidade de mulheres migrantes, usamos como parâmetro a pesquisa realizada por Biagolini em

⁴³ Na divisão administrativa da Prefeitura de São Paulo, a Prefeitura Regional da Penha engloba os seguintes distritos: Penha, Cangaíba, Arthur Alvim e Vila Matilde.

⁴⁴ Ocorreram dificuldades em entrar em algumas UBSs em decorrência de mudança da gestão na Saúde. A Prefeitura de São Paulo em novembro de 2015 realizou algumas mudanças na estrutura de parceria das UBSs, submetendo a somente um parceiro por cada área da Subprefeitura. Anteriormente cada UBS poderia ser gerida por uma OSS, convênio ou administração direta. A partir do começo do começo do ano de 2016, foi realizado o chamamento para definir qual OSS iria gerir o território da Subprefeitura da Penha, havendo algumas UBSs que por conta da reorganização não conseguiram ainda abrir caminhos para a pesquisa.

⁴⁵ Apêndice o roteiro semiestruturados utilizado para as conversas com as gerentes das unidades.

2015⁴⁶, que apresentou boa aceitação por parte dos bolivianos e das enfermeiras que agendavam as consultas. Nas palavras de Biagolini (2015, p.95)

A opção pela realização da entrevista na UBS levou em consideração que, em muitos casos, como pode posteriormente ser comprovado, os pacientes com tuberculose não desejam revelar o diagnóstico no domicílio e/ou lugar de trabalho. Além disso, certas características correntes relacionadas à forma como se realiza o trabalho e a vida de tais pacientes apontam para ambientes que, supostamente, não permitiam a privacidade necessária para entrevista.

Ainda assim, na pesquisa realizada por Madi, Cassanti e Silveira (2009), sobre bolivianas gestantes e o acesso às UBSs na região central de São Paulo, na qual desenvolvem entrevistas dentro e fora das UBSs, aponta que as entrevistas realizadas dentro da instituição apresentaram resultados mais substanciosos, com maiores informações colhidas em entrevistas mais longas.

Sendo assim, utiliza-se como meio para nos aproximarmos da realidade das migrantes bolivianas que vivem na Zona Leste de São Paulo, o uso das UBSs por elas enquanto gestantes, captada por meio de entrevistas livres em profundidade, a análise do local destas UBSs, nas quais encontramos grande incidência de mulheres bolivianas entre seus usuários. No entanto, a partir das entrevistas já realizadas com o corpo técnico dessas UBSs, cada uma delas apresentou características próprias referentes à sua região, bem como diferenças no contato com os migrantes, demandando ações diferenciadas de nossa parte para cada caso.

Para compreender o contexto no qual o atendimento básico à saúde das gestantes bolivianas acontece, e como se relaciona com a trajetória de vida da migrante boliviana, foi necessário inicialmente entender o papel da mulher nos fluxos migratórios, a atualidade dos fluxos migratórios no Brasil e como funciona o trabalho dentro das UBSs. Esses conceitos subsidiaram a pesquisa para a próxima etapa de coleta de dados empíricos.

A principal referência da pesquisa é a realização das entrevistas qualitativas com as migrantes bolivianas gestantes dentro das UBSs anteriormente escolhidas. Todas as entrevistas foram realizadas dentro das UBSs no distrito da Penha, abarcando bairros como: Cangaíba, Engenheiro Goulart e Penha, se fazendo necessário apresentar um relato sobre o campo das entrevistas.

⁴⁶ Além de autora do estudo citado a Rosângela Biagolini é também uma de nossas entrevistas neste momento inicial da pesquisa.

Além das entrevistas realizadas com cada gestor da UBS, foram realizados no total quinze entrevistas, sendo cinco em cada uma das três UBSs analisadas. Cada UBS apresentou uma realidade própria de como quantificar o número de migrantes bolivianas que eram usuárias dos serviços do programa Mãe Paulistana na unidade e de controle dos dias de sua frequência, pois nenhuma das unidades tem esse dado tabulado, tampouco o número total de migrantes que as frequentam.

Para melhor entendimento do processo de inserção e acolhimento destas migrantes, faz-se necessário apresentar como foi a chegada da pesquisadora a essas UBSs, assim como o relato dos trâmites internos para conseguir as entrevistas, pois em cada unidade foi seguido uma linha diferente, devido a demandas internas, necessidades especiais, a própria infraestrutura do lugar e da estrutura de planejamento de cada unidade. Abaixo segue um breve relato do processo interno de cada uma das UBSs.

4.2.1. UBS Engenheiro Trindade

A primeira UBS visitada para o trabalho foi a unidade Engenheiro Trindade, cuja responsável é a gerente Sra. Maria Auxiliadora Araújo Dias. A UBS localiza-se na Avenida Gabriela Mistral, 1168, uma das principais avenidas do distrito da Penha, além de ser uma região de grande movimento de pessoas e de veículos, esta avenida dá acesso à Ponte Nordestina, entrada do município de Guarulhos e acesso à Marginal Tietê.

A área de abrangência da UBS é de 25.000 habitantes, englobando cinco comunidades e uma área de ocupação irregular. Segundo informações dadas na entrevista a região apresenta um alto número de migrantes, como haitianos, angolanos, africanos e chineses. Apesar de não terem dados da migração boliviana, nota-se uma presença considerável desses migrantes na unidade.

Com relação à mulher boliviana gestante, segundo nossa entrevistada, a UBS atende 214 gestantes no momento da entrevista, sendo destas, 23 Bolivianas. Nossa entrevistada afirma que um dos comportamentos observados entre as bolivianas, o que de certa forma as diferencia das demais gestantes da unidade, é o momento de sua chegada à UBS como gestante, uma vez que seu pré-natal geralmente é tardio em relação às demais, fato que pode explicar a maior incidência de casos de sífilis e tuberculose entre as migrantes.

Um dos projetos desta UBS voltado para migrantes surgiu de uma iniciativa própria da UBS a partir de uma preocupação com o índice de tuberculose em migrantes na região⁴⁷, apesar de não possuir o Programa de Saúde de Família – PSF⁴⁸, foram criadas ações que consistiam em sair da UBS e fazer prevenção *in loco*, indo até as oficinas de costura, que também são suas moradias e realizando os cuidados necessários, esta atividade contribuiu para um amparo para outras doenças e também no cuidado de gestantes bolivianas.

Ainda assim, esta atividade facilitou a aproximação da unidade no cotidiano dos bolivianos, sendo possível observar o tipo de moradia da migração boliviana que, de acordo com a entrevistada constitui em oficinas de costuras compartilhadas. Algumas de grande tamanho com mais de 10 pessoas, outras de características familiar com um número reduzido.

Quando discutida a possibilidade de realização das entrevistas com as mulheres bolivianas gestantes, a gerente indicou duas possibilidades: participar diretamente do grupo de gestantes desta UBS, para a qual são realizadas reuniões periódicas com gestantes em grupos de pequenos formatos, aproveitando a presença de gestantes no ambiente de espera pelas consultas da unidade; e marcação de entrevistas em dias específicos nos quais se realizariam consultas ginecológicas, tal agendamento seria previamente realizado pela enfermeira da unidade junto às gestantes bolivianas.

Por fim, a UBS compartilhou o panfleto desenvolvido pela Prefeitura de São Paulo em parceria com a organização social SECONCI, a respeito dos cuidados necessários na gestação e possíveis perigos que devem ser notificados⁴⁹. Segue o mesmo abaixo.

⁴⁷ A tuberculose é doença com grande incidência no grupo de migrantes bolivianos por conta do ambiente de trabalho o qual estão submetidos (BIAGOLINI, 2015).

⁴⁸ Um dos papéis do PSF é trabalhar dentro do território com agentes de saúde, que tem o papel visitar cada residência da região para conhecer melhor a realidade do bairro e assim pensar em ações junto a UBS que trabalhem com a prevenção da saúde.

⁴⁹ Panfleto entregue pela entrevistada, não há maiores informações sobre a produção deste material.

Figura 4 – Panfleto sobre cuidados da gestação em espanhol - frente

Fonte: Sistema Único de Saúde e Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Figura 5– Panfleto sobre cuidados da gestação em espanhol - verso

Fonte: Idem.

Na prática, realizamos com esta UBS um levantamento de gestantes migrantes que frequentam a unidade por meio dos dados do programa Mãe Paulistana. O método utilizado foi a análise da listagem de todas as gestantes do período de janeiro à março de 2017 e identificação de sobrenomes de origem boliviana como: Quispe, Condori, Peredo, Asencios, Salas, Cruz e outros. Após este processo foi encaminhada à pesquisadora a listagem com todos os prontuários, nos quais era possível ter acesso a

informações de idade, nomes, endereço, gravidez atual, ocupação, escolaridade, renda familiar, hora de trabalho e, por último, a indicação dos dias das próximas consultas. Foi feito um calendário da pesquisadora junto à unidade e foram realizadas as entrevistas após a consulta médica com o ginecologista. Inicialmente se tentou realizar as entrevistas em uma área aberta da UBS, o que dificultou o processo de entrevista, pois se criava um clima impessoal, muito condicionado por barulho, criando um ambiente constrangedor para a entrevista.

Após esse teste todas as entrevistas foram realizadas em alguma sala disponível da UBS. As gestantes migrantes bolivianas eram levadas para esta sala pela enfermeira responsável que acompanhava o médico. Esse clima trouxe segurança e confiança para a gestante ir de encontro com a pesquisadora, pois ela estava sendo guiada diretamente por profissionais da saúde, porém criava um clima institucional e, por vezes, a pesquisadora era confundida com algum profissional de saúde, pois as enfermeiras não informavam de maneira clara o motivo da conversa.

4.2.2. UBS Engenheiro Goulart

A unidade também chamada por Dr. José Pires, localiza-se no bairro Engenheiro Goulart, localizada na Rua Augusto Correa Leite, 538. Esta instituição tem funcionamento integrado com o AMA, apresentando grande circulação de pessoas.

A instituição apresenta o maior atendimento de mulheres migrantes, observado por gerentes de diferentes unidades e na própria Supervisão Técnica de Saúde, estimando um número maior que 100 gestantes, por referência da última contagem.

Porém, não existe tabulação destes dados⁵⁰. A entrevista foi realizada com a psicóloga da unidade, Glaucia Carvalho e Silva, que trabalha há oito anos na UBS, um de seus papéis na unidade é a abertura de pré-natal e a realização do grupo de gestantes.

Esta instituição não realiza atividades específicas para migrantes, mas já realizou um projeto chamado “violência-doméstica com gestantes bolivianas, um autocuidado”. A realização deste projeto aconteceu por conta do número expressivo de mulheres bolivianas gestantes e constantes vivências de maus-tratos. Porém, apesar desta

⁵⁰ Os dados de gestantes nas unidades são realizados em uma planilha separada montada pela própria equipe da UBS, para depois alimentar a planilha do Programa Mãe Paulistana (atual Rede Cegonha), não tendo o dado obrigatório de para preenchimento. Algumas UBSs realizaram a pesquisa de recorte olhando para os sobrenomes das pacientes.

iniciativa, o projeto não teve adesão. Na avaliação da psicóloga da unidade é muito difícil ter acesso às bolivianas fora do momento da consulta, pois elas não podem ou não querem sair de seu ambiente de trabalho, as oficinas de costura.

Sobre as características epidemiológicas das migrantes bolivianas, a unidade detecta também um pré-natal tardio, principalmente das migrantes recém-chegadas.

Este perfil do pré-natal tardio, não é uma característica apenas dessa unidade de saúde, mas do grupo de migrantes bolivianas, como visto em outras pesquisas, as migrantes tem o perfil de procurar a UBS tardiamente, não realizando assim todos os pré-natais necessários⁵¹.

A respeito das possibilidades de inserção da pesquisa, esta unidade também possui um grupo de gestantes com participação de migrantes, porém, com uma participação bem reduzida ao comparado com o número total de frequentadoras da unidade.

Nesta UBS foi necessário retomar o contato duas vezes devido a mudanças da gestão, inicialmente administrativa (mudança do consórcio para SECONSI) e na segunda vez por mudança na gerência da unidade, sendo necessário encaminhar e-mail da subprefeitura confirmando que a pesquisadora tinha autorização para realização da pesquisa. Essa UBS possui o maior número de gestantes bolivianas, em relação a todas as visitadas. Para a realização da pesquisa foi feito um levantamento sobre o número total de gestantes bolivianas utilizando dados do programa Mãe Paulistana, analisando os sobrenomes de origem boliviana, mesmo método utilizado na UBS Engenheiro Trindade. As entrevistas foram realizadas na sala da assistente social da unidade, que era ao lado da sala aonde se marcavam consultas, o que facilitou a entrada das gestantes pela proximidade. Elas eram avisadas pela secretaria da unidade que havia uma pesquisadora querendo as conhecer e entravam na sala já sabendo da entrevista. Esta UBS apresentava muito interesse em saber como melhorar a qualidade de atendimento com as gestantes bolivianas, se envolvendo com mais profundidade na pesquisa em questão para subsidiar as pautas da Conferência Municipal da Saúde da Mulher que aconteceu durante o processo de pesquisa.

⁵¹ Como em WALDMAN, 2011.

4.2.3. UBS Carlos Gentile de Melo

A última UBS a ser entrevistada foi a unidade Carlos Gentile de Melo, pois estava com um processo mais turbulento de troca de convênio, o que retardou um pouco o processo de inserção da pesquisa. Todas as conversas foram feitas diretamente com o Enfermeiro chefe Wallace Henrique de Lima e com a enfermeira Jucelma Santos.

A UBS está integrada com o sistema AMA e localiza-se na própria Avenida Cangaíba, a principal avenida no bairro, que faz ligação da Penha com o distrito Ermelino Matarazzo. Além de ser uma região de grande movimento de pessoas e de veículos, esta avenida dá acesso à Av. São Miguel e Avenida Assis Ribeiro. A área de abrangência da UBS é de 40.000 mil habitantes. Segundo informações dadas na entrevista a região apresenta um alto número de migrantes, sendo a maioria de origem boliviana. Com relação à mulher boliviana gestante, atualmente, segundo nossa entrevistada, a UBS possui 160 gestantes no momento da entrevista, sendo destas 20 Bolivianas.

A unidade apresentou uma listagem de mulheres bolivianas, utilizando o mesmo método que as outras unidades, pelo sobrenome, porém o sistema não informava quando eram as consultas das gestantes bolivianas, informando apenas os dias que os médicos apareciam na unidade. As entrevistas eram realizadas conforme o número de gestantes que aparecessem no dia, sem alguma informação prévia como nas outras unidades. Além da realização das entrevistas nesta unidade também foi acompanhado o grupo de gestantes, que é realizado toda última sexta do mês.

Esta foi a única unidade que possui um grupo de gestantes com grande participação e presença de migrantes bolivianas. O grupo tem uma presença de público que varia de acordo com o número de gestantes naquele período, oscilando de 15 à 30 gestantes. Dentro desse grupo de gestantes foi possível se adentrar mais no universo das gestantes bolivianas e as entrevistas puderam ser mais profundas e abertas. Das entrevistas realizadas com mulheres desse grupo, era perceptível um maior nível de informação com relação ao seu momento de gestação, como também das políticas a ela disponíveis, sendo possível encontrar gestantes bolivianas que ganhavam auxílios como Bolsa Família e auxílio creche.

O conteúdo dos grupos era dividido em dois momentos, o primeiro sobre acompanhamento e cuidado com a saúde das gestantes e no segundo sobre a legislação brasileira e os direitos de mulheres gestantes. No final de cada grupo existia o ritual do

sorteio, onde eram sorteados presentes e quando havia alguma ex-gestante (acabara de virar mãe), esta recebia um presente do grupo. No período analisado, que se estende de fevereiro a maio, foi possível conhecer diversas gestantes bolivianas e ver elas se relacionando com brasileiras, também se pode observar menos faltas no pré-natal do que nas outras unidades, realidade pouco comum entre gestantes migrantes internacionais que geralmente são conhecidas por serem faltosas, como demonstrado nas outras UBSs e no capítulo anterior.

O momento do grupo de gestantes merece destaque, pois foi fundamental para algumas migrantes bolivianas e para as próprias brasileiras. Todas eram calmamente instruídas sobre seus direitos e algumas mulheres eram inclusive acompanhadas ao Centro de Referência a Assistência Social - CRAS para conseguir programas de auxílio como: Bolsa Gestante; Bolsa Família; Cadastro Único; Bilhete Gestante; auxílio Moradia; e outros. Justamente nessa unidade que fornecia essas informações 2 gestantes já possuíam o Bolsa Família.

“É difícil viver como migrante porque tudo é custoso e não se sabe muita coisa sobre o país. Então quando me falaram que o governo dava dinheiro, fui logo saber, a moça aqui a UBS me levou no lugar, como tenho todos meus papéis, foi até fácil. Hoje com 6 filhos não conseguiria pagar para todos eles.” (informação verbal)⁵²

Acompanhamos um caso específico o de Rosa, tem 30 anos, veio para o Brasil em 2006 e hoje está na sua quinta gestação, sendo a terceira acompanhada nesta UBS. Diferente de como se retratam geralmente as bolivianas no Brasil, com seu estereótipo calado e tímido, Zuma era conhecida por todos na unidade, desde sua primeira gestação nesta unidade frequenta o grupo de gestantes, sendo conhecida por sua assiduidade, participação e laço afetivo criado. Ela trouxe e incentivou outras mulheres bolivianas a participar. A pesquisa teve contado com ela ainda gestante para a realização da entrevista, e logo depois teve o seu filho, mas mesmo não precisando mais frequentar o grupo de gestantes ela o visitou somente para mostrá-lo, de maneira muito entusiasmada com as brasileiras e as bolivianas. Apesar de ser um caso isolado, é um excepcionalmente interessante, que quebra com diversos padrões atestados da migração feminina boliviana.

⁵² Informação fornecida por Rosa, em entrevista, 2017.

4.3. Mães bolivianas: Trajetórias e Maternidade na Cidade de São Paulo⁵³

Após as escolhas das UBSs e a preparação do campo foram realizadas as entrevistas com gestantes bolivianas, sendo cinco entrevistas em cada UBS analisada. O número escolhido para as entrevistas deu-se por conta do limite temporal para a realização da pesquisa e do local onde elas seriam coletadas. Como não se sabia o número exato de migrantes bolivianas dentro das UBSs a escolha de 5 entrevistas em cada unidade foi tomada a partir das conversas com as gerentes ou o enfermeiro chefe de cada uma das unidades. Além disso, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o objetivo das entrevistas era conhecer as trajetórias das gestantes bolivianas e sua relação com a UBS, sendo necessário uma atenção especial para cada uma delas.

A escolha de quais seriam as gestantes entrevistadas se deu de forma livre, definida pelas primeiras consultas agendadas. Como a finalidade das entrevistas era justamente conhecer a realidade das gestantes bolivianas na região da Penha, não foi necessário nenhum filtro de idade, número de partos e localidade para a realização das entrevistas. As entrevistas foram feitas garantido o anonimato de todas as entrevistadas e a confidencialidade dos dados revelados, sendo as mesmas realizadas somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido traduzido para espanhol. Cada processo de entrevista teve em média a duração de 30-40min por entrevistada, sendo todas gravadas e depois transcritas.

As entrevistas foram realizadas individualmente, porém era muito comum a presença de algum parente, amiga, marido ou filha junto na consulta. Essa companhia, por vezes, falava melhor português e estava ali para ajudar a comunicação, sendo por vezes a ponte entre a entrevistada e a pesquisadora. Houve apenas um caso de entrevistada acompanhada pelo marido no momento da entrevista que teve um desdobramento diferente das outras. A existência de um acompanhante no momento da entrevista, na maioria das vezes, criava um clima de maior descontração e a entrevista acabava sendo realizada de maneira mais informal. Em contrapartida, as entrevistas que foram realizadas apenas com as gestantes, seguiam com maior dificuldade e um constrangimento visível entre as entrevistadas e a entrevistadora. Porém, após a realização de todas as entrevistas, fica claro que a timidez e a dificuldade de fornecer as

⁵³ Neste momento será apresentado as entrevistas realizadas com as gestantes bolivianas nas 3 UBSs acima apresentadas. Importante salientar que para preservação da identidade das entrevistadas os nomes apresentados no trabalho são fictícios.

informações se relacionam de maneira mais acentuada com a criação de um ambiente íntimo, do que com um perfil da entrevistada; apesar de diversas pesquisas relatarem essa “típica timidez” das mulheres bolivianas (MADI, CASSANTI e SILVEIRA, 2009), a dificuldade de diálogo não foram entendidas nessa pesquisa como um perfil das bolivianas, mas com a falta de intimidade entre as partes.

Após a realização de todas as entrevistas, foi iniciado o processo de transcrição das mesmas para tratamento e análise das informações. Com as transcrições finalizadas ficaram evidente algumas temáticas centrais entre todas as entrevistas, temáticas estas que expressavam sentidos significativos da vida dessas mulheres como: maternidade dentro da cultura de origem; suas condições de trabalho e de vida; sua condição como migrante internacional; vivências como gestante migrante na Penha.

Por isso, para realização da pesquisa, buscou-se encontrar categorias de diálogo possíveis entre as falas das gestantes das diversas UBSs, a fim de levantar convergências e divergências de suas trajetórias e especificidades como migrantes bolivianas no processo de gestação. Após a apresentação da análise das entrevistas será apresentado um relato de uma das entrevistas na íntegra que funcionará como fio condutor de compreensão das experiências dessas migrantes, destacando em suas falas as condicionantes das relações de gênero existentes em suas trajetórias como migrantes. Sendo um de nossos objetivos primordiais a compreensão, através de trechos de nossas entrevistas, de como as relações de gênero afetam a migração e o papel das redes na inserção e adaptação dessas mulheres.

As entrevistas foram realizadas em São Paulo, entre fevereiro e maio de 2017. Foram realizadas 15 entrevistas com mulheres bolivianas⁵⁴ utilizando como método entrevistas livres em profundidade. Buscou-se a partir das entrevistas analisadas encontrar categorias que fossem possíveis de diálogo entre as falas das gestantes bolivianas dentro de uma unidade de saúde, afim de levantar pontos em comum e diferentes de sua vivência. Segue tabela com um sumário das 15 entrevistadas que serão apresentadas.

⁵⁴ Todas as entrevistas foram feitas respeitando a confidencialidade das entrevistas. Respeitando das determinações do Comitê de Ética, em todas as entrevistas foi anteriormente entregue e assinado o Termo de Consentimento Livre e esclarecido em espanhol.

Tabela 4 - Sumário das Entrevistadas

Nome	Idade	Estado Cível	Escolaridade	Tempo Brasil	Ocupação	Gestação
Catarina	22	casada	incompleta	3	costura	1
Juana	28	casada	incompleta	10	costura	3
Mercedes	22	casada	incompleta	1	costura	1
Aurora	25	casada	incompleta	12	costura	3
Victorie	17	casada	incompleta	5 meses	costura	1
Roaxana	31	solteira	incompleta	10	costura	3
Yhobana	22	casada	incompleta	6	costura	1
Lucrecia	29	casada	incompleta	9	costura	4
Rosa	30	casada	incompleta	11	costura	4
Edit	25	casada	incompleta	5	costura	3
Marlene	29	casada	incompleta	10	dona de casa	6
Domitila	26	casada	incompleta	7	costura	3
Jimena	23	casada	incompleta	1	costura	1
Magdalena	22	casada	completa	4	costura	4
Rosmery	21	casada	incompleta	1	costura	2

Fonte: confecção própria, 2017.

Das mulheres gestantes bolivianas entrevistadas, apenas duas delas não vieram sozinhas para o Brasil, dado interessante quando se estuda a migração internacional feminina, que está sempre muito atrelada a presença de alguma figura masculina. Todas vieram ao Brasil por contato com alguma rede, geralmente próxima, sendo a referência algum ente da família ou amigo, porém também foram relatados casos de mulheres que saíram sem conhecer ao certo seu destino.

“Tinha 16 anos e estava vindo para o Brasil sozinha. Sabia que alguém me buscaria na rodoviária, mas não conhecia nada. Não sabia para onde estava indo e o que eu faria aqui.” (informação verbal)⁵⁵

Primeiro, para entender sua condição de migrante é necessário compreender de qual local da Bolívia que essas migrantes vieram, pois para entender o processo migratório deve se ter sempre como referência a condição de emigrante e de imigrante (SAYAD, 1998).

Essas mulheres saíram de seu país de origem com idade entre 16-23 anos, com estudos incompletos⁵⁶ e originárias de La Paz. O que não significa que moravam

⁵⁵ Informação fornecida por Yhobana, em entrevista, 2017.

⁵⁶ Apenas duas conseguiram terminar o ensino regular

próximas, pois há diversas províncias nessa região, sendo algumas delas da zona rural e outras do meio urbano. Somente dois casos de mulheres que eram de outras localidades da Bolívia, Ururo e Santa Cruz. Todas as entrevistadas trabalham no ramo de costura, com exceção de Maruja, que trabalhou nesse ramo, porém com o aumento da família optou em cuidar dela, mas ainda realiza alguns trabalhos de costura pelo bairro. Apesar do perfil profissional se manter nas oficinas de costura, algumas relataram interesse em começar os estudos e mudar de carreira, inclusive Edit de 25 anos, diz ter o sonho de ser enfermeira para cuidar das Bolivianas.

De todas as gestantes entrevistadas, apenas 5 estavam em sua primeira gestação, todas as outras já eram mães estando entre a 2° e a 6° gestação, três delas já eram mães na Bolívia antes de serem migrantes internacionais. Todas as mulheres entrevistadas querem ou já tiveram parto normal, algumas contaram até que chegaram a pedir cesárea na hora do parto, por não aguentar a dor, mas em na maioria das conversas elas tiveram seus filhos de parto normal, havendo apenas dois casos de cesárea que aconteceram em caráter de urgência. Os partos foram feitos no hospital e, em alguns casos, em suas próprias casas, quando estavam na Bolívia. Muitas falaram do medo que sentiam dos médicos conduzirem cesáreas no momento dos partos, havendo inclusive o relato de uma amiga de Victorie, que parou de fazer o acompanhamento pré-natal, seguindo direto para o hospital ter o bebê para evitar que a levassem para a cesárea.

4.4. Territorialidade

Após a realização das entrevistas foi possível mapear possíveis indícios do como ocorreu uma desconcentração espacial da migração boliviana, antes tão presente no Brás, Pari e Belém e hoje com uma visível ramificação para a região noroeste de São Paulo, fato este que ainda não foi profundamente estudado. Compreender os padrões da inserção territorial de um grupo específico, como no caso de migrantes bolivianas, é fundamental para entender os processos de exclusão e segregação da cidade, assim como da inclusão e inserção dele naquele espaço.

Como mencionado anteriormente, foram coletadas 15 entrevistas nas UBSs nos bairros da Penha e Cangaíba, localidades nos quais existe uma relativa visibilidade de bolivianos. Trata-se de um número reduzido de entrevistas, não indicando qualquer representatividade estatística da comunidade boliviana como um todo. Ainda assim,

ante a dificuldade de acesso à informação ou dados públicos que dimensionem os imigrantes espacialmente no território, tais entrevistas tornam-se instrumentos estratégicos que iluminam várias das questões referentes à comunidade, como: a localização dos bolivianos na cidade e os movimentos recentes nessa redistribuição espacial, as relações de trabalho (que nesse caso têm profundas implicações territoriais), as utilizações do espaço público e a forma como se inserem nesses processos.

Quando perguntado para as migrantes bolivianas sobre o tempo em que se instalaram na Penha, nota-se um número representativo de 50% das entrevistadas responderem que estão a mais de cinco anos na região, sendo que duas estão há 10 anos no bairro. Isso demonstra que existe uma rede migratória consolidada nessa região, visto a presença de um deslocamento contínuo desde 2007. Outro dado importante que reforça a consolidação da rede de migrantes bolivianos na região é a quantidade de entrevistadas que responderam que a Penha foi seu primeiro destino de inserção territorial, ou seja, 6 entrevistadas responderam que saíram da Bolívia já com destino pronto para trabalhar nesta região. Toda a construção dessa rede, bem como a inserção territorial na Penha tem como objetivo último o trabalho em oficinas de costura. Com. Isso, podemos afirmar o espaço de trabalho corresponde a grande parte do vínculo com a região. Como descrito em diversas entrevistas e reafirmado na literatura sobre o tema, as oficinas de costura, além de espaço de trabalho, também se configuram como o lugar de moradia. Entre as entrevistadas a sua maioria trabalha em oficinas de costura pequenas, configuradas com a mulher, seu marido e os filhos. Como afirma o relato de Victorie

“Aqui na Penha a maioria das oficinas de costurar são pequenas, pegam uma casa com 3 cômodos, colocam 4 máquinas, então fica 2 cômodos para a oficinas e o resto para fazer a casa. Para se ter uma oficina de costura pequena, tem que abrir uma empresa individual para sermos contratados pelas oficinas grandes.” (informação verbal)⁵⁷

Algumas entrevistas relatam o mesmo perfil de vivência de se trabalhar na oficina no Brás, casar e depois ir morar com o marido em sua própria oficina de costura na Penha, ou já estar em alguma oficina de costura na Penha e, após se casar, criar a sua oficina de costura. De todas entrevistadas apenas 3 tem suas oficinas costura de porte médio-grande com seus maridos: Catarina, Mercedes e Jimena. Dessas três, Mercedes é a única que é a dona de uma oficina média com 10 máquinas.

⁵⁷ Informação fornecida por Victorie, em entrevista, 2017.

A partir desses relatos sobre o pequeno porte das oficinas de costuras, é possível compreender a inserção desse grupo na Penha, em que as oficinas estão muito mais atreladas ao pequeno núcleo familiar, e a escolha de ir para uma região mais afastada como esta, tem relação a fatores familiares. Abaixo, outro trecho da fala de Lucrecia sobre sua escolha de ir para Penha.

“Cheguei sozinha e fui trabalhar no Brás, mas logo depois que me encontrei com meu marido, saímos e fomos montar nossa oficina de costura na Penha, no Brás eles não gostam de filho na oficina e na Penha o aluguel é muito mais barato e tem lugar para comer e fazer suas coisas. Quando cheguei aqui na Penha, não pagava nem água nem luz, era em uma favela, mas eu sempre paguei para o dono.” (informação verbal)⁵⁸

A partir do relato transcrito acima é possível compreender que a Penha representa para ela a possibilidade de um aluguel mais barato e a existência de uma moradia mais digna, isto é, a penha não é o único lugar com moradia barata, no centro, onde se concentra o maior número de migrantes de origem latina, o preço do aluguel em cortiço segue a um preço bem barato, porém o formato de cortiço significa pouco espaço e diversas precariedades que para famílias que estão interessadas em manter uma oficina de costura com moradia se torna inviável, fazendo assim que regiões que tenham possibilidades de moradia maiores a um preço acessível mais interessantes.

Ainda sim, Edit descreve que a escolha de seu marido em vir para o Cangaíba se deu porque a região já tinha uma rede estabelecida com as lojas do Brás.

“Meu marido conhece quase tudo aqui. O irmão dele que chamou a gente para vir para o Cangaíba. As pessoas vem para o Cangaíba porque tem trabalho perto, as oficinas do Brás já vem direto para cá.” (informação verbal)⁵⁹

Sendo assim, a partir desses três relatos acima, da Victoria, Rosa e Edit é possível compreender alguns dos motivos pelo bairro da Penha e do Cangaíba terem se tornado uma das referências para a migração boliviana, analisando sua característica de possuir moradias maiores com preço acessível e já estar conectado à rede de tecidos com as lojas no Brás.

As entrevistadas estão em diferentes regiões do distrito Penha o que difere um pouco o tipo de ocupação neste distrito. Algumas ainda voltam muito para o Brás para

⁵⁸ Informação fornecida por Lucrecia, em entrevista, 2017.

⁵⁹ Informação fornecida por Edit, em entrevista, 2017.

ter seu tempo de lazer na rua Coimbra, onde conseguem comprar legumes da Bolívia, como conta Catarina reclamando das batatas do Brasil: *“não existe batata como na Bolívia, com sabor, arenosa e macia. Aqui no Brasil essas batatas não tem gosto de nada.”* (informação verbal)⁶⁰.

É possível ver em todas as entrevistas uma relação com o Brás, ligada tanto ao trabalho, para muitas esse foi seu primeiro destino, mas também como lazer. A rua Coimbra, mais até que a praça Kantuta, é retratada com um lugar acolhedor onde se é possível matar um pouco a saudade de seu país de origem, a Bolívia. Além desta característica esta rua do bairro do Brás possui outras atividades como divulgação de empregos, serviços de telefonia para ligações para o país de origem, rever amigos e familiares. Apesar de o Brás estar presente entre os passeios das mulheres entrevistadas, elas relatam também sua proximidade e pertencimento na região da Penha e Cangaíba.

Todas as entrevistadas conhecem o Parque Ecológico do Tietê (parque próximo das UBSs analisadas), com 13 delas afirmando o frequentarem aos domingos com sua família. Além de brincar com os filhos e acompanhar os maridos, 5 delas contam que jogam futebol, tem seu time no parque, com uma delas dizendo que também pratica futebol no Parque Tiquatira, outro parque público da região. O futebol é o momento do convívio delas, algumas relataram sua tristeza por estarem impedidas de continuarem com a prática do futebol durante a gravidez, com a esperança de logo voltarem a tal prática de lazer.

As entrevistadas da região de Engenheiro Goulart e Cangaíba frequentam mais o Parque Ecológico e algumas comentaram frequentar igrejas, mas não mencionaram o nome. Quando perguntado para as entrevistadas da Penha quais os lugares que elas mais frequentam na região, elas comentaram o Shopping Penha, a Feira Boliviana no Largo do Rosário e a igreja *“Cristo la Roca”* na ladeira da Penha, na Rua Coronel Rodovalho Junior.

A maioria diz não haver problemas em andar pelas ruas do bairro da Penha e que se sentem bem recebidas, mas por outro lado todas relataram algum episódio de preconceito ou discriminação ocorrido na região. Rosa conta um episódio transcorrido na Avenida Cangaíba

“Estava saindo da UBS Cangaíba com meu filho no carrinho, quando vejo andar uma brasileira em minha direção, ela me alcança e me abraça e começa

⁶⁰ Informação fornecida por Catarina, em entrevista, 2017.

perguntar se estou bem. Quando de repente tira uma tesoura e tenta cortar meu cabelo. Eu fiquei com muito medo e sai gritando pela rua. Um moço da borracharia escutou e veio me ver, aí a brasileira saiu dizendo que boliviana é tudo louca.” (informação verbal)⁶¹

Além do caso acima, mais de uma de nossas entrevistadas relatou ser comum quando estão andando pelas ruas dos bairros escutarem frases do tipo: “volta para seu país”, “você está roubando meu dinheiro” e outras frases similares. Mercedes descreve que é comum que alguns meninos venham pedir dinheiro no seu portão, e quando afirma não ter dinheiro naquele momento os garotos reclamam afirmando que ela deve dar afinal o país deles deixou ela entrar aqui. Fato que a leva a dar dinheiro sempre que tem condições, mas realça que tais episódios a faz se sentir permanentemente ameaçada por tais garotos.

4.5. Condicionante do Gênero

Como visto anteriormente nos estudos dos movimentos migratórios e gênero, existem diversas causas dos processos migratórios e elas não atuam separadamente da criação de desigualdades de gênero. Em outras palavras, por muito tempo ficou invisível nas análises da migração as consequências desiguais do processo de migrar para homens e para as mulheres, dificultando desta forma uma visão ampla do papel que cada gênero tem ou recebe na dinâmica migratória. Dentro das entrevistas busca-se identificar qual a trajetória migratória dessas gestantes bolivianas, reconhecendo assim quais são as relações sociais demarcadas pelo gênero que tais mulheres migrantes mantêm no interior das redes migratórias, das famílias e das oficinas de costura, além dos processos de interação com a sociedade receptora nos quais sua condição de gênero são determinantes para sua estruturação. O mote das entrevistas foi conhecer as trajetórias de cada mulher, conhecendo suas vivências do processo migratório e tendo como enfoque a sua perspectiva nesse processo.

Foram elaboradas diferentes análises sobre esse grupo de migrantes gestantes, as quais buscaram trazer uma riqueza de olhares sobre seu processo migratório com a intenção de contribuir para este campo pouco pesquisado de mulheres gestantes bolivianas da Zona Leste, Penha e Cangaíba.

⁶¹ Informação fornecida por Rosa, em entrevista, 2017.

Pretende-se desenvolver um olhar mais amplo sobre a migração feminina, saindo de visões reducionistas e estereotipadas sobre mulheres migrantes, como um bloco homogêneo de mulheres subjugadas em suas sociedades de origem, e não como mulheres que vivem um processo de transformação de suas próprias vidas, em conjunto das condições objetivas e materiais que as rodeiam. Como dito por Rodrigues e Vasconcelos (2010, p.91)

As práticas de deslocamentos devem ser entendidas como constituídas de significados culturais e identitários, visto que é no processo de se deslocar entre espaços fronteiriços que os imigrantes reelaboram, selecionam e se reapropriam de novos signos culturais e identitários. Nesse contexto, o fato de imigrar torna-se um grande paradoxo. Por um lado, surgem novas oportunidades de trabalho, possibilitando certa independência econômica; por outro, representa grandes perdas, tanto materiais como afetivas.

A primeira semelhança de todas as entrevistadas reside na condição de terem deixado seu país de origem para se arriscarem em nosso país. Para começar utilizarei um trecho da entrevista da Juana, especialmente o momento no qual descreve seu imaginário em relação ao processo de chegada ao Brasil.

“A gente quando vem pela primeira vez, não conhece o Brasil, eu pensei que fosse igual a Bolívia, as outras pessoas falavam que era um salão grande com quartos compartilhados e tem que descansar. Eu pensava: - será que vai ser só isso, será que é calor? Eu pensava na minha imaginação será que vou conseguir falar com as pessoas de lá? Quando cheguei aqui vi que era tudo muito diferente.” (informação oral)⁶²

Consideramos o relato acima muito oportuno ao sinalizar a construção de um imaginário sobre a relação dos migrantes com seu país receptor, neste caso, o Brasil. Sua descrição do país é reduzida para um salão grande. Este trecho sinaliza o quanto a experiência de imigrar é única e compreende diversos signos e símbolos, não sendo possível reuni-los em um só discurso.

Trazendo a atenção a condição feminina de migrar é possível ver em todas as entrevistas a figura do marido como essencial para se conseguir sair da condição de exploração em grandes oficinas. Todas relatam que só conseguiram ir para Penha ou ter sua própria oficina de costura após o casamento. Apenas uma das entrevistadas não é casada, Roxana. Ela relata seu caso com insatisfação e condiciona seu insucesso na vida ao fato de não conseguir um marido. Ela diz que a falta de marido (ela é divorciada) faz

⁶² Informação fornecida por Juana, em entrevista, 2017.

com que não consiga trabalhar, cuidar dos filhos, pagar as contas, além de não conseguir se relacionar com os outros migrantes. Os espaços de socialização estão todos voltados para a família, ela conta que se você não tem família (nesse caso família significa casamento), não consegue conversar com mulheres, nem ter apoio da sua própria família, pois a situação de ser divorciada não é bem vista.

Segue relato de Roxana sobre sua experiência

“Minha vida com meu marido era muito difícil porque ele me batia e nunca tinha dinheiro. Mas não podia ir embora porque ele ameaçava roubar a minha filha. Mas teve um dia que não aguentei e fui, sem a minha filha. Sofri muito e fiquei 2 meses trabalhando em uma oficina de costura no Cangaíba, pagavam muito mal. Depois desses meses consegui minha filha de volta e consegui um outro marido. Mas esse marido não gostava da minha filha, não aceitava que ela era de outro casamento, tinha ciúmes. Então ele me larga mesmo eu estando grávida. Não aguento mais ver todo mundo que vem para o Brasil conseguir melhorar na vida, mas eu não, estou morando sozinha agora grávida e trabalhando, está muito difícil. Ser mulher sem marido é muito difícil.” (informação oral)⁶³

Em todos os relatos coletados e dados apresentados o marido aparece como central na dinâmica da inserção da migrante na cidade de São Paulo e, especificamente, na Penha. As mulheres conseguem realizar seu processo de saída de seu país muitas vezes sem a presença de nenhum homem, mas sua inclusão na cidade e sua possibilidade de trabalho e convívio está toda voltada a condição de conseguir ter uma família. A família está incorporada para além das relações sociais e culturais, na relação de trabalho, pois todas as oficinas de costuras da Penha tem o enredo familiar como pilar de sua estruturação.

A condição feminina das migrantes entrevistadas traz muitas diferenças em seu processo de maneira comparada com o dos homens, mas ele se enfatiza de maneira acentuada no que diz respeito à necessidade de conseguir estabelecer uma família. Esse peso é colocado como sucesso da migração, como sucesso financeiro e social.

Fica evidente nos discursos e na forma como as mulheres narraram suas histórias, a trajetória esperada por todas, sendo, portanto, o casamento como elemento central para sua inserção no grupo migrante e consequentemente na sociedade brasileira. Apesar de se permitirem virem para o Brasil, no destino incerto, a maioria sem marido se arriscando por melhores condições de vida, ainda não se quebra a lógica cultural da sociedade tradicional boliviana, pois essa mesma trajetória de se casar e estabelecer um lar é esperada para as mulheres que ficam na Bolívia .

⁶³ Informação fornecida por Roxana, em entrevista, 2017.

A família então tem um papel triplo para essas migrantes, pois significa conseguir: constituição de um lar, uma família e filhos; garantia de um bom emprego, em uma oficina de costura menor e que aceite crianças; realização como migrante. Em todas as falas é unanimidade essa necessidade

Na maioria das entrevistas apareceram conversas sobre o tipo de homens que os bolivianos são e o que elas acham da sociedade brasileira, todas que trouxeram esse tema a tona, consideram o Brasil um país mais machista que a Bolívia, fato curioso, pois pesquisa do Relatório de Desenvolvimento Humano de 2003, do PNUD referente ao perfil da Bolívia e sua população, indicando a Bolívia como o país mais machista da América Latina. Segundo essas mulheres a violência contra a mulher é fato comum na Bolívia, porém lá a agressão tem limite. Segundo a fala de Lucrecia, uma das entrevistadas, ***“aqui brasileiro mata mulher, na Bolívia tudo bem os homens batem nas suas esposas, mas deixam elas em paz. Aqui no Brasil os homens acabam com a vida da mulher.”*** (informação oral)⁶⁴.

Ela ainda aproveita e conta um episódio de estar uma vez voltando do Brás, esperando no ponto de ônibus, quando veio um homem e começou a mostrar o pênis para ela e ela saiu correndo com medo. Ela diz que assiste muita televisão e vê que no Brasil morrem muitas mulheres.

O relato nos auxilia a fazer uma reflexão sobre a relação das mulheres com sua condição de gênero e suas percepções sobre o machismo. No diálogo com as gestoras das UBSs, assim como na literatura sobre mulheres bolivianas migrantes, fica evidente uma visão sobre as bolivianas como mulheres subjulgadas e silenciadas pelos seus maridos, indicando-as como vítimas constantes de machismo. Salientar a voz das bolivianas nestas entrevistas nos permite ter contato com uma visão diferencial de nossa própria percepção, para as mulheres bolivianas o brasileiro não é apenas um homem mais machista do que o boliviano, mas as mulheres brasileiras também sofrem de maneira mais acentuada com o machismo com o qual convivem. Não cabe nessa pesquisa discutir que país pode ser considerado mais machista, porém é importante salientar as percepções culturais do machismo nos dois países, que pode levar a diferentes visões e juízos de valor sobre a realidade em que essas mulheres se encontram. Ainda assim vale reforçar que não estamos negando as situações machistas que essas mulheres enfrentam e enfrentaram durante suas trajetórias, porém é

⁶⁴ Informação fornecida por Lucrecia, em entrevista, 2017.

importante dar atenção à necessidade de protagonismo da fala das entrevistadas, que são prioridade dessa pesquisa.

Uma das únicas características necessárias para a realização das entrevistas com mulheres migrantes bolivianas neste estudo era que estas estivessem no processo de gestação. Essa escolha foi feita justamente por essa ser uma condição exclusiva de mulheres, podendo assim estreitar o foco desta pesquisa para os processos enfrentados pelas mulheres, entendendo suas demandas e vivências para ampliar os estudos sobre as trajetórias das migrantes internacionais.

O modo de como se vivencia o período da gravidez é um processo único e individual extrapolando o processo biológico. De acordo com Tubert (1996, p.176)

A identificação da maternidade com a reprodução biológica nega que o mais importante na reprodução humana não é o processo de concepção e gestação, mas a tarefa social, cultural, simbólica e ética de tornar possível a criação de um novo sujeito humano.

Ou seja, o processo da gestação está atrelado a diversos fatores sociais, culturais e biológicos, estando estes atrelados ao momento particular de cada indivíduo. Para além da multiplicidade que o peso da gestação carrega ela ainda sim, codifica valores e costumes das sociedades de uma época ou um lugar específico. Segundo Leal (1990) o período da gravidez até a maternidade revela toda uma estrutura social, com seus padrões e cultura, nos quais as concepções sobre nascimento, mulher, mãe, infância e dinâmica familiar tem uma importância primordial nesse caminhar da gestação, tanto por revelar comportamentos e padrões como o de significar.

Sendo assim, esse estudo é de suma importância quando vemos um momento tão importante e culturalmente tão diverso, como o da gestação, sendo realizado em um país estrangeiro. Pois, sabendo que a gestação é um processo carregado de inúmeras simbologias e bagagens culturais, realizá-lo em outro país, demanda uma interação com a sociedade de acolhimento, levando a necessidade de adaptação da população migrante aos padrões e estrutura da sociedade receptora. Esses padrões de cultura estarão espelhados nas narrativas das participantes, expressando assim diversos formatos de encarar o processo gestacional e diversas atitudes utilizadas para adaptar-se a esse novo momento.

As representações e práticas da gestação serão aqui analisadas em três momentos, sendo eles: o processo de migrar sendo mãe, as diferentes concepções da gravidez e o reconhecimento da diferença da gestação entre os países.

De todas as entrevistadas apenas cinco estavam em sua primeira gestação, todas as outras já eram mães. Das mães entrevistadas, duas delas tiveram seus filhos na Bolívia, todas as outras tiveram no Brasil. Este dado é importante para entender primeiro, o processo de migrar internacionalmente com o agravante de estar com uma criança e segundo para compreender os motivos da escolha de ter um filho no Brasil, quais os fatores influenciaram essa escolha.

Inicialmente, para aquelas que tiveram filho na Bolívia, foi perguntado sobre as diferenças de gerar um filho na Bolívia e no Brasil. Juana, veio para o Brasil com seu esposo, sem seu primeiro filho, seu trajeto foi por Corumbá-MT/ Barra Funda-SP, indo direto para Penha, na oficina de costura do seu tio. Somente depois de algum tempo que foi buscar seu filho na Bolívia. Ela disse que precisava se adaptar primeiro ao Brasil, e que seria muito perigoso para a criança essa viagem. Ela conta que sofreu muito nesse processo. Juana comenta ***“É muito ruim tem que abandonar a família e ir para o Brasil sem saber como quando voltarei. Mas fiz isso pelo meu filho, tinha que escolher o dinheiro para garantir o sustento da família.”*** (informação oral)⁶⁵.

Ela conta também que seu primeiro parto foi feito em sua própria casa com uma parteira, e que isso é comum na Bolívia. Ela não entende porque no Brasil a saúde é tratada só com remédio e hospital. Quando perguntada sobre a dificuldade de migrar já tendo o filho, ela diz que quando se precisa ir, mesmo sabendo que vai doer. Mas que agora estava bem calma por conseguir estar com seu filho e grávida de seu terceiro.

Do diálogo com Marlene, a outra entrevistada que teve um filho na Bolívia, ela conta que saiu do país com 19 anos e que lá já estava casada. Teve sua primeira filha em La Paz, por parto natural na sua própria casa, com uma parteira. Na província em que morava o hospital ficava muito longe, então teve seu filho sem fazer nenhum acompanhamento de pré-natal, ela conta que isso era normal na Bolívia. Quando sua filha estava com 6 meses eles saíram da Bolívia junto com seu marido, um amigo.

“Eu trabalhava na Bolívia de faxineira, os horários eram iguais aqui, só sobrava o domingo para passear, mas cansava muito. Quando engravidei, já não consegui mais trabalhar, então fiquei esperando o bebê nascer para ir embora, não conseguiria ser faxineira e mãe.” (informação oral)⁶⁶

⁶⁵ Informação fornecida por Juana, em entrevista, 2017.

⁶⁶ Informação fornecida por Marlene, em entrevista, 2017.

Nos dois relatos as mulheres que já tiveram filho na Bolívia vieram junto ao marido. Quando perguntado se elas viriam sozinhas ou se conheciam mulheres que fizeram isso, elas disseram ser muito arriscado atravessar a fronteira com um filho pequeno ou estando sozinha e comentaram que principalmente os donos das oficinas de costura não gostam de crianças no ambiente de trabalho, dificultando a chegada ao Brasil com filhos.

Além disso, outro fator comum que os relatos acima demonstraram é a forma como essas mulheres tiveram seus filhos na Bolívia, as duas mulheres os tiveram nas suas próprias casas com parteiras. Apesar de ser apenas o relato de duas entrevistadas, isto reflete falas de outras migrantes bolivianas, em outra pesquisa sobre o tema⁶⁷. Ou seja, muitas das mulheres que chegam no Brasil não tem como referência a institucionalização da maternidade de nosso país, com seus procedimentos obrigatórios de pré natal, dos exames e do parto com acompanhamento médico. Isso já demonstra uma grande diferença de entendimento sobre de como lidar com a gravidez entre a cultura boliviana e a brasileira que se reflete em suas falas e foi demonstrado amplamente na literatura sobre maternidade e migração boliviana, como já apresentado em outras seções deste texto.

Como visto acima, além de todas as entrevistadas estarem no período de gestação, muitas delas já eram mães anteriormente, por isso as entrevistas carregam uma bagagem de quem já passou pelo processo de gravidez no Brasil algumas vezes e outras de quem viveu a experiência pela primeira vez.

Inicialmente todas narram um processo de chegar ao Brasil e construir uma família, exceto para as duas que já vieram com seus respectivos maridos. O passo de constituir uma família está intrinsecamente ligado à melhora na qualidade de vida. Nesse caso o trabalho é facilitado, pois o empregador pagará os custos para o casal e eles poderão receber encomendas, podendo assim ficar em oficinas menores e receber como microempresários.

Todas as mulheres relataram que o período da gravidez só seria possível com a presença do marido. Muitas atrelaram a necessidade de parar de trabalhar para conseguir realizar a gestação tranquilamente e não seria possível fazer isso sozinha. De todas entrevistadas apenas 3 continuavam trabalhando enquanto eram gestantes.

⁶⁷ Como YAHAHUANCA. R.S.A. “A Experiência de gravidez, parto e pós-parto das imigrantes bolivianas e seus desencontros na cidade de São Paulo”.

O processo de estar gestante é de alta vulnerabilidade para a mulher migrante, nesse momento ela está distante de seus familiares que poderiam funcionar com uma rede de suporte, quando a mulher casa e sai das grandes oficinas para as menores, ela perde os vínculos de amizade com suas colegas de trabalho, como aponta Mercedes

“Vim para o Brasil com minha melhor amiga, a gente trabalhava na primeira oficina de costura juntas, e fugimos juntas para a outra que pagava melhor, foi quando eu conheci meu marido e fui embora trabalhar na Penha. Quando a gente casa o contato com as amigas fica mais difícil, não sei aonde ela está agora, me falaram que talvez tenha voltado para Bolívia. Perdi o contato com ela e o celular.” (informação oral)⁶⁸

Além disso, a necessidade de prosseguir trabalhando se mantém, pois essa é a única maneira de terem acesso a dinheiro, porém, ela conflita com a necessidade de um tempo de cuidado da gestação.

Sem a rede estabelecida que envolve a presença dos familiares e de suas amigas, os maridos acabam se apresentando como única figura de suporte para essas mulheres durante suas gestações. Com exceção de Mônica, que não é casada e assume sozinha todas as responsabilidades financeiras de seu trabalho e gestação, as outras mulheres entrevistadas dividiam essas responsabilidades com os maridos, sendo esses os responsáveis pelo aporte financeiro no período, pois continuavam trabalhando. Uma das mulheres entrevistadas continuou trabalhando com o marido, mas como compartilhavam essa responsabilidade, ela possuía maior flexibilidade para montar sua jornada de trabalho.

Nesse contexto é importante ressaltar que dentro do universo das mulheres entrevistadas, apenas uma que hoje é dona de casa, não trabalhava diretamente com costura dentro de oficinas. Todas elas passaram em algum momento por um processo de migração que envolvia o direcionamento para uma oficina no Brás ou, em alguns casos, para uma oficina na Penha onde se encontram aquelas de maior porte e, posteriormente, encontrar um marido, ter filhos e se dirigir para uma oficina menor com sua família ou no máximo mais 3 casais. É importante nesse momento salientar que esse é um processo relatado de maneira recorrente por todas as entrevistadas como um modelo de migração de sucesso. Segundo a fala de todas, mesmo tendo saído de maneira autônoma da Bolívia, a chegada ao Brasil é condicionada a esse processo, pela relação com os empregadores e com a realidade de um país estrangeiro.

⁶⁸ Informação fornecida por Mercedes, em entrevista, 2017.

Apesar de a gravidez ser um processo único de cada mulher boliviana entrevistada e, independente de estarem na sua primeira ou sexta gravidez, todas percebem uma diferença entre a cultura da maternidade brasileira e a sua. Com exceção de duas entrevistadas, todas as outras pararam de trabalhar com afazeres pesados para se dedicar à gravidez. Isso se deve ao fato de que para a maioria das gestantes, o processo de gravidez exige uma atenção especial, sendo considerado um processo quase que “sagrado”, um momento único de sua vivência. A fala de Victoria indica essa visão

“E a mulher quando faz esforço na gestação atrapalha o crescimento do filho. Tem que ficar de repouso e tomar chá para ter um filho saudável. Além disso, estou em uma gravidez de risco, então necessito de maiores cuidados.” (informação oral)⁶⁹

Ainda sim, Domitila conta sobre seu processo de gestação:

“A boliviana tem mais cuidado para a gravidez, a brasileira parece que é normal ter filho. Na Bolívia, depois que se tem um filho, fica de cama um mês, tem que caminhar bem devagar para ajudar o corpo e na comida não pode por sal, é assim que funciona na Bolívia, aqui parece que não tem isso.” (informação oral)⁷⁰

Para o grupo das bolivianas entrevistadas essa visão sobre a gravidez também se reforça na sua vida sexual com o parceiro. Nenhuma das entrevistadas indicou o uso de métodos contraceptivos, quando o assunto veio à tona no diálogo com algumas delas foi indicado que o uso de anticoncepcionais era evitado pelo medo de doença ou de esterilidade, outras indicaram a não utilização dos métodos devido a uma opinião contrária de seus maridos. Esse era um dos temas mais sensíveis de serem discutidos com as entrevistadas, pois é um assunto recorrente nas interações das mesmas com as UBSs, nota-se uma fala padrão constante em várias das entrevistadas. Ainda sim, é possível observar alguns relatos sobre o tema, como o de Rosa.

“Eu não uso nada, na verdade não é muito bem visto você querer parar de ter filho com seu marido. Uma boa esposa é quem “não nega”. Mas agora não aguento mais, o meu marido disse que vai cuidar disso, espero que ele faça uma vasectomia.” (informação oral)⁷¹

⁶⁹ Informação fornecida por Victoria, em entrevista, 2017.

⁷⁰ Informação fornecida por Domitila, em entrevista, 2017.

⁷¹ Informação fornecida por Rosa, em entrevista, 2017.

Ao tratarmos da interação entre as gestantes bolivianas e o sistema de saúde brasileiro, é importante salientar um ponto relevante, que pode ser sensível para a leitura das entrevistas para essa questão. Todas as entrevistas foram realizadas dentro do espaço das UBSs e, em muitos momentos, com certa proximidade de membros das equipes de atendimento. Não sendo possível fazer uma avaliação definitiva do quanto isso poderia influenciar nas falas das gestantes sobre os serviços, mas acreditamos que seja relevante pontuar a possibilidade de tal fator ter algum tipo de influência sobre as respostas das entrevistadas.

No que diz respeito à relação com o atendimento nas UBSs, o conjunto de entrevistadas, de uma maneira geral, demonstrou satisfação com o atendimento recebido e o acolhimento e recepção nas unidades. Segundo suas falas a qualidade do serviço de saúde brasileira é comparativamente melhor do que a referência que possuem da Bolívia. Apesar de algumas contarem que a saúde na Bolívia está melhorando, principalmente para a maternidade, Victorie complementa comentando que a saúde na Bolívia está sempre relacionada com dinheiro e existe até um seguro para o bebê, mas só até ele nascer. E Lucrecia afirma

“Eu não posso falar nada, mas minha amigas, disseram que antes era muito ruim, mas agora melhorou, o Presidente está melhorando muita coisa. Cada consulta que você vai, ganha \$50,00 bolivianos. Cada criança que vai para escola também ganha um dinheiro e se você é mãe solteira e só souber o sobrenome do marido, pronto já está registrado. E se o homem não assumir, quem assume é o Presidente.” (informação oral)⁷²

As maiores dificuldades apresentadas na relação com o sistema de saúde, em especial as UBSs, foram barreiras culturais, como língua e costumes gerais de atendimento associados à cultura brasileira. Algumas das questões citadas foram: a rapidez com que os procedimentos ocorrem; como os encaminhamentos para as consultas e realização de exames; e a falta de esclarecimentos para a realização de alguns exames, como de sangue e de urina (indicações sobre a preparação para os exames).

O procedimento de encaminhamento comum dentro das UBSs é, após a descoberta da gravidez, recebimento de uma cartilha do Programa “Mãe Paulistana” por parte das gestantes, lá elas têm acesso a todas as explicações dos processos dos pré-natais, assim como um calendário de acompanhamento da sua gravidez, semana a

⁷² Informação fornecida por Lucrecia, em entrevista, 2017.

semana. Esta cartilha só existe em português, o que dificulta o acesso às informações e torna a mesma menos funcional para essas mães. Marlene relata sua dificuldade de entender o processo da maternidade no Brasil

“Me senti muito mal cuidada, as enfermeiras brigavam comigo porque eu não sabia que tinha que ir na UBS fazer o pré-natal antes de ir no hospital para ter meu filho (sobre o nascimento de seu primeiro filho). A primeira vez que fui a uma UBS as funcionárias queriam fazer meu cadastro, mais eu não sabia o nome da rua onde eu morava, não conseguia explicar. Elas acharam que estava inventando, pediam meu telefone, mas também não tinha celular, esse dia não consegui me cadastrar para fazer o pré-natal.” (informação oral)⁷³

Todos os casos e os comentários relatados sobre o cuidado da saúde no Brasil indicaram uma relação menos harmoniosa com a hora do parto e o receio de entrar no hospital. Por mais que houvessem questões com as UBSs, a periodicidade mensal das consultas pré-natais, por exemplo, gerava problemas com assiduidade, eles eram bem pontuais e diluídos.

Das mulheres que já haviam sido mães no Brasil, as informações não são homogêneas, há mulheres que gostaram e odiaram o mesmo hospital. Mas quando se pediu para relatarem seus processos, todas contaram de maneira apreensiva sua chegada e saída. Lucrecia conta que foi muito maltratada por ser boliviana, *“elas dizem que somos queixozas e que queremos nos aproveitar do Brasil tendo filhos. As enfermeiras se irritam fácil e não entendem a gente.”* (informação oral)⁷⁴. Ela conta ainda que depois do seu parto teve que ajudar as enfermeiras a cuidar das outras bolivianas que estavam lá. Ela compara o atendimento do hospital com o da UBS e diz que o segundo é muito melhor, repete com indignação a frase da enfermeira no hospital: *“boliviana vem para o Brasil para ter filho e eu fui muito maltratada.”* (informação oral)⁷⁵.

Algumas contaram que na Bolívia já é sabido que o primeiro parto da mulher sempre será normal, mas no Brasil, elas nunca sabem como será seu parto, algumas delas contaram que ouviram histórias que no Brasil os médicos gostam de fazer cesárea o que as deixa muito aflitas. Assim, Jimena conta que *“Aqui na Penha me sinto segura na UBS, mas tenho muito medo de o parto ser cesárea.”* (informação oral)⁷⁶. E Catarina complementa

⁷³ Informação fornecida por Marlene, em entrevista, 2017.

⁷⁴ Informação fornecida por Lucrecia, em entrevista, 2017.

⁷⁵ Idem.

⁷⁶ Informação fornecida por Jimena, em entrevista, 2017.

“Não consigo saber como será seu parto, os médicos não falam, não entendo muito o que eles dizem, eles terminam a consulta muito rápido. Na Bolívia sempre a primeira gestação é parto normal e aqui no Brasil não falam como que é.” (informação oral)⁷⁷

Apesar da maioria querer o parto normal, Yhobana narra sua história de querer realizar cesárea e não deixarem.

“Eu queria cesárea pois estava com medo da dor do parto, mas quando pedi cesárea para enfermeira, ela disse: “você é boliviana, boliviana tem parto normal”. Mas depende da sorte de quem você chega. Não tem como saber se será bem recebida ou não. O pessoal pensa que como somos bolivianas não temos dinheiro, então nos tratam mal.” (informação oral)⁷⁸

Há outro relato de Magdalena sobre se sentir mal tratada no Hospital

“Quando fui ter meu primeiro filho no hospital em São Paulo, fui para o hospital de Ermelino Matarazzo, foi muito difícil, eu estava com frio e por isso usava calças. As enfermeiras gritavam comigo para tirar a roupa para começar o trabalho de parto, mas eu não conseguia porque estava com dor para me mexer. Depois disso não queria ter mais filho, fiquei com medo do hospital, mas que agora que to grávida vou procurar algum que seja melhor.” (informação oral)⁷⁹

Existem ainda casos de mulheres que tiveram seu filho no Hospital Eleonor Mendes de forma humanizada. Victória conta que tinha direito a um parto diferente e que poderia escolher a posição, e que uma mulher a acompanhou o tempo inteiro, ela gostou de fazer o parto sentada.

É importante reforçar que o método das entrevistas foi livre, sendo assim, não foram feitas as mesmas perguntas para cada uma delas, o objetivo era de se realizar uma conversa e, após diversas análises das entrevistas, foi possível apreciar alguns pontos em comum que foram listados acima. Sabemos que esse método pode deixar algumas informações relevantes de lado, mas em todo processo da pesquisa se procurou manter a fala das bolivianas, seguindo o princípio de dar importância ao que queriam falar.

O objetivo de trazer esses relatos para o meio acadêmico, através deste trabalho, é de alguma forma, balancear a fixação da identidade mulher boliviana migrante com suas características já tão demarcadas, mostrando como elas se enxergam nesse processo. A partir do relato de campo, e dos cruzamentos das entrevistas, será apresentado abaixo

⁷⁷ Informação fornecida por Catarina, em entrevista, 2017.

⁷⁸ Informação fornecida por Yhobana, em entrevista, 2017.

⁷⁹ Informação fornecida por Magdalena, em entrevista, 2017.

resumos dos relatos das mulheres para um maior contato, junto com um relato na íntegra que foi muito marcado pela contrariedade que esta entrevista em específico teve com as demais. Primeiro fato de ser a única solteira das entrevistadas o que já demarca diversas diferenças e semelhanças que serão apresentadas e discutidas a seguir.

4.6. Relatos das Colaboradoras

Após a realização das análises das entrevistas com as gestantes das UBSs, foi feito o levantamento das convergências e divergências de suas trajetórias e especificidades como migrantes bolivianas no processo das suas gestações. Nesta seção será apresentada brevemente os relatos das entrevistas para a pesquisa. Por último, um dos relatos será exposto na íntegra, que funcionará como fio condutor para compreensão das experiências migrantes de todas entrevistas, como destaque para as condicionantes de gênero.

A necessidade de se apresentar os relatos das entrevistas realizadas surgiu após diversas leituras das narrativas deste trabalho, conhecendo nelas a importância para elucidar as trajetórias e especificidades das muitas realidades vividas pelas mulheres desta pesquisa.

A fim de colocar o leitor mais próximo do contexto geral das experiências de nossas protagonistas, possibilitando-lhe, por si só, realizar outras análises do material que foi colhido. Entendemos seja essa uma forma de contribuir com a visibilidade das histórias dessas mulheres, permitindo espaço na pesquisa para a autorepresentação das gestantes bolivianas criando as condições para potencializarmos suas vozes. As quais muitas vezes no cotidiano delas não encontram ressonância ou canais importantes de expressão.

A partir deste ponto do texto serão apresentados 14 breves relatos das nossas entrevistas trabalhadas acima, contadas pela pesquisadora focando os eixos principais das falas delas.

4.6.1. Catarina

A primeira entrevistada é Catarina com 21 anos, sozinha resolve sair da Bolívia e vem direto para São Paulo, em busca de emprego por indicação de uma amiga no Brasil. Sua primeira fixação no território deu-se já na região da Penha, inicialmente morava em um oficina de costura média com 7 máquinas, até casar com seu marido e alugarem uma casa junto com o cunhado de seu marido e sua mulher. Apesar grávida ela conta que consegue trabalhar na oficina atualmente. Sobre seu deslocamento para o Brasil ela se sente bem, por conta de ter dinheiro e conseguir comprar alimentos e passear. Seu marido é do Peru e também trabalha com oficina de costura. Ela desde o começo da entrevista se sente receosa sobre como será seu parto ainda mais estando em sua primeira gestação e não ter certeza se será parto normal que é a sua escolha.

4.6.2. Juana

Juana tem 25 anos e saiu da Bolívia há um ano, seu trajeto foi por Corumbá-MT/ Barra Funda-SP. Chegando direto para a Penha em uma oficina de costura só com a marido. Veio da Bolívia já casada e trouxe sua filha algum tempo depois da Bolívia, pois achava perigoso trazer direto. Chegando no bairro da Penha ficaram alguns meses em uma oficina de costura de seu tio e logo depois já conseguiram montar a sua própria oficina de costura. Ela conta que foi muito difícil sair da Bolívia e abandonar a família, mas se sentiu sem escolha. Ainda sim, estranha a saúde do Brasil não ter ervas, conta que na Bolívia era mais fácil se cuidar porque se conhecia as plantas, afirmando que em São Paulo os tratamento são só remédio e assim não consigo se cuidar. Ela conhece vários lugares da Penha e é frequentadora do Parque Ecológico Tietê, onde tem um time de futebol e joga aos domingos.

4.6.3. Mercedes

A Mercedes tem 22 anos e está na primeira gestação. Conheceu a o bairro Penha pelo seu marido e se fixou com ele na região. Está em uma oficina de costura com 10 pessoas, sendo todos casais. Porém agora não está trabalhando porque sente muita dor. Tem muita dificuldade de conseguir entender suas consultas médicas e não tem costume de sair da oficina, só sai da oficina quando tem que ir para a UBS. Mora com seu

marido dentro da oficina. Comenta quem tem muitas saudades da Bolívia e não vê a hora de conseguir voltar, ela conta que não se adaptou aqui em São Paulo, e reclama pois agora não pode trabalhar e com isso ganha quase nada, mas também elogia seu patrão que é irmão de seu marido.

4.6.4. Aurora

Aurora veio de La Paz e está somente há 5 meses no Brasil. Veio direto com a irmã para o bairro da Penha, pois e estava sendo agredida pelo seu marido na Bolívia estando grávida. Então ela resolve vir fugida da com sua irmã. Após um período seu marido vem para o Brasil e por enquanto Audora trabalha na oficina de costura com sua irmã, o esposo dela e os 2 sobrinhos. Como está com a gestação muito avançada, 7 meses, não conseguiu passear muito pela Penha, só vai para o shopping quando precisa comprar algo.

4.6.5. Victorie

Victorie, a irmã de Aurora, desde o começo a conversa apresentava muita descontração e interesse na pesquisa. Começou contando que veio para o Brasil há 12 anos e está há 10 anos na região da Penha. Ela tem sua própria oficina de costura e conta que pelo que vê a maioria das oficinas de costuras aqui na penha são iguais a dela, pequenas com 4 a 5 máquinas.

Ela acredita que vem muita mulher da Bolívia para o Brasil porque é mais fácil arranjar emprego, na Bolívia são poucas as opções para as mulheres, sendo o mercado informal, doméstica e faxineira as raras opções. Ela começa contar sua experiência no mercado informal na Bolívia e conta o quanto era mal vista pelos homens por passar muito tempo fora de casa, ela conta que as mulheres na Bolívia são muito mal vistas se ficam muito tempo fora de casa, então vir para o Brasil foi um jeito que encontrou de conseguir arranjar emprego e se sentir melhor. Mas já logo ressalva que apesar de achar o Brasil um país muito respeitoso com as grávidas e seguro, ela tem muito medo dos homens brasileiros, pois são muito agressivos.

Quando começa a se aproximar do assunto da gestação, conta estar bem segura e confiante dos processos, mas se lembra de uma história de sua amiga que estava indo para a UBS até que o médico disse que seria cesárea, então interrompeu o pré-natal e só voltou quando sentiu que a bolsa estourou para não dar tempo deles planejarem a cesárea.

4.6.6. Yhobana

Yhobana tem 20 anos, e está na 3ª gestação. Todos seus filhos são brasileiros. Ela veio para o Brasil com 16 anos, parou os estudos para vir para cá. Diz que não quis estudar quando chegou a Brasil, pois não se sentia á vontade com os brasileiros, tinha medo de ser mal tratada. Atualmente mora só ela com o marido na sua casa e oficina de costura, porém no momento ele é o único que está trabalhando, pois ela está em gestação e não deve fazer, pois atrapalha a saúde de seu filho. Sendo assim, ela conta que fica de repouso em alguns momentos do dia e toma chás para ajuda na gestação, como sua mãe fazia. Victoria não entende como as brasileiras têm filhos, sem se cuidar, ela vê muitas brasileiras gestantes não respeitando o repouso. Ela ainda conta que quando passou na consulta de pré-natal, pediu para fazer cesariana, mas ele insistiu que fosse parto normal. Sobre suas atividades, o que ela mais gosta é jogar futebol e não vê a hora de conseguir voltar a praticar. No final da entrevista faz questão de ler o termo de consentimento em voz alta, reforçando que apreendeu muito bem espanhol.

4.6.7. Lucrecia

Lucrecia chegou em 2008, trabalhava em uma agência de viagens que trazia bolivianos para Brasil. Ganhava o equivalente a 150 reais por mês, um dia ela recebe a proposta de receber 50 dólares por semana com costura e rapidamente encontrou uma amiga e as duas embarcaram para o Brasil. Chegando ao Brás tudo mudou, o salário e a jornada de trabalho.

A primeira vez que conseguiu sair da oficina de costura com sua amiga, foi com muito custo, pois seu chefe não deixava elas saírem. Mal começaram andar pelas ruas do Brás e já foram assaltadas, ela conta que conheciam tão pouco de português que o

ladrão precisou agredir elas para elas perceberem que era um assalto. Quando conseguiram sair de novo, foram para rua Coimbra e viram pessoas oferecendo empregos em outras oficinas de costuras. Se candidataram para outra oficina, mas receberam muitas ameaças do antigo patrão tendo que acordar que trabalhariam um mês de graça para pagar sua passagem de vinda. Na outra oficina de costura ela casa e perde contato com sua amiga. Sobre sua gestação ela conta estar já na 4ª gestação e teve experiências muito ruins com os hospitais de São Paulo, mas que as UBS sempre a atendeu com muita atenção.

Por fim, ela comenta que começou a ter medo dos homens no Brasil, pois por qualquer coisa eles matam as brasileiras.

4.6.8. Rosa

Rosa tem 30 anos e saiu da Bolívia porque só ela que trabalhava em sua casa e ganhava muito pouco. Chegou ao Brasil sozinha, trabalhou um pouco no Brás com seu tio, mas ele não a pagou pelo serviço prestado, então ela sai e arranja outra oficina de costura, na qual encontra seu marido e vão montar uma oficina de costura e moradia na Penha. Ela diz que já morou em dois lugares da Penha, um era uma favela em que ela foi assaltada 3 vezes e a outra é a que está atualmente, que a gosta muito, principalmente porque o aluguel é barato. Ela contou diversas histórias de episódio que acontecera com ela no Brasil, inclusive em uma das histórias tentaram cortar seu cabelo. Hoje está na sua 5ª gestação e que quer parar de ter filhos, mas não usa nenhum método contraceptivo, pois não é bem visto pelo seu marido, mas que agora seu marido disse que vai cuidar disso, ela espera que ele faça um vasectomia.

4.6.9. Edit

Edit tem 25 anos, veio de Oruro há 5 anos, após terminar seus estudos na Bolívia. Ela conta que trabalha na oficina de costura com seu marido, mas que seu sonho é ser enfermeira para ajudar as bolivianas. Ela gostaria de conseguir falar mais com as brasileiras para treinar o português e conseguir fazer uma faculdade, mas ainda não conhece ninguém. Ela pensa também em voltar para a Bolívia para fazer o curso de

enfermagem lá, mas diz que depois que se tem um filho não dá mais para fazer essas viagens, pois fica mais complicado. Ela demonstrou muito interesse em conhecer mais São Paulo e as pessoas, ela diz que é tudo muito diferente da Bolívia.

4.6.10. Domitila

Domitila está há 7 anos no Brasil. Veio para encontrar seu irmão com um plano bem certo de conseguir dinheiro para comprar um terreno na Bolívia e voltar para lá. Atualmente está na sua 3º gestação e mora no Cangaíba com seu esposo em uma oficina de costura com 5 máquinas. Ela passou pelos bairros do Brás e do Belém e conta que sua primeira gestação foi muito confusa, não entendia nada do que pediam, agora na UBS do Cangaíba ela participar dos grupos de gestantes e sente muito mais informada para ter o bebê. Sonia conta que tem seus próprios cuidados para a sua gravidez, evitando sal e repousando bastante. Ela também é frequentadora assídua do Parque Ecológico e jogava (pausou as atividades por conta da gravidez) na liga de futebol do bairro.

4.6.11. Marlene

Marlene está no Brasil há 10 anos. Saiu da Bolívia aos 19 anos, já casada. Sua primeira filha nasceu de parto natural, na Bolívia, na sua própria casa. Quando o bebê completou 6 meses vieram para Brasil. Chegando em São Paulo ficou em Santo Amaro, momento que conta com muita tristeza, pois foi muito difícil para se adaptar, ainda mais com um criança tão nova. Ela veio para o Brasil sem saber costurar, trabalhava de camelô na Bolívia. Quando chegou ao Brás as coisas melhoraram, pois conseguiu encontrar lugares que tinham bolivianos e assim conseguiu ir de adaptando melhor. Ela diz que trabalhava muito, mas que poderia trabalhar o quanto quisesse, pois quanto mais produz, mais se ganha. Geralmente trabalhava até o meio dia de sábado e folgava daí até domingo.

Atualmente está na sua 6º gestação e parou de trabalhar por que não estava conseguindo conciliar cuidar dos filhos e o trabalho. Ela fica incomodada de não conseguir trabalhar, mas as oficinas de costuras não gostam de mulheres com muitas

crianças, então ela preferiu ficar cuidando delas em casa e recebendo algumas mercadorias para fazer. Quando conversado sobre a saúde no Brasil ela conta que se sentiu muito mal cuidada que as enfermeiras brigavam com ela porque ela não sabia que tinha que ir na UBS fazer o pré-natal, antes de ir no hospital parir.

4.6.12. Magdalena

Magdalena veio sozinha para a entrevista e foi uma das mais curtas, ela conta brevemente sua trajetória e se detém mais em como foi o péssimo tratamento recebido no hospital. Ela inicia contando que está no Brasil há 4 anos e esta é sua 4ª gestação. Ela morou 2 anos no Brás e agora está em uma oficina no Cangaíba com seu marido. Ela comenta que gosta de ficar no Brasil porque consegue dar condições para seus filhos, já que na Bolívia não tinha garantia de melhorar de vida. Quando foi ter seu primeiro filho no hospital em São Paulo, foi direto para o hospital de Ermelino Matarazzo sem ter feito as consultas de pré-natal e conta que foi muito difícil entender o procedimento e se sentiu muito mal tratada. Reforça que depois desta experiência se negou durante uns anos ter filhos, pois não queria passar pela aquela situação de novo, mas agora que está gestante, tentará procurar um hospital melhor.

4.6.13. Jimena

A entrevista com Jimena aconteceu com a presença do marido, pois se sentia mais confortável. Ela está há um ano no Brasil, tem 20 anos, veio direto para Penha com seu marido através de um convite de um amigo dele. Mora e trabalha em uma oficina de costura com 7 máquinas e no momento não está trabalhando por conta dos cuidados da gestação. Ela conta que não sai muito da oficina de costura e que não conhece ainda nenhum lugar na Penha, exceto a UBS que estávamos. Para ela sua relação com o Brasil é de trabalho, não realiza outras atividades. Ela tem bastante vergonha de conversar comigo e diz que é a primeira brasileira com quem conversa. Seu marido também fala que o Brasil é bom para trabalho, mas é muito frio. Os dois se programaram para irem embora em um ano com dinheiro para comprar um terreno na Bolívia.

4.6.14. Edit

Edit tem 22 anos, está na sua 2º gestação e estava bem aflita na sua entrevista. Ela passa por uma gravidez de risco e com o pré-natal tardio. Quase toda a conversa teve como mote a saúde da gestação. Ela queria entender os procedimentos que estava passando, pois saiu da sala do médico e disse que não entendeu nada. Apesar de todo esse contexto aflitivo, contou que gosta de São Paulo e toda semana vai para a rua Coimbra ver os amigos e comer comidas típicas.

4.6.15. Transcrição Roxana

Após o breve resumo das 14 entrevistas realizadas, optou-se por deixar por último a décima quinta entrevistada, justamente pela peculiaridade de seu conteúdo, uma vez sua fala ser muito dissonante, diferindo muito, em relação às demais. Com isso, o discurso construído por Roxana durante a entrevista será aqui utilizado como contraponto às trajetórias das demais mulheres bolivianas desta pesquisa. O intuito é através dos pontos conflitantes de sua trajetória com as outras e dar destaque às características centrais da trajetória de mulheres migrantes bolivianas fixadas em nossa cidade, em especial aquelas residentes nos bairros da Penha e de Cangaíba. Apontando até mesmo como uma possibilidade que tais características podem ser marcantes também para toda e qualquer mulher boliviana fixada na cidade de São Paulo. Segue trecho de informação verbal fornecida por Roxana, em entrevista, em 2017.

"Sou Roxana, tenho 31 anos, vim para o Brasil com 19 anos e estou aqui há 12 anos. Sai da Bolívia porque não estava conseguindo morar com minha família, brigava muito com meu pai e a minha madrasta. Vim para o Brasil para trabalhar diretamente com a família da minha madrasta, o meu tio. Eu tinha vontade de vir aqui para o Brasil, mas não foi do jeito que falaram. O primeiro lugar que eu cheguei foi em Arthur Alvim, em uma oficina, lá tinham 4 casais e 2 solteiros (6 pessoas), a gente trabalhava para ganhar 350 reais, mas eu não recebi nada. Fiquei um ano na oficina do meu tio sem ser paga. Quando saía para comprar coisas, eles me levavam de carro, dentro do baú de uma caminhonete e não conseguia ver nada até o Brás e voltava do mesmo jeito.

Eu não consegui sair dessa situação e passei um bom tempo assim, até que eles começaram me bater. Tentei ir embora, mas meu tio não me deixava ir. Só deixava eu sair da oficina se alguém me tirasse de lá, então eu precisava arranjar alguém.

Eu arranjei um marido, era a única solução. Foi então que ficou pior ainda. Eu me mudei para Penha com ele e ficou bem ruim, era uma bebedeira só. Foi quando fiquei grávida e a sua família começou a me tratar bem. Nessa época eu não precisava trabalhar e os pais do meu marido cuidavam de mim.

Mas depois do nascimento da minha primeira filha os problemas de violência e bebedeira voltaram tudo de novo. Não aguentava a situação e dizia que iria embora, mas eles ameaçavam tirar minha filha caso eu partisse. Ficamos nessa briga um tempo até que me mandaram embora ficando com minhas filhas. Olha como era minha vida lá: eu trabalhava, voltada para casa de ônibus lotado e ele não estava porque ficava na quadra bebendo.

Eu tentei aguentar um tempo, foram 7 anos, nesse tempo e tive mais uma filha, mas sai dessa casa. Saí de lá porque queria me superar, eu não conseguia progredir, continuava do mesmo jeito, pagando aluguel, pobre e sem bens.

Então eu saí da casa, arranjei outro homem e levei minha filha caçula. Meu marido também arranjou outra mulher, mas quando os familiares dele souberam que saí, foram até minha casa, me bateram e levaram minha caçula. Fui morar com o moço no bairro do Patriarca. Trabalhávamos em uma oficina fora e depois voltávamos para a casa dele, mas não conseguia trabalhar, só chorava todo dia morrendo de saudades das minhas duas filhas. Depois de algum tempo conseguimos sair do Patriarca e montarmos nossa oficina na Penha, eu e ele. Porém, ele me escondia dinheiro, eu trabalhava o dia todo com ele e ele não dizia quanto entrava de dinheiro.

Enquanto brigava por dinheiro com o moço com que morava junto, a família do meu ex-marido deixou minhas filhas me visitarem aos finais de semanas. O moço com quem eu estava também tinha duas filhas e não gostava das minhas. Não consegui abandonar elas de novo, então tive que escolher entre elas e ele. Não pensei duas vezes. Não iria largar minhas filhas por nada.

Separamos e eu fiquei morando sozinha na Penha, mas logo depois descobri que estava grávida, contei para o moço e ele não quis assumir o filho. Foi embora. A casa ficou com 3 mulheres: Eu, a mais velha e a de 3 anos. Eu tinha certeza que estava grávida de um menino e quando descobri até chorei.

Agora tô sozinha, mas ando falando com um outro moço que diz que pode me ajudar com minhas filhas, mas a gente briga às vezes. O bom é que ele não tem filhos, nem mulher e nem nada. Isso diminui os problemas (risos). Ele é um moço bom e estou deixando ele vir alguns dias aqui em casa, mas o problema é que meu ex-marido vem entregar as minhas filhas (agora ele que busca elas de final de semana) e quando me vê fica fazendo promessas de morarmos juntos de novo, eu disse que aceito só que agora só se for na minha casa. Mas ele não quer e desaparece.

Quando descobre que estou com outro moço, volta fazendo de novo as mesmas promessas. Da última vez disse para ele “Agora você quer, só quando fica sabendo que algum homem apareceu aqui”. Então parou de ficar insistindo.

Mas é ruim porque meu ex-marido vem aqui de vez em quando e não ajuda nas despesas, só traz uma bolacha, um pão e fica dizendo para todo mundo que ama as filhas dele, eu digo: “Suas filhas não vivem só de palavras, elas precisam de comida, escola e roupa”. Eu precisava de alguma ajuda, não recebo nada dele.

No primeiro ano que fiquei no Brasil, quando tinha 19 anos, não conheci nada de São Paulo. O primeiro lugar que conheci foi a Penha e até hoje é o que conheço. A Penha é muito boa, mas já passei por apuros. Uma vez tinha esquecido de pagar a luz e quando chegaram para cortar eu disse para eles esperarem rapidinho que eu iria até a lotérica pagar. Eles se negaram e falaram que só não cortariam a luz se eu desse 200 reais. Mas, as duas contas que no foram pagas somavam 300reais. Eu não conseguia pagar as duas, então tive que pagar 200 reais para eles e no outro dia eles voltaram querendo mais dinheiro. Tive que pagá-los de novo e pedir dinheiro emprestado para os vizinhos brasileiros. Eles se aproveitam dos bolivianos. Eu não tenho conta no banco, então todo meu dinheiro esta em casa e eles sabem disso.

Agora como estou muito com a situação muito ruim aqui no Brasil: sem família, sem casa e quase sem dinheiro. Eu estava pensando em ir para a Argentina, lá tenho meu irmão e isso ajudaria conseguir as coisas, pois vou estar perto da família. Aqui no Brasil eu até tenho família, a minha irmã. Ela mora na Penha, mas somos brigadas porque ela é casada com o cunhado do meu ex-marido e foi contra a nossa separação. Sobre ir morar na Argentina, ainda não fui porque o pai das minhas filhas não quer me dar a autorização para eu viajar com elas. Ele não entende que eu preciso sair daqui para ver se consigo dar certo. Tenho um monte de amigas que chegou depois de mim no Brasil e já arranjam um marido, um carro, uma casa, uma família e eu aqui, pior do que quando vim da Bolívia.

Sobre o Brasil, ainda acho algumas coisas daqui estranhas. Os homens aqui são bem violentos pelo que vejo na televisão. O moço que estou me relacionando me bateu um dia que a gente brigou, eu avisei ele que ele não pode me bater, ainda mais porque estou grávida e se ele fizesse de novo eu chamaria a polícia.

Mas esse moço é bonzinho, ele que me levaria para a Argentina. Ele conta que fez faculdade lá e tem casa. Penso que assim a vida poderia ser mais fácil. Mas por enquanto não posso pensar nisso, até ter meu filho. E quero que seja parto natural, não quero ter cesárea. Eu já tive que fazer uma vez na minha segunda filha e até hoje sinto a dor da cesárea.

Quando estava morando em Artur Alvim, grávida do meu segundo filho, fui fazer um ultrassom na UBS. A médica chegou e abriu minha perna, colocou um líquido lá dentro e eu já não entendi nada. Porque da outra vez que fiz ultrassom, se colocava o aparelho em cima da barriga. Senti ela mexendo o tubo dentro de mim, de um lado para o outro e depois de um tempo ela fala que não tem bebê. Saí da sala do exame desconfiada e o pai dele ficou perguntando o que tinha acontecido.

Eu não tinha entendido nada. Peguei o ônibus com essa dúvida sobre ainda estar grávida ou não. Depois de dois dias descobri que não tinha mais o bebê. Eu perdi esse filho, mas não achei ruim, eu não queria ter ele porque ele aconteceu de um jeito muito ruim, em um dia que meu ex-marido chegou bêbado e me forçou, eu não queria ter ele.

Eu já perdi 2 filhos, um eu perdi a força o outro foi sem querer. Quando fui no médico ele disse que seria muito difícil eu conseguir ter um filho de novo e me deu um remédio. Agora to grávida de novo e esse que estou também não quero.

Para mim só faz sentido ter um filho se você está dentro de uma família completa, senão não tem que ter filho. Da outra vez que eu fiquei grávida e não queria, eu colocava minha filha de 6 anos no meu colo e pedia para ela ficar pulando e depois eu pegava ela e subia as escadas com ela no colo, então abortei e sangrou muito.

Sobre essa gravidez atual eu vou falar a verdade para você, eu não queria ter esse filho, eu falava com minha mãe no telefone perguntando como faço para perder esse bebê. Ela me falou vários chás para eu tomar, mas nada adiantava. Eu ficava chorando com medo de estar piorando a vida do meu filho com essas tentativas.

Um tempo atrás eu fui na igreja e falei para o pastor que eu não queria ter essa criança. Ele me disse que ninguém tem o direito de tirar a vida de uma criança e que no futuro esse filho iria me ajudar muito. Quando ele disse isso eu me arrependi muito,

porque preciso tanto de um homem me ajudando. Mas quando começo a chorar entro em desespero e não consigo pensar bem, quando a barriga estava de três meses eu colocava elástico e ficava carregando minha filha no colo, tentava por peso na barriga, mas nada adiantou.

Por isso preciso ir para Argentina, lá meu irmão pode cuidar de mim. O problema é que o pai delas não quer autorizar a ida delas para a Argentina. Eu não consigo dar conta de cuidar das minhas duas filhas trabalhando sozinha. O pai delas não dá dinheiro, ele ajuda com 50 reais de vez em quando, isso não dá para nada."

A trajetória apresentada evidencia um caso bem peculiar por demonstrar o desassossego de não ter conseguido o esperado por ela. Sua busca está dentro dos parâmetros apontados nas trajetórias das outras mulheres; conseguir se estabelecer em uma oficina de costura de pequeno porte com sua família, ter um casamento estável, condições financeiras plenas para o cuidado dos filhos, ajuda do marido durante a gestação, compartilhar algumas obrigações com o lar e a família com seu marido e, por fim, ser aceita na comunidade migrante boliviana.

A trajetória de Roxana nos demonstra o quão central é a noção de família nuclear tradicional para as mulheres bolivianas entrevistadas, se não na realidade de fato ao menos no imaginário delas. É patente em sua fala que sua condição de solteira a exclui do convívio da comunidade boliviana de sua localidade, e mais a exclui também em seu imaginário das condições necessárias para se sentir pertencente deste grupo social.

Nesse primeiro ponto a necessidade dela de se identificar com seu grupo de migração e apresentar o mesmo discurso, demonstra uma necessidade apresentada em outras pesquisas sobre migração, principalmente quando analisamos o conceito de identidade discursiva do migrante internacional.

Nesta pesquisa, em seu Capítulo 1, foi discorrido sobre a importância da análise do discurso, desenvolvido por Foucault (1986), que afirma que é por ele que se determinam os lugares sociais e se estabelecem os parâmetros de reconhecimento mútuos em uma dada comunidade, há que se apoderar dos valores atribuídos aos pertencentes ao grupo social almejado para tornar-se reconhecidamente parte integrante dele. Ou seja, o que ocorre com o migrante nesse processo de se reestabelecer em uma

nova sociedade é uma dinâmica complexa de pertencimento "bicultural", termo utilizado por Canclini (2007), para se referir a essa ambiguidade de pertencer e se ajustar às diferentes culturas de origem e chegada, tendo que transitar entre atrações e repulsas das escolhas e significados culturais.

De acordo com Sayad (1998), Este é um embate que se põe como todo migrante. Para além de ter que se apropriar das diferenças desse novo lugar, ainda sim é necessário se assimilar ao seu grupo para garantir sua sobrevivência. No limite é necessário quebrar com alguns padrões étnicos para se estabelecer na sociedade e no mesmo sentido se agarrar aos padrões colocados de seu grupo para pertencer na sua comunidade.

A história de Roxana de longe tem algumas características que não foram vistas ou demarcadas em outras conversas. O fato que acreditamos nessa pesquisa ser o acentuador dessas diferenças seja pela falta de marido. Em diversos momentos de sua fala ela se remete a necessidade de precisar de um homem para conseguir se estabelecer e ter sucesso na sua vinda para o Brasil.

Neste momento cabe uma reflexão sobre o peso que tem o sucesso na migração. Quando o migrante internacional sai de seu país em busca de uma realidade melhor, dificilmente sua narrativa será de insucesso, independente das inúmeras complicações de viagem e de acolhida no país receptor ele espera conseguir êxito, já que saiu de seu país de origem e largou sua família em busca desse sonho.

Não é possível saber ao certo como todas as entrevistadas se sentem em relação a seu sucesso migratório, mas todas, exceto Mônica, contam uma história de sucesso de já terem passado os problemas da migração, e que agora persegue os objetivos da vinda para o Brasil, que seria basicamente o de acumular dinheiro para voltar para a Bolívia.

Vale a pena ressaltar que boa parte da literatura sobre migração como o trabalho de Lesser (1995) e Sayad (1998), descreve sobre o almejo do sucesso na trajetória do migrante como parte fundamental do seu discurso, afinal para muitos o próprio ato de migrar pode ser entendido como uma fraqueza ou um fracasso na sua sociedade de origem. Portanto existe aí uma tensão que permeia sempre o migrante, onde sua identidade é marcada constantemente pelo sucesso e o fracasso. Neste caso Sayad (1998) contribui reforçando com o conceito do migrante ser um sujeito provisório, que vai para o país de destino servir como força de trabalho e por não ser cidadão desse lugar, passa a se constituir um "problema social".

Ou seja, a necessidade do mercado de trabalho o faz ir, mas sua permanência não é bem vista, então tanto para o país que o recebe quando para o migrante sua situação é de "provisório", mesmo que esta provisoriedade dure muitos anos. Sayad (1998, p.46) comenta

Da mesma forma como se impões a todos- aos imigrantes, é claro , mas também a sociedade que os recebe, bem como a sociedade que os provém-, essa contradição fundamental que parece ser constitutiva da própria concepção do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório, nem permanente, ou, o que da na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse “provisório” possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse “definitivo” jamais seja anunciado como o tal. E, se todos os atores envolvidos pela migração acabem concordando com essa ilusão, é sem dúvida, porque ela permite que cada um componha com as contradições próprias a posição que ocupa.

Neste excerto supracitado, clareia a ideia do migrante estar sempre na condição de provisório e essa condição também fazer parte do seu imaginário e das suas contradições próprias. Sendo sempre um estrangeiro, e a ideia do retorno estando pontuada como um sonho da volta para seu país de origem após ter obtido êxito no seu processo migratório. Mas, como no caso tão conhecido dos italianos e japoneses, ao voltar o emigrante se torna um imigrante em sua terra de origem não conseguindo mais ser reconhecido como parte de seu povo. Neste caso Mônica, devido ao que ela chama de insucesso na sua trajetória, sua provisoriedade fica muito mais latente, buscando de alguma forma conseguir seu êxito no seu processo de migrar.

Porem o mesmo autor diz que uma das formas da migrante sair da sua relação provisória e precária é a constituição familiar, isto significa que a migrante enquanto trabalhadora terá uma relação com a sociedade de destino, porém se estabelecer uma relação familiar muda-se a negociação, pois o estado terá que tratá-lo como migrante, mas também como mãe/pai e assim assegurar-lhes direitos familiares para não cair em contradição com suas regras. Ou seja, a relação de se ter uma família está ligada para além de uma questão individual, mas como uma fuga do sistema econômico que tenta manter a invisibilidade e precariedade do migrante e a concepção de família contribui para sair deste lugar marginalizado.

No final de sua fala, ela demonstra o desejo de continuar migrar e desta vez para a Argentina, pois seu irmão está lá e o moço com quem vem se relacionando também

tem facilidades neste país. Neste discurso há dois elementos interessantes de análise: o primeiro corrobora com o conceito acima de provisoriedade de Sayad (1998), indicando a constante tensão entre permanecer e não permanecer no país de chegada e ainda sim a ideia de continuar migrando em busca do êxito migratório. Apesar de sabermos que sua escolha de sair do país atual e ir em busca de outro lugar é motivada por diversos fatores que está análise não da conta de apresentar, pretendemos ressaltar o quanto que o trabalho e o sucesso migratório são determinantes na trajetória de vida do migrante.

Seguindo ainda a trajetória de Roxana, a ausência de marido ser um fator determinante do sucesso, é bem significativa para compreender as redes e as relações que se criaram na dinâmica migratórias das mulheres bolivianas em Penha. Em muitos estudos sobre a feminilização da migração, principalmente as que analisam a migração de latinas-americanas para outros países em especial do continente europeu, faz parte das narrativas dessas migrantes o quanto a condição de ter uma família lhe é subtraída por conta do tipo de trabalho que está submetida. O qual na maioria das vezes é o trabalho de doméstica, sendo comum morar na casa que trabalha. Ficando assim longe da sua família natal e sem muitas opções de interação com outras pessoas, e a possibilidade de formar uma família coloca em risco o seu trabalho.

Já no caso analisado aqui na pesquisa, das mulheres bolivianas, vemos um quadro um tanto contrário, já que o trabalho na oficina de costura é realizado por homens e mulheres e a comunidade Boliviana se mantém imersa nessa atividade. As narrativas colhidas demonstraram que o ambiente de trabalho foi um fator potencializador das mulheres constituírem uma família e a unidade familiar ser um auxílio para o movimento de sair das oficinas de costuras grandes e buscar montar sua própria oficina de costura em uma região com residências maiores que caibam a oficina e a moradia.

Neste caso, o trabalho ainda é o principal motivo de sua chegada ao Brasil, mas para conseguir condições dignas deste trabalho é necessário o estabelecimento da família. Ainda que consiga trabalhar e ganhar dinheiro nas oficinas maiores das regiões centrais, muitas delas narram o quanto não é bem visto pelos patrões que elas fiquem com os filhos na oficina. Então a mulher gestante ou que já tenho o filho não é bem aceita nas oficinas grandes ou sua condição será igual a dos demais vulnerabilizando sua condição.

Neste contexto vemos que a história da Roxana, estando solteira com 2 filhas e grávida de um terceiro, sem o estabelecimento de uma família como uma história de grande dificuldade, pois mesmo ela tendo uma irmã no bairro da Penha, que poderia

contribuir nos cuidados com as filhas ou em alguma ajuda pontua, não acontecendo justamente por ela estar sem o marido. A sua condição não é bem vista socialmente o que a distância das redes de encontros da comunidade boliviana como também a sobrecarrega e a vulnerabiliza a ter tripla jornada de trabalho, pois é mãe, trabalha na oficina e cuida da casa. Estado é ainda agravado por estar grávida e essa condição ser um fator limitante para a execução das anteriores.

Outro fator que chamou atenção na pesquisa foi a Roxana ser a única que se propôs a falar abertamente da sexualidade. Ela conta todos seus episódios de gravidez e os de aborto. Em todas as outras entrevistas, o assunto da sexualidade foi um tema bem difícil de ser trabalhado, quase não aparecendo nos relatos.

Este tema é muito delicado não cabendo nesse escopo de pesquisa uma análise robusta e profunda sobre suas escolhas. O que cabe ser feito é compreender o quanto a sua condição de gênero interfere nesse processo de escolha.

Ela conta não querer o filho e não poder decidir por isso, tentando métodos que colocam em risco sua saúde, no desespero de conseguir evitar a gravidez. Neste caso como nos outros casos por ela relatado sobre suas tentativas de aborto, é possível compreender a fragilidade deste processo, de estar em outro país precisando de amparos por parte da família e do Estado e por conta da sua condição de migrante, e por isso de cidadão de segunda classe, fica desamparada em relação aos seus direitos como mãe solteira. Tendo que arcar com as decisões da estrutura de sua família sozinha.

Em seu relato é possível ver com clareza diversos momentos que tanto no cuidado com as filhas, como no cuidado com o filho que esta gerando a responsabilidade esta exclusivamente sobre nela, seja elas financeiras e de cuidado, agravando o processo de ser migrante e ainda conseguir ser mãe, trabalhadora e dona de casa.

Ainda sim, por fim, cabe uma reflexão sobre a fala de Roxana, o esperado dentro da fala das mulheres bolivianas, pelo que aparece na literatura e sendo corroborado nas outras entrevistas, é um comportamento submisso frente ao marido aceitando a relação estabelecida.

Porém, apesar de toda a dificuldade de sua trajetória, ela demonstra questionar as relações de gênero tradicionais. O que a pesquisa pretende foca sobre este tema é mostra que Roxana está na contra mão do discurso do que é ser boliviana, mulher, casada e grávida.

Por fim Roxana serviu como foco de análise pelas suas características destoarem um pouco do perfil das outras mulheres apresentadas, contribuindo para um olhar

menos homogenizador e compreendermos o quanto as migrantes tem diversas características não sendo capaz de definirem sua situação e sua identidade.

5. CONCLUSÃO

Este texto deixa em aberto uma série de questões e nessa ocasião não se pretende resolvê-las ou esgotá-las, mas sim reconhecê-las e colocá-las em debate.

A pesquisa em questão buscou contemplar as seguintes discussões: concepções da identidade e migração ao longo da história, o entendimento das diferenças das atuais migrações contemporâneas e a sua relação com o sistema econômico vigente. Essas discussões serviram para ampliarmos o olhar e compreendemos a situação da mulher dentro do contexto migratório, seu histórico e o atual cenário das mulheres bolivianas nos Bairros da Penha e Cangaíba, procurando conhecer suas trajetórias no processo da gravidez e sua relação com o território e o sistema de saúde em São Paulo.

Ao se discutir sobre as dinâmicas migratórias atuais, em especial, de mulheres bolivianas, é importante compreender as causas estruturais do sistema econômico vigente e o movimento de expulsão e fixação de pessoas por mobilidade por trabalho, assim como as causas individuais que atuarão conjuntamente no estabelecimento deste fluxo migratório.

A migração boliviana estando dentro da conjuntura econômica internacional, teve sua consolidação na rede de mercado de trabalho têxtil, sendo este de enorme significância no agenciamento dessas migrantes. O fator econômico impulsionou migração e o trabalho foi a essência fundadora do migrante, eles saíram de seu país de origem e permaneceram na sociedade receptora pela possibilidade de emprego.

Neste sentido, a migração perpassa pela análise de “custos” e “benefícios” como uma balança que tem que pender para altos “benefícios” econômicos e baixos “custos” culturais para a sociedade receptora (SAYAD, 1998). A existência do fenômeno migratório faz parte de uma conjuntura maior, perpetuando a migração enquanto possibilidade de ganhos por mão de obra barata, desprotegida de direitos e de cidadania. A precarização deste tipo de trabalho permite trabalhar sem documentos, sem garantias trabalhistas e por salários baixos. Portanto, o migrante internacional se mostra necessário para a lógica do capital, tendo um mercado de trabalho que se beneficia dele e em contrapartida o prolongamento de sua estadia, da garantia para o migrante estabelecer redes, família e vínculos ao longo da sua permanência, ganhando assim espaço para sair da sua condição marginalizada.

Apesar da importância de se entender e compreender a estrutura em que a migrante internacional está submetida e como o emprego tem seu peso na sua condição,

a pesquisa aqui apresentada pretendeu ampliar esta ideia trazendo novos elementos para se compreender a migração das mulheres bolivianas.

A migração se apresenta como fenômeno instigante pela variedade de elementos que podemos compreender, enfocar e analisar. São diversas as possibilidades para a mobilidade de pessoas com seus desejos, seus sonhos, seus objetivos, sua família e seus interesses. As pessoas que migram, levam e trazem relações, misturando-se entre Brasil e Bolívia de acordo com as necessidades colocadas e os interesses singulares. São imigrantes e emigrantes, com suas conquistas, dramas e prazeres, vitórias e derrotas. São os lugares e as pessoas dos lugares por onde passam ficam ou deixam.

Neste contexto, visualizamos trajetórias de vida de quinze mulheres que deixaram seu país em condições de poucas oportunidades para se aventurar a se fixar no território brasileiro constituir família, redes, laços afetivos na esperança de melhorar a sua qualidade de vida e do seu convívio. Pensando nisso, propomos a discussão sobre a representação da mulher na migração, como também a representação da migrante boliviana nas pesquisas brasileiras que trabalharam com esse tema.

A mulher migrante, durante muito tempo ficou invisível nas pesquisas sobre migração, fato que favoreceu a existência de uma lacuna no entendimento das diferentes processos que a mulher já passou e passa. Claramente, o processo de migrar na contemporaneidade ocorre de maneira diferente para o homem e para a mulher. A mulher além de estar condicionada à marginalização impostas pela condição de migrante e com isso desamparada de alguns direitos, ainda é subordinada às diferenciações históricas de gênero às quais é submetida nas distintas sociedades: a responsabilidade pelos afazeres domésticos, seu distanciamento da vida política e econômica, a sua caracterização como “sexo frágil”. A Bolívia, bem como o Brasil, é um país com uma cultura que ainda mantém fortemente uma característica patriarcal, sendo significativa quando analisamos as mulheres bolivianas migrando.

A representação da mulher boliviana na pesquisa não parte de um paradigma homogêneo. Mesmo que definidas pelo sexo biológico, gênero e seu contexto social de migrante, cada uma compreende situações e vivências diversas, de diferentes idades, diversos contextos, que pertencem a diferentes extratos sociais e redes.

Sabendo das múltiplas diferenças foi possível, a partir de suas histórias, compreender um pouco da jornada das migrantes e alguns pontos em comum e outros não.

Um dado interessante inicialmente para a pesquisa, quando se analisada pela perspectiva de gênero, foi que dentre as mulheres gestantes bolivianas entrevistadas, apenas duas delas não vieram sozinhas para o Brasil. É importante ressaltar que treze das mulheres entrevistadas vieram sozinhas, arriscando-se a atravessar a fronteira e a chegar em um país desconhecido, sem precisar ser amparada nesse processo a presença de alguma figura masculina. Essa situação demonstra a autonomia e força que a migrante teve em abandonar seu país de origem e com isso suas relações familiares, afetivas e vir sozinha em busca de uma realização. As mulheres que vieram para o Brasil tinham, quase em sua totalidade, alguma rede já formada para recepcionar a sua chegada, seja ela familiar, de amigos e em alguns casos de donos de oficina de costuras que iam para Bolívia buscar mão de obra.

Outro fato que chamou atenção sobre a condição feminina de migrar foi a figura do marido como essencial para se conseguir sair da condição de exploração em grandes oficinas. Todas relataram que só conseguiram mudar-se para o bairro da Penha ou ter sua própria oficina de costura após o casamento. Apenas uma das entrevistadas não é casada, Roxana. Ela relatou seu caso com tristeza e condiciona seu insucesso na vida ao fato de não conseguir um marido.

As mulheres conseguiram realizar seu processo de saída de seu país de origem muitas vezes sem a presença de nenhum homem, mas sua inclusão na cidade e sua possibilidade de trabalho e convívio estão vinculadas à condição de conseguir ter uma família. A família está incorporada para além das relações sociais e culturais, na relação de trabalho, pois todas as oficinas de costuras do bairro da Penha tem o enredo familiar como pilar de sua estruturação. A condição feminina das migrantes entrevistadas traz muitas diferenças em seu processo de maneira comparada com a dos homens, mas ele se enfatiza de maneira acentuada no que diz respeito à necessidade de conseguir estabelecer uma família. Esse peso é colocado como sucesso da migração, da situação financeiro e do convívio social.

Fica evidente nos discursos e na forma como as mulheres narraram suas histórias, a trajetória esperada por todas, sendo, portanto, o casamento como elemento central para sua inserção no grupo migrante e consequentemente na sociedade brasileira. Apesar de se permitirem vir ao Brasil, no destino incerto, a maioria sem marido e arriscando-se por melhores condições de vida, ainda não se quebra a lógica cultural da sociedade tradicional boliviana, pois essa mesma trajetória de casar-se para estabelecer um lar é esperada para as mulheres que ficam na Bolívia.

Um dos objetivos do trabalho foi compreender os motivos da descentralização da migração boliviana para a zona leste de São Paulo, nos bairros de Penha e Cangaíba. Através das entrevistas foi possível elencar alguma das possibilidades dos motivos da descentralização. Na maioria das entrevistas notou-se que a fixação para os bairros de Penha e Cangaíba significa a mudança por uma oficina de costura menor, onde muito provavelmente trabalhará o casal, com seus filhos ou podendo ampliar para alguns familiares e amigos, sendo assim oficinas de costura de porte pequeno/médio. A dinâmica de trabalho, contada por uma das entrevistadas e reforçadas por várias é conseguir o cadastro de Microempreendedor Individual e receberem o trabalho das oficinas de costuras grandes no centro de São Paulo, executarem o serviço em suas oficinas pequenas para depois reenviarem a mercadoria, como uma terceirização das oficinas grandes.

Neste ponto, apesar da pesquisa não ter aprofundado no estudo das relações de trabalho das oficinas de costura, é possível compreender que o processo de terceirização da indústria de confecção para as oficinas de costura pequenas contribui para disfarçar as relações precárias de trabalho, pois a facilidade de se desmembrar as grandes oficinas de costura e fazer contratos de serviço com as oficinas pequenas dificulta ainda mais a garantia dos direitos do trabalhador (LEITE, 2004, p.10). Apesar de já haver estudos de pesquisas que corroboram com a informação acima⁸⁰, recomenda-se um aprofundamento melhor dentro desta questão com o foco na descentralização de oficinas pequenas pela zona leste de São Paulo, avaliando o que as mudanças da terceirização das oficinas de costura alteraram no trabalho do migrante boliviano,

Ainda sim a escolha dos bairros Penha e Cangaíba, para além da mudança do formato das oficinas de costura, também representa para as migrantes a possibilidade de um aluguel mais barato e a existência de uma moradia mais digna, isto é, a Penha não é o único lugar com moradia barata, no centro, onde se concentra o maior número de migrantes de origem latina, o preço do aluguel em cortiço segue a um preço bem barato, porém o formato de cortiço significa pouco espaço e diversas precariedades que para famílias que estão interessadas em manter uma oficina de costura com moradia se torna

⁸⁰ Duas pesquisas que corroboram com esse tema. São elas: LEITE, Marcia de Paula. Tecendo a precarização: trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo. *Trab. educ. saúde*, vol.2, 2004. ISSN 1981-7746; e ABRAMO, Laís. Um olhar de gênero: visibilizando a precarização ao longo das cadeias produtivas. In: *Gênero e trabalho na sociologia Latino-Americana* (Abramo, L.; Abreu, A. R. de P., orgs.), pp. 39-61. São Paulo/Rio de Janeiro: ALAST (*Asociación Latinoamericana de Sociología del Trabajo*), 1998.

inviável, por isso as regiões que apresentam possibilidades de moradia maiores a um preço acessível se tornam mais interessantes.

Neste sentido, as migrantes entrevistadas veem a mudanças de sair do centro tanto para o bairro do Cangaíba, como para o da Penha, como um salto positivo, pois terão melhores moradias, melhores condições para cuidarem da sua família, um ambiente de trabalho melhor, já que algumas entrevistadas relatou que o casal era o próprio dono da oficina de costura e em outras eram familiares próximos.

Ainda assim, sobre a relação das migrantes com os bairros analisados, algumas disseram querer voltar para a Bolívia e estarem aqui para conseguir juntar dinheiro, não tendo muita relação com o entorno, porém a maioria, que consequentemente está há mais tempo, contaram sobre suas vivências no bairro indicando se sentirem confortável com o bairro aonde frequentam o Parque Várzea Tietê, o Shopping Penha, Igrejas e a feirinha sobre a cultura boliviana no Largo do Rosário aos domingos. Algumas ainda contam participarem de times de futebol.

Sobre a relação da gestante migrante boliviana com as Unidades Básicas de Saúde, as entrevistas não demonstraram haver problemas com as UBSs e de todas que comentaram haver algum problema com o sistema de saúde, quase sempre foi em relação ao hospital e com o receio de não saber o tipo de parto que seria realizado, optando pelo parto normal. Neste momento cabe uma ressalva, pois como as entrevistas foram realizadas dentro das UBSs não conseguimos saber se por ter acontecido nas suas dependências isso tenha contribuído para poucos comentários relativos às ações das UBSs. O que foi apresentado sobre as UBSs foram as dificuldade de se ter de forma mais clara as informações, procedimentos, datas de exames e acesso a políticas de repasse financeiro na maternidade. Fato este que acreditamos não ser uma condição isolada de algumas gestantes migrantes nas UBSs analisadas, mas com todas as migrantes que frequentam as UBSs que estão dentro do programa “*Mãe Paulistana*”. Programa esse que prevê uma cartilha que é entregue a gestante logo no primeiro pré-natal, onde ela pode acompanhar todos os seus pré-natais, adquirir maior conhecimento sobre a maternidade, os cuidados necessários e os exames. Essa cartilha só existe em português, demonstrando claramente um despreparo por conta do Sistema Único de Saúde - SUS, onde em seus pilares coloca a equidade com uma das suas diretrizes básicas no atendimento. Ainda assim, em cada UBSs entrevistada tivemos que pensar em alguma técnica individual de tabular os dados por nacionalidade, pois no banco de dados não tem essa informação separada, revelando que nenhuma das UBSs sabe

quantas migrantes atendem, ao menos que por vontade própria queira tabular. Por mais que o acesso ao serviço de saúde seja garantido a todas as gestantes bolivianas, a falta de dados e de estruturas que garantam o mínimo de cuidado com elas, revela a ausência de uma política pública de saúde que abarque um atendimento igualitário, compreendendo a necessidade de se distinguir o atendimento dentro de suas características distintivas (língua, cultura, condição de migrante).

Indo na contramão das informações listadas acima, houveram algumas ações dentro das UBSs analisadas que foram muito positivas para se pensar o acolhimento e políticas públicas para migrantes gestantes dentro das UBSs. A primeira ação foi da UBS Engenheiro Goulart que estava interessada em saber como melhorar a qualidade de atendimento com as gestantes bolivianas, se envolvendo com mais profundidade na pesquisa em questão para subsidiar as pautas da 2º Conferência Municipal da Saúde da Mulher. Outra atividade que a pesquisa presenciou e considerou de grande relevância foi UBS Carlos Gentile de Melo, em seu grupo de gestantes, em todo o grupo havia a presença da enfermeira chefe, da assistente social e de algum médico que falaria sobre o cuidado específico na maternidade. Das entrevistas realizadas com mulheres desse grupo, era perceptível um maior nível de informação com relação ao seu momento de gestação, em qual hospital faria o parto (inclusive elas iam com a UBS visitar o hospital antes de realizar o parto) como também as políticas a ela disponíveis, encontrando assim gestantes bolivianas que ganhavam auxílios como Bolsa Família e auxílio creche. Apesar de serem ações pontuais, as iniciativas identificadas na pesquisa visavam atender melhor as mulheres bolivianas, sendo concebidas e executadas por agentes da ponta, dentro das UBSs que demonstravam o interesse em qualificar o atendimento, mas sem a estruturação dessas ações como uma política pública pensada a nível municipal, dentro dos colegiados necessários, com estrutura e recursos próprios, dificilmente caminhar-se-á para um quadro de plena satisfação dos direitos desse grupo.

Por fim, a pesquisa procurou dar o maior enfoque nos relatos das entrevistas para evitar enquadrá-las e homogenizá-las em algum perfil. O trabalho buscou em todo o seu processo mostrar o quanto cada migrante vive seu processo migratório de maneira única e que a migrante é quem pode contar sua história da melhor maneira, com seu discurso e seu auto-reconhecimento.

Buscou-se abordar alguns tópicos pertinentes para uma reflexão sobre o papel da mulher na migração boliviana em São Paulo. Sendo assim sua importância de potencializar a voz das mulheres bolivianas sobre suas vivências na região da Penha.

Apesar de largamente difundido na literatura da migração boliviana sobre as péssimas relações de trabalho e a subalternidade conhecida desses migrantes. Este texto procurou ampliar a visão sobre esta migração internacional, tendo como enfoque a voz das bolivianas e seus relatos sobre sua trajetória e vivências na cidade de São Paulo, para se compreender os caminhos femininos do migrar.

Por fim, procurou-se ampliar o olhar para a migrante boliviana, tentando fugir das generalizações e estereótipos, focando suas análises no emaranhado construído das diversas histórias coletadas através das entrevistas.

Como tão bem colocado por Spivak: (1942, p.12)

É principalmente a mulher intelectual que seu apelo final se dirige (a imigrante) – a ela caberá a tarefa de criar espaços e condições de autorepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. **“Situação da Mulher Latino-Americana. O Mercado de Trabalho no contexto de reestruturação”**. Proposta N° 88/89, 2001. Disponível: http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/10_lais8889.pdf. Acesso: 07/2013.

_____. **“Um olhar de gênero: visibilizando a precarização ao longo das cadeias produtivas”**. In: Gênero e trabalho na sociologia Latino-Americana (Abramo, L.; Abreu, A. R. de P., orgs.), pp. 39-61, São Paulo/Rio de Janeiro: ALAST (*Asociación Latinoamericana de Sociología del Trabajo*), 1998.

ALENCAR, R.; STREY, M.; e ESPINOSA, C. **“Marcas do Gênero nas Migrações Internacionais das Mulheres”**. Psicologia & Sociedade, 2009. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a16v21n3.pdf>. Acesso: 05/2013.

ALVES, J. A. Lindgren. **“Direitos humanos, Cidadania e Globalização”**. Nova Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal Sistema de Informação Científica, 2000. Disponível: <http://redalyc.org/articulo.oa?id=67313606010>. Acesso: 04/2013.

ALVIM, Filipa; TOGNI e Paula Christofolletti. **“Sob o véu dos direitos humanos: tráfico, tráfego e políticas públicas para a imigração. Um estudo de caso sobre as mulheres brasileiras em Portugal.”**. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Disponível: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277741002_ARQUIVO_ComunicacaoCompletaFG9_SoboveudosDireitosHumanos.pdf. Acesso: 07/2014.

ANDRADE, M. M. de. **“Introdução à metodologia do trabalho científico”**. São Paulo: Atlas, 1994.

ARUZZA, C. **“Rumo a uma “União Queer” de Marxismo e Feminismo?”** São Paulo: Lutas Sociais, Vol. 27, 2011. Disponível: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/14-cinzia-aruzza.pdf>. Acesso: 07/2015.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; KOSMISKY, Ethel V. **“Gênero e Migrações Contemporâneas.”** Florianópolis: Estudos Feministas, setembro-dezembro/2007. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300012. Acesso: 09/2013.

BAENINGER, Rosana, (org). **“Imigração Boliviana no Brasil”**. Estudos de População da Nepo/Unicamp, Fapesp, CNPq e UNFPA, 2012.

BARALDI, Camila.(org). **“Brasil Informe sobre a legislação migratória e a realidade dos imigrantes no Brasil.”** São Paulo: Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante – CDHIC, Articulação Sul-americana Espaço Sem Fronteiras – ESF, 2011.

BARRAL, Ana Inés Mallimaci. **“Migraciones y géneros. Formas de narrar os movimientos por parte de migrantes bolivianos/as en Argentina”**. Florianópolis: Rev. Estud. Fem, Vol.19, 2011. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2011000300006&script=sci_arttext. Acesso: 09/2013.

BEAUVOIR, Simone. **“O Segundo Sexo”**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BECKER, SCHIMIDT .Regina. 1987. **“Frauen und Deklassierung”**. *Geschlecht und Klasse, em Ursula Beer (ed.) Klasse Geschlecht.Feministische Gesellschaftsanalyse und wissenschaftskritik Bielefeld*. AJZ, 1987.

BHABHA, Homi K. **“O Local da Cultura”**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIAGOLINI, E. M. R. **“Trabalho e Adoecimento por Tuberculosa em Bolivianos Atendidos nas Unidades Básicas de Saúde da Supervisão Técnica de Saúde Penha/São Paulo”**. São Paulo: 2015. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação de Enfermagem - USP.

BILAC, Elizabeth. **“Gênero, Família e Migrações Internacionais”**. Estudos de População da Nepo/Unicamp, 1995.

BONASSI M. **“Canta América sem fronteiras: imigrantes latino-americanos no Brasil”**. São Paulo: Loyola, 2000.

BUTLER, Judith. **“Fundamentos Contingentes: O Feminismo e a Questão do “Pós-modernismo”**. Cadernos Pagu, 1998.

_____. **“Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade”**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Godoy. **“Entre Devires e Pertecimentos: a produção da subjetividade entre imigrantes bolivianos em São Paulo”**. São Paulo: 2009. Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica – São Paulo.

CANCLINI, N. Garcia. **“Culturas Híbridas”**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. Editorial Grijalbo, S.A. de C.V. 1990.

CELADE - Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía. Disponível: <http://www.eclac.cl/celade/proyectos/migracion/IMILA00e.html>. Acesso: 05/2013.

CEPAL – Conferência Regional Sobre a Mulher da América Latina e Caribe. **“Contribuição das Mulheres para a igualdade da América Latina e no caribe. Quito, Equador”**, 2007. Disponível: <http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/8/29408/lcl2738P.pdf>. Acesso: 07/2013.

COUTINHO, B. I. **“Imigração Laboral e o Setor Têxtil-vestuário de São Paulo: notas sobre a presença boliviana nas confecções de costura”**. Araraquara: 2011. REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão. Disponível: <http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/view/5040/4178>. Acesso: 03/2015.

CYMBALISTA, R. e ROLNIK, Iara. **“A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade”**. São Paulo: Cadernos Metrópole, Vol. 7, 2007. Disponível:

http://web.observatoriodasmetropoles.net/download/cm_artigos/cm17_96.pdf. Acesso: 09/2015.

DERRIDA, Jacques. **“A Língua não pertence: entrevista com Jacques Derrida”**. Tradução não publicada de Carlos Teixeira, 2001.

DUTRA, Eliana de Freitas. **“A Memória em Três Atos: deslocamentos interdisciplinares”**. São Paulo: USP, Vol. 98, 2013. Disponível: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/69271>. Acesso: 08/2015

ENGLE, Lauren B. **“The World in Motion: short essay on Migration and Gender”**. Genebra: IOM, 2004.

FARAH, Ivone. **“Migraciones en Bolivia: estudios y tendencias”** em Umbral 13. Revista del Postgrado en Ciencias del Desarrollo. Dezembro, 2005.

FOUCAULT, M. **“A Arqueologia do Saber”**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, M. **“História da Sexualidade – A vontade de Saber”**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

GASPAR, A. E. **“Gestão Unificada do Sistema Único de Saúde e do Sistema Único de Assistência Social em Pindamonhagaba, São Paulo, no período de 2005 a 2008”**. São Paulo, 2010. Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo – USP.

GAUDEMAR, J. P. de. **“Mobilidade do trabalho e acumulação do capital”**. Lisboa: Estampa, 1977.

GOMES, Manoel William Ferreira. **“Gênero: Machismo e Submissão”**. Ciências Humanas em Revista, v.6, n.1, São Luis/MA, 2008 - ISSN 1678-8192.

GOMES, Paulo C. da C. **“Geografia e Modernidade”**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

Gonçalves, B. D. & Coelho, C. M. S. A. **“História de Vida nas vozes das mulheres – Um recurso metodológico para a escuta de vítimas de violência de gênero. São João de Rei: Pesquisas e Práticas Psicossociais.”** 2008. Disponível: http://www.ufsj.edu.br/porta2repositorio/File/revistalapip/goncalves_coelho_artigo.pdf. Acesso: 10/2015.

GROSSI, Patricia Krieger e WERBA, Graziela C. (org.). **“Violências e Gênero: coisas que a gente não gostaria de saber”**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2001.

HALL, Stuart. **“A Identidade Cultural na Pós-modernidade”**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **“Quem precisa de identidade?”** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HARTMAN, H. **“Capitalism and Women's Work in the Home, 1900-1930”**. Yale University, Ph.D dissertation, 1974.

HARVEY, David. **“Condição Pós-moderna”**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. **“Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho. Humilhação secundária resistência e emancipação”**. São Paulo: Paulinas/SPM, 2004. Disponível:
<https://docs.google.com/file/d/0B6oPLnXRkMRkNzJ2Rko3YVFSOGVPbDBnZldQWERidw/edit?pli=1>. Acesso: 06/2015.

_____. **“Perspectiva sociológica sobre o deslocamento transnacional boliviano”**. 2011. Disponível:
http://diversitas.fflch.usp.br/files/11.%20PAES,%20V.G.%20Perspectiva%20sobre%20o%20deslocamento%20transnacional%20boliviano%20um%20olhar%20sociol%C3%B3gico3_0.pdf. Acesso: 09/2013.

HOSSEINI, K. **“A Cidade do Sol”**. São Paulo: Nova Fronteira, 2007.

IBGE. **Censo 2000**. Brasília, 2010. Disponível: www.ibge.gov.br. Acesso: 03/2015.

_____. **Censo 2010**. Brasília, 2010. Disponível: www.ibge.gov.br. Acesso: 04/2015.

IMILA - *Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica. Banco de dados*. Disponível em:
<https://www.cepal.org/celade/proyectos/migracion/IMILA00e.html>. Acesso: 07/2016

INE. **Estadística Sociales**. Bolívia, 2015. Disponível: <http://www.ine.gob.bo/>. Acesso: 05/2015.

JESUS, E. **“Penha: bairro rural e bairro paulistano. Um estudo do processo de configuração do espaço penhense”**. São Paulo: 2006. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Geografia Humana – FFLCH/USP.

KOSMINSKY, Ethel. **“Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero”**. Florianópolis: Estudos Feministas, setembro-dezembro/2007. Disponível:
<http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v15n03/v15n03a16.pdf>. Acesso: 07/2015.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **“A Estruturação da Grande São Paulo”**. Rio de Janeiro. IBGE 1971.

LEAL, LEAL, I. **“Nota de Abertura de Psicologia da Gravidez e da Maternidade”**, in *Análise Psicológica*, 4 (VIII). 1990.

LEITE, Marcia de Paula. **“Tecendo a precarização: trabalho a domicílio e estratégias sindicais na indústria de confecção em São Paulo”**. Trab. educ. saúde. 2004, vol.2, n.1, pp.57-94. ISSN 1981-7746.

LEDO, Carmen e colaboradores. **“Sistema de Salud de Bolivia”**/ Cuernavaca: Salud Pública México, Vol 53, 2011. Disponível: http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003636342011000800007&lang=pt&tlng=pt. Acesso: 09/2015.

LOPES, S. Lorraine. **“Gênero, lazer e trabalho na produção do cotidiano de mulheres imigrantes ilegais: um estudo psicopolítico com mulheres sul-americanas em São Paulo”**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão de Políticas Públicas) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades/USP.

MADI, Maria Carolina C.; CASSANTI, Ana Carolina; e SILVEIRA, Cássio. **“Estudo das representações sociais sobre gestação em um grupo de mulheres bolivianas no contexto da atenção básica em saúde na área central da cidade de São Paulo”**. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902009000600011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 09/2015.

MAGALHÃES, Giovana Modé. **“Fronteiras do Direito Humano à Educação: Um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo”**. São Paulo: 2010. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo/USP.

MARCILIO, Daniela Signorini. **“Brincadeiras infantis no Município de São Paulo: Penha e Cangaíba entre o passado e o presente”**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.100.2016.tde-09112015-154316. Acesso em: 05/2017.

MARIANO, S. A. **“O Sujeito do Feminismo e o Pós-estruturalismo”**. Florianópolis: Estudos Feministas, setembro-dezembro/2005. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300002/7702>. Acesso: 08/2015.

MARTES, Ana Cristina Braga e FALEIROS, Sarah Martins. **“Acesso dos Imigrantes Bolivianos aos Serviços Públicos de Saúde na Cidade de São Paulo”**. Rev. Saúde Soc. São Paulo, v.22, 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n2/v22n2a08.pdf>. Acesso: 09/2015.

MARTES, Ana Cristina Braga. **“Trabalhadoras Brasileiras em Boston”**. Rev. Travessia/Publicação CEM, Vol. 26, 1996.

MARTIN, Miranda González. **“Una reflexión generizada sobre ‘la experiencia migratoria’ entre mujeres bolivianas residiendo en la ciudad de Buenos Aires”**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, Vol. 9, 2010. Disponível: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298305_ARQUIVO_fazendogenerogonzalezmartin.pdf. Acesso: 07/2015.

MARTINEZ, V. N. **“Equidade em Saúde: o caso da tuberculose na comunidade de bolivianos no município de São Paulo”**. São Paulo: 2010. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo – USP.

MELO, R. A. e CAMPINAS, L. L. S. L. **“Multiculturalidade e morbidade referida por imigrantes bolivianos na estratégia Saúde da Família”**. São Paulo: Revista O Mundo da Saúde, 2010.

MERCE, Kobena. (1990). **“Welcome to the jungle”**. Em J. Rutherford (Org.), Identity. Londres: Lowrence and Wishart

Ministério da Saúde – Brasil. **Cadernos de Atenção Básica, Atenção ao Pré-Natal de Baixo Risco**. Brasília: 2012. Disponível:
http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/caderno_atencao_pre_natal_baixo_risco.pdf. Acesso: 09/2015.

Ministério da Saúde – Brasil. **Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996**. Conselho Nacional de Saúde. Disponível:
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html. Acesso: 09/2017.

NICHOLSON, Linda. **“Interpretando o Gênero”**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFSC, V.8, 2000.

NOVAES, M. M. **“Sujeitas de Direitos: história de vida de mulheres bolivianas, peruanas e paraguaias na cidade de São Paulo”**. Dissertação de mestrado, Programa Pós-Graduação História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 2014. Disponível:
http://www.cosmopolis.iri.usp.br/sites/default/files/trabalhos-academicos-pdfs/2014_MarinaMartinsNovaes_VOrig.pdf. Acesso: 02/2016.

OMS – Bolívia e OPAS. **“Sistema regional de datos en salud – perfil de país: resumen del análisis de situación y tendencias de salud – Bolívia”**. La Paz, 2004. Disponível:
http://www1.paho.org/Spanish/DD/AIS/cp_068.htm. Acesso: 02/2013.

ONSP- Observatório de Indicadores da Cidade de São Paulo. Prefeitura de São Paulo, 2011.
Disponível:<http://observasampa.prefeitura.sp.gov.br/index.php/indicadores/indicadores-por-regiao/>. Acesso: 05/2016

OTIS, K. E. e BRETT, J. A. **“Barriers to hospital births: why do many Bolivian women give birth at home”**. Rev. Panam Salud Publica. 2008.

PAES, Vanessa Genereoso. **“Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar: deslocamentos populacionais entre Brasil e Bolívia”**. São Paulo: 2011. Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo – USP.

PAIVA, O. C. **“A imigração de latino-americanos para São Paulo (Brasil): dois tempos de uma mesma história”**. São Paulo: Pastoral do Imigrante, 2007. Disponível:
<http://www.memorialdoimigrante.org.br/arquivos/artigofranca.pdf>. Acesso: 08/ 2015.

PATARRA, Neide Lopes e BAENINGER, Rosana. **“Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras”**. São Paulo: Rev. bras. Ci. Soc, Vol. 21, 2006. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01029092006000100005&script=sci_arttext. Acesso: 02/2016.

PATARRA, Neide Lopes. **“O Brasil: País de imigração?”** Rev. nº 9 e-metropolis, 2012.

_____. **“Maior número de migrantes de origem latina Migrações Internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volume, fluxos, significados e políticas”**. São Paulo: Perspectiva, nº33.

_____. **“Migrações Internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais”**. São Paulo: Estudo Avançados, nº 57, 2006.

PERES, Roberta Guimarães. **“As mulheres na migração internacional: As diferenças nas estratégias de homens e mulheres ao longo da trajetória migratória”**. Caxambu: 2004. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Disponível: http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_472.pdf. Acesso: 07/2013.

PERES, Roberta Guimarães. **“Presença Boliviana na construção de Corumbá-Mato Grosso do Sul: espaço de fronteira em perspectiva histórica”**. In: Imigração Boliviana no Brasil, de Rosana Baeninger (Org.). Estudos de População da Nepo/Unicamp, Fapesp, CNPq e UNFPA, 2012.

PNUD Brasil – **“Relatório do Desenvolvimento Humano de 2003.”** Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Um Pacto Entre Nações Para Eliminar a Pobreza Humana. Disponível: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2003-portuguese.pdf>. Acesso: 09/2017.

PONCIANO, Levino, **“Bairros Paulistanos de A a Z”**. Editora Senac. Primeira Edição 2001

PÓVOA NETO, Helton. **“Migrações Internas e Mobilidade do Trabalho no Brasil Atual”**. Experimental, nº 2, 1997.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA – Brasil. **Estatuto do Estrangeiro: Lei 6.815/1980**. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6815.htm. Acesso: 05/2013.

_____. **Lei 11.961/2009**. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6893.htm. Acesso: 09/2017.

_____. **Lei da Anistia Migratória: Lei 11.961/2009**. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6683.htm. Acesso: 05/2013.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A.; e VIEIRA, N. F. C. **“Observação Participante Na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na Área da Saúde.”**

Rio de Janeiro: Enferm UERJ, 2007. Disponível: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>. Acesso: 09/2017.

REIS, Livia de Freitas. **“Reflexões sobre ficção e testemunho”**. In: Reis, Livia & VIANNA, Lúcia Helena & PORTO, Maria Bernadete (orgs.). Mulher e Literatura. Vol.1. Niterói, EDUFF, 1999.

REIS, Rossana Rocha. **“A Política do Brasil Para as Migrações Internacionais”**. Contexto Internacional, Vol. 33, 2011. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/cint/v33n1/v33n1a03.pdf>. Acesso: 09/2013.

REIS, Rossana Rocha. **“Os direitos humanos e a política internacional”**. Curitiba: Revista de Sociologia Política, 2006.

REIS, Rossana Rocha. **“Soberania, direitos humanos e Migrações internacionais”**. RBCS, Vol. 19, 2004. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a09v1955.pdf>. Acesso: 06/2013.

RIBEIRO, Heloisa Mazzocante. **“Política Migratória no Brasil Contemporâneo: Limites e Desafios na relação entre Direitos Humanos e Desenvolvimento”**. Brasília: 2007. Dissertação de Mestrado da Universidade de Brasília - UNB.

RODRIGUES, Roberta Alencar; STREY, Marlene Neves; e ESPINOSA, Leonor Cantera. **“Marcas do Gênero nas migrações Internacionais das mulheres”**. Psicologia & Sociedade, 2009. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a16v21n3.pdf>. Acesso: 07/2013.

ROMANELLI, Geraldo e Biasoli-Alves, Z. M. M. (Orgs.) **“Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa”**. Ribeirão Preto-SP: Legis Summa, 1998.

SALADINI, Ana Paula Seffrin. **“Trabalho e imigração: os direitos sociais do trabalhador imigrante sob a perspectiva dos direitos fundamentais”**. Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2011. Dissertação de Mestrado.

SALIM, Celso A. **“Migração: o Fato e a Controvérsia Teórica”**. In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Anais, vol. 3, São Paulo, ABEP, 1992. pp.119-144.

SALLES, Maria do Rosário R. **“Imigração, Família e Redes Sociais: a experiência dos “deslocados de guerra” em São Paulo no pós Segunda Guerra Mundial”**. 2004. Disponível: <http://www.abep.org.br>. Acesso: 05/2015.

SARAMAGO, José. **“As Pequenas Memórias”**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARLO, Beatriz. **“Mulheres, História e Ideologia”**. In Paisagens Imaginárias: intelectuais, arte e meios de educação. São Paulo: EDUSP, 2005.

SASS, Nelson e colaboradores. **“Desfechos maternos e perinatais em gestantes bolivianas no município de São Paulo: um estudo transversal caso-controle”**. Rio de Janeiro: Rev. Bras. Ginecol. Obstet, Vol 32, 2010. Disponível:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-72032010000800007&script=sci_arttext. Acesso: 09/2015.

SAYAD, Abdelmalek. **“A Imigração e os Paradoxos da Alteridade”**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. Recife: SOS Corpo, 1991.

_____. **“O enigma da igualdade”**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005. .

_____. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez. 1995.

SILVA, Sidney. **“Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade”**. São Paulo: Estudos Avançados, 2006. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142006000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 05/ 2016.

_____. **“Costurando Sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes boliviano em São Paulo”**. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. **“Latino-Americanos em São Paulo: aspectos de sua reprodução social e perspectivas”**. In: XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu: 1998. Disponível: <http://www.anpocs.org.br/encontro/1998/1998.html>. Acesso: 09/2013.

SINGER, Paul. **“Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo”**. In: Migração Interna. Textos Seleccionados. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1980.

SORRE, Maximilien. *“Les migrations des peuples. Essai sur la mobilité géographique”*. Paris: Flammarion, 1995. Em especial e reproduzido em português: **Migrações e mobilidade do ecúmeno**. In: Max. Sorre. São Paulo: Ática, 1984.

SOUCHAUD, S. **“A Imigração Boliviana em São Paulo”**. In: FERREIRA, A. et alii (org.) A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **“Pode o Subalterno Falar?”** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STREY, Marlene. **“Gênero”**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TEDESCO, João Carlos. **“O Gênero na Imigração: redefinições de papéis e dinâmicas étnicas”**. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2010. Disponível: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1274892674_ARQUIVO_artigofazendogenero.pdf. Acesso: 09/2013.

TUBERT. **“Mulheres sem Sombra – Maternidade e novas tecnologias reprodutivas.”** Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos. 1996.

UGÁ, Maria Alice e colaboradores. **“Descentralização e alocação de recursos no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)”**. Ciências & Saúde, 2003. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n2/a08v08n2.pdf>. Acesso: 09/2015.

UNFPA Brasil - Relatório Sobre a Situação da População Mundial de 2011. Pessoas e Possibilidades em um mundo de 7 milhões. Produzido pela Divisão de Informações e Relações Externas do Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA. Disponível: <http://unfpa.org.br/Arquivos/swop2016.pdf>. Acesso: 09/2017.

VAINER, Carlos V. **“Reflexões sobre o poder de mobilizar e imobilizar na Contemporaneidade”**. In: PÓVOA NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, pp. 251-274.

VAINER, Carlos B. **“Estado e Migrações no Brasil. Anotações para uma história das políticas migratórias”**. Rev. Travessia, publicação do CEM – ano XIII número 36, Janeiro-Abril, 2005.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *« Les assassins de la mémoire. Un Eichmann de papier et autres essais sur le révisionnisme »*. Paris: La Découverte, 1987.

WALDMAN, Tatiana Chang. **“Movimentos Migratórios sob a Perspectiva de Direito à Saúde: Imigrantes Bolivianas em São Paulo”**. São Paulo: Revista de Direito Sanitário, Vol. 11, 2011.

WEIMBERG, S. **“The treatment of women in immigration history: A call for change”**. In D. Gabaccia (Ed.), *Seeking common ground: Multidisciplinary studies of immigrant women in the United States* (pp. 3-22). Westport, CT: Praeger. 1992.

XAVIER, I. **“A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade Imigração Boliviana no Brasil”**. Rosana Baeninger (Org.). – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

YAHAHUANCA, R. S. A. **“A Experiência de grávide, parto e pós-parto das imigrantes bolivianas e seus desencontros na cidade de São Paulo”**. São Paulo: 2015. Doutorado do Programa Pós-graduação em Saúde Pública – USP.

ZLOTNIK, H. **“The Global Dimensions of Female Migration”**. Migration Information Source, 2003.

7. APÊNDICES

7.1. APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA 1

Este roteiro servirá de base para o roteiro semi-estruturado final que será aplicado com os responsáveis da Coordenadoria Regional de Saúde da região sudeste, Conselho de Saúde, Supervisões de Vigilância e Saúde-SUVIS e Coordenador do STS.

Temas centrais:

- Relação do Estado com o migrante boliviano
- Saúde x migrante
- Imigração x local
- Pertencimento, identidade e local.

Objetivo da Entrevista:

Diagnosticar acerca da população boliviana na região da Penha e Cangaíba, bairro da cidade de São Paulo, constatando a existência de políticas públicas para a população migrante internacional na cidade de São Paulo, em especial as voltadas para a mulher. Pretende-se apontar como a mulher boliviana usufrui do serviço de saúde ligado à maternidade.

1. Conhecer o histórico da pesquisa da entrevistada(o) e o seu cotidiano ligado a minha pesquisa.
2. Experiência da entrevistada(o) junto ao serviço público de saúde da Prefeitura de São Paulo, especificamente UBS e qual a sua percepção no trato do migrante?
3. Conhece alguma experiência que supra a nova demanda desses migrantes internacionais?
4. Quais são os profissionais da UBS que trabalham com essa questão migratória e qual o seu preparo?
5. Qual a visibilidade da migração boliviana para a área da saúde da Prefeitura de São Paulo?

6. Pela sua experiência, existe alguma peculiaridade ou destaque para a mulher boliviana na questão da saúde?
7. Os migrantes Bolivianos/latinoamericanos iniciaram um processo de se adentrarem nas Periferias de São Paulo, no caso zona leste. A entrevistada tem alguma avaliação sobre esse processo?
8. Segundo a experiência da entrevistada, quais são os fatores do cotidiano dos Bolivianos que interferem na sua saúde?
9. Em qual momento os migrantes bolivianos procuram o sistema de saúde, em caso de urgência, como rotina, é possível estabelecer uma relação?
10. Avaliação da trajetória dos migrantes bolivianos na cidade de São Paulo, há relação entre família, saúde e trabalho? Explique essa relação
11. Avaliação da entrevistada com relação a identidade dos migrantes bolivianos e cidade de São Paulo

7.2. APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA 2

Esta descrição servirá de base para o roteiro semi-estruturado final que será aplicado com os servidores e gestores das UBS escolhidas.

Temas centrais:

- Relação do Estado com a migrante boliviana
- Saúde x imigração
- Imigração x território
- Pertencimento, identidade e local.

Objetivo da Entrevista:

Diagnosticar acerca da população boliviana na região da Penha e Cangaíba, bairro da cidade de São Paulo e constatar sobre funcionamento das Unidades Básicas de Saúde quanto ao amparo e encaminhamento de mulheres bolivianas no período de gestação.

- 1) Conhecer o histórico da pesquisa da entrevistada(o) e o seu cotidiano ligado a minha pesquisa.
- 2) Experiência da entrevistada(o) junto ao serviço público de saúde da Prefeitura de São Paulo, especificamente UBS e qual a sua percepção no trato do migrante internacional?
- 3) Esta UBS atende um número considerável de migrantes bolivianas?
- 4) Quais são os profissionais da UBS que trabalham com essa questão migratória e qual o seu preparo?
- 5) Existem programas e projetos específicos para migrantes internacionais nesta unidade? Caso negativo, quais são os projetos da UBS aonde existe a presença de mulheres bolivianas?
- 6) Pela sua experiência , existe alguma peculiaridade ou destaque para a mulher boliviana na questão da saúde?

- 7) Como a mãe boliviana utiliza os serviços voltados a maternidade dentro da UBS?
- 8) Existe dificuldade no entendimento das bolivianas do processo do SUS quanto ao cuidado da maternidade ?
- 9) Em qual momento as migrantes bolivianas procuram o sistema de saúde, em caso de urgência, como rotina, é possível estabelecer uma relação?
- 10) É possível constatar alguma diferença no tratamento de bolivianas e de brasileiras, quanto ao preparo da unidade, ambiente, comunicação, cultura e outros fatores que influenciam na interação?

7.3. APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA 3

Este roteiro servirá de base para o roteiro semi-estruturado final que será aplicado com os responsáveis de organizações sociais de migrantes internacionais.

Temas centrais:

- Relação do Estado com o migrante boliviano
- Saúde x migrante internacional
- Migração internacional x local
- Pertencimento, identidade e local.

Objetivo da Entrevista:

Diagnosticar acerca da população boliviana na região da Penha e Cangaíba, bairro da cidade de São Paulo, constatando a existência de políticas públicas para a população migrante internacional na cidade de São Paulo, em especial as voltadas para a mulher. Pretende-se apontar como a mulher boliviana usufrui do serviço de saúde ligado à maternidade.

- 1) Conhecer o histórico e cotidiano da organização ligados a minha pesquisa.
- 2) Qual a visibilidade da migração boliviana para a área da saúde da Prefeitura de São Paulo?
- 3) Experiência da organização junto ao serviço público de saúde da Prefeitura de São Paulo, especificamente UBS e qual a sua percepção no trato do migrante internacional?
- 4) Pela sua experiência , existe alguma peculiaridade ou destaque para a mulher boliviana na questão da saúde?
- 5) Existe alguma pauta que vocês trabalham a respeito de políticas de maternidade para mulher migrante internacional, como surgiu essa pauta

- 6) Os migrantes Bolivianos/latino americanos iniciaram um processo de se adentrarem nas Periferias de São Paulo, no caso zona leste. A entrevistada tem alguma avaliação sobre esse processo?
- 7) Avaliação da trajetória dos migrantes bolivianos na cidade de São Paulo, há relação entre família, saúde e trabalho? Explique essa relação
- 8) Avaliação da entrevistada com relação a identidade dos migrantes bolivianos e cidade de São Paulo.

7.4. APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA 4

Este roteiro servirá de base para o roteiro semi-estruturado final que será aplicado com mulheres bolivianas nas Unidades Básicas de Saúde –UBS da região Penha e Cangaíba.

Temas centrais:

- Acolhimento do Estado a migrante boliviana
- Saúde x imigração
- Trajetórias das migrantes internacionais
- Inserção no território
- Pertencimento, identidade e local.

Objetivo da Pesquisa:

Pretende-se apontar como a mulher boliviana usufrui do serviço de saúde ligado à maternidade.

- 1) Conhecer a história da entrevistada, desde da sua partida da Bolívia;
- 2) Conhecer as trajetórias da entrevistada até a região da Penha/Cangaíba;
- 3) Como ela conheceu o serviço público de saúde e como foi sua inserção
- 4) Experiência da entrevistada junto ao serviço público de saúde da Bolívia e da Prefeitura de São Paulo, especificamente UBS, e qual a sua percepção?
- 5) Quais são os processos que a entrevistada realiza dentro da UBS para o atendimento?
- 6) Pela sua experiência, existe alguma peculiaridade ou destaque para a mulher no tratamento de mulheres bolivianas nessa UBS?

7.5. APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa de campo referente a pesquisa intitulada “Mulheres bolivianas em São Paulo: saúde pública na zona leste, trajetórias e especificidades”. Desenvolvida por Tatiana Solimeo. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por José Renato de Campos Araújo, a quem poderei consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone: (11)99319-7189 ou e-mail: zrenato@usp.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é proporcionará um quadro analítico referencial para políticas públicas de maternidade, com foco na migrante boliviana da zona leste de São Paulo. Especificamente tratando de assuntos como: I- compreender a relação das migrantes bolivianas com o sistema público de saúde, em especial na UBS; II- Aprofundar os estudos relacionados às políticas-públicas em São Paulo e a relação com a migrante internacional mulher; III- Ampliar o olhar para as questões de gênero ligadas a migrações; IV-Apontar como a mulher boliviana usufrui do serviço de saúde ligado à maternidade; V-Compreender as trajetórias dos migrantes bolivianos em São Paulo; VI- Compreender a inserção territorial dos migrantes bolivianos pela zona leste e VII- Dimensionar os impactos específicos da migração sobre as mulheres.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, ou seja, não será identificado, ninguém saberá que participou desta pesquisa e seus dados pessoais não serão revelados. A participação será por meio de entrevista semi-estruturada.

O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seu orientador. Fui ainda informado(a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou

constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, ____ de _____ de ____

Assinatura da(o) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Versão em espanhol

Declaro, a través de este término, que accedí a ser entrevistado (a) en el campo de la investigación sobre el estudio titulado "La mujer boliviana en Sao Paulo: la salud pública en el lado este, trayectorias y especificidades". Desarrollado por Tatiana Solimeo. Se me informó (a), también, que la investigación está dirigida por José Renato de Campos Araujo, quien pueda consultar en cualquier momento que se considere necesario por teléfono: (11) 99319-7189 o por correo electrónico: zrenato@USP.br.

Yo digo que tomé parte de mi propia voluntad, sin recibir ningún incentivo financiero o tiene alguna carga y con el único propósito de trabajar por el éxito de la investigación.

Se me informó de los objetivos estrictamente académica del estudio, que, en general, que proporcionará un marco analítico de referencia para las políticas públicas de la maternidad, centrándose en migrante boliviana zona este de Sao Paulo. Específicamente estamos abordando cuestiones tales como: I- entienden la relación de los migrantes bolivianos en el sistema de salud pública, especialmente en UBS; II- profundizar en los estudios relacionados con la política pública de Sao Paulo y la relación con las mujeres inmigrantes; III Ampliar mira las cuestiones de género relacionadas con la migración; IV-Point como la mujer boliviana cuenta con el servicio de salud conectada a la maternidad; V-comprensión de las trayectorias de los migrantes bolivianos en São Paulo; VI La comprensión de la integración territorial de los migrantes bolivianos pela Zona leste y VII Escala de los impactos específicos de la migración en las mujeres.

También me informó (a) que la información de utilidad para mí ofrecidos están sujetos a normas éticas para la investigación en seres humanos, la Comisión Nacional de Ética de la Investigación (CONEP) del Consejo Nacional de Salud, el Ministerio de Salud. Mi colaboración se hará de forma anónima, es decir, no será identificado, no será compartida nadie sabrá que participaron en esta encuesta y sus datos personales. La participación será a través de entrevista semiestructurada.

El acceso y el análisis de los datos recogidos sólo por el investigador y su supervisor. También me informó (a) que me puedo retirar esta búsqueda en cualquier momento, sin perjuicio de mis suscripciones o incurrir en sanciones o restricciones. Certificar la

recepción de una copia firmada de las presentes Condiciones de Consentimiento, según lo recomendado por la Comisión Nacional de Ética de la Investigación (CONEP).

São Paulo, ____ de _____ de ____

Participante Firma: _____

Firmada por el investigador: _____

8. ANEXO

8.1. ANEXO I - Canção Latinoamerica – Calle 13

Soy,
 Soy lo que dejaron,
 soy toda la sobra de lo que se robaron.
 Un pueblo escondido en la cima,
 mi piel es de cuero por eso aguanta
 cualquier clima.
 Soy una fábrica de humo,
 mano de obra campesina para tu
 consumo
 Frente de frio en el medio del verano,
 el amor en los tiempos del cólera, mi
 hermano.
 El sol que nace y el día que muere,
 con los mejores atardeceres.
 Soy el desarrollo en carne viva,
 un discurso político sin saliva.
 Las caras más bonitas que he conocido,
 soy la fotografía de un desaparecido.
 Soy la sangre dentro de tus venas,
 soy un pedazo de tierra que vale la
 pena.
 soy una canasta con frijoles ,
 soy Maradona contra Inglaterra
 anotándote dos goles.
 Soy lo que sostiene mi bandera,
 la espina dorsal del planeta es mi
 cordillera.
 Soy lo que me enseñó mi padre,
 el que no quiere a su patria no quiere a
 su madre.

Soy América latina,
 un pueblo sin piernas pero que camina.
 Tú no puedes comprar al viento.
 Tú no puedes comprar al sol.
 Tú no puedes comprar la lluvia.
 Tú no puedes comprar el calor.
 Tú no puedes comprar las nubes.
 Tú no puedes comprar los colores.
 Tú no puedes comprar mi alegría.
 Tú no puedes comprar mis dolores.
 Tengo los lagos, tengo los ríos.
 Tengo mis dientes pa` cuando me
 sonrío.
 La nieve que maquilla mis montañas.
 Tengo el sol que me seca y la lluvia que
 me baña.
 Un desierto embriagado con bellos de
 un trago de pulque.
 Para cantar con los coyotes, todo lo que
 necesito.
 Tengo mis pulmones respirando azul
 clarito.
 La altura que sofoca.
 Soy las muelas de mi boca mascando
 coca.
 El otoño con sus hojas desmalladas.
 Los versos escritos bajo la noche
 estrellada.
 Una viña repleta de uvas.
 Un cañaveral bajo el sol en cuba.